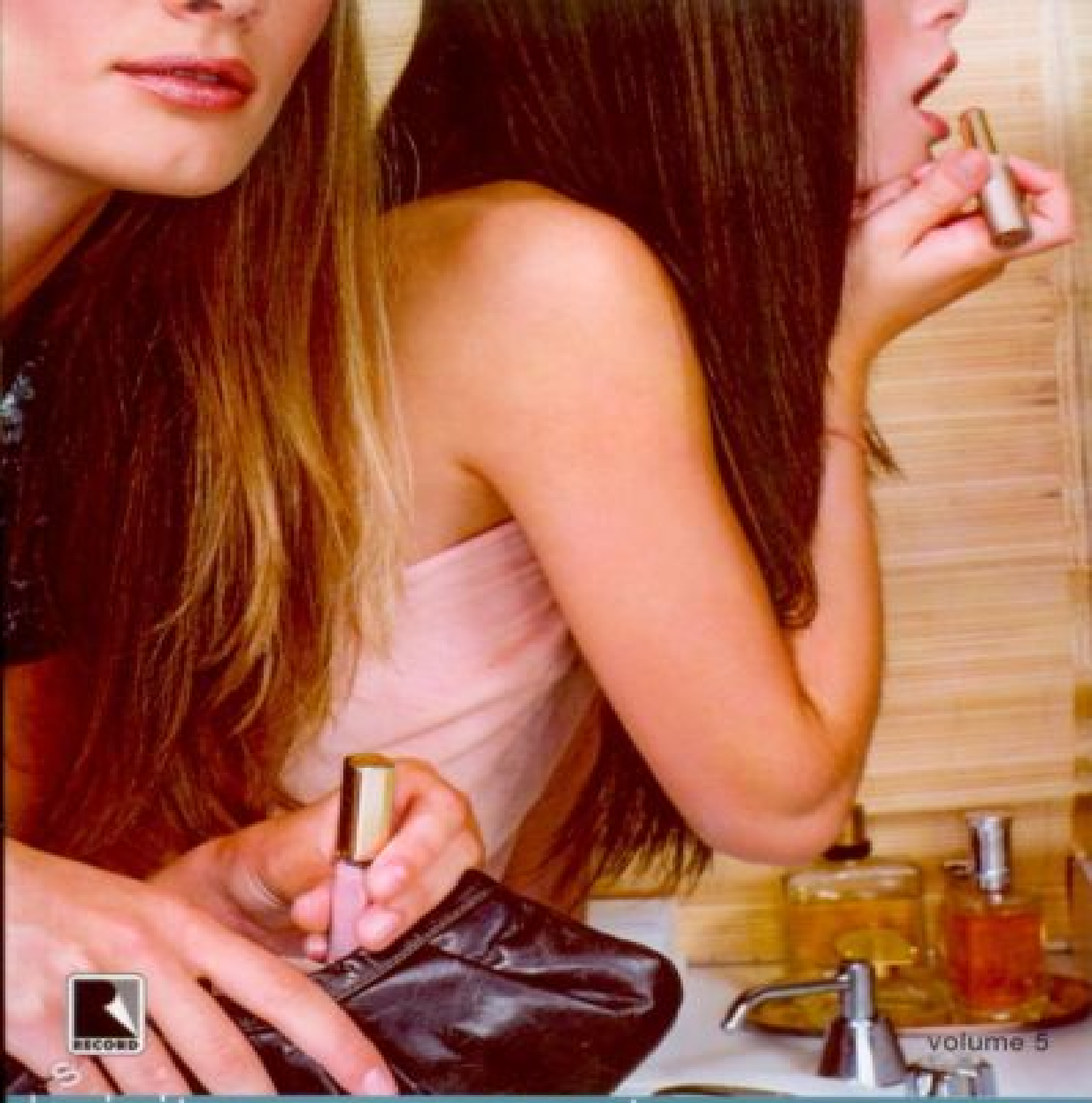


volume 5

do jeito que eu gosto

gossip girl

Cecily von Ziegesar



Contra capa:

Adolescentes adoram fofocar em qualquer lugar do mundo, mas no mundinho fabuloso dos jovens da alta sociedade nova-iorquina as fofocas são sempre mais divertidas, sem que seja pelas suas roupas caras de estilistas famosos, pelas casas de férias em lugares hiperchiques, pelos litros de bebidas que consomem ou pelas brigas sem qualquer motivo.

Em Gossip Girl, iremos conhecer o universo quase secreto dos alunos de tradicionais escolas particulares para meninas e meninos, onde nem mesmo os horríveis uniformes conseguem esconder a beleza desses afortunados. Todos moram nos endereços mais caros da cidade, em apartamentos suntuosos com

vista para o Central Park. Herdaram os traços clássicos de suas famílias aristocráticas e não têm muito com o que se preocupar: podem beber à vontade, contanto que não deixem seus pais constrangidos; são inteligentes; têm toneladas de privacidade e, no máximo, ficam um pouco nervoso quando o assunto é sexo ou decidir em qual universidade irão se inscrever. Mas tudo sempre com muita classe, of course.

Neste Gossip Girl: do jeito que eu gosto há muita expectativa no ar, pois as férias de primavera estão chegando. Serena e Blair estão de malas prontas para muita diversão e esqui em Sun Valley, para onde vão em companhia de Eric, o gatíssimo irmão de Serena por quem Blair se descobre loucamente interessada. Nate também parte para a estação de esqui, e só pensa nos momentos incríveis que vai passar com sua bela e doida namorada.

Mas as novidades também não dão trégua aos que ficam em Nova York: Dan é convidado a estagiar numa renomada revista literária e se sente atraído por alguém diferente; Jenny se depara com chocantes descobertas sobre seu adorado Leo; Vanessa está cheia de novidades, incluindo um novo namorado... E toda essa movimentação só suscita – e ressuscita – novas e antigas questões: Blair perderá a virgindade com o irmão de sua melhor amiga? Dan vai se apaixonar? Um novo amor fará com que Vanessa se esqueça de Dan? Gossip girl finalmente se revelará?

Considerada a *Sex and the City* para adolescentes, Gossip Girl é uma das séries mais lidas pelos jovens americanos, com mais de um milhão e meio de exemplares vendidos. Os fãs de *Segundas Intenções, The O.C., Gilmore Girls* vão se deliciar com a alta dose de drama, romance, intriga e, claro, muita fofoca. Um dos motivos que torna esta série tão real é que sua autora, Cecily von Ziegesar, foi criada na alta-roda nova-iorquina e foi aluna de um dos mais chiques colégios da cidade, convivendo com pessoas tão requintadas, elegantes, fúteis e divertidas como os personagens que criou. Atualmente, ela escreve outros livros da série enquanto cuida dos filhos.

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas *Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.*

oi, gente!

Obrigada a todos por virem à minha festa na semana passada.

Eu teria escrito antes, mas, sinceramente, precisei de muito tempo para me recuperar. Sei que foi mesmo meio louco dar uma festa numa segunda a noite, mas a semana não voou depois dela? Tenho certeza absoluta de que todos vocês ainda estão tentando adivinhar se eu era a loura magrela com os Jimmy Choos verde-esmeralda ou o cara alto e negro com os maravilhosos cílios falsos azul-safira. E foi tão meigo que vocês tenham me dado presentes - especialmente o adorável filhote de poodle caramelo - quando nem sabiam quem eu era! A verdade é que eu meio que gosto de ser uma mulher internacional cheia de mistério. Então, por enquanto, vou manter minha identidade para mim mesma, embora isso seja frustrante. Pense nisso como uma diversão dos dias intermináveis de espera para descobrir se entramos na universidade, um quebra-cabeça para montar enquanto suportamos o estresse e o tédio destas semanas amargas de março.

Não que a gente realmente precise de diversão. Temos muito com o que nos distrair –

lindas roupas de grife, enormes apartamentos no Upper East Side com empregados, várias casas de campo e retiros de feriados, cartões sem limite de crédito, lindos diamantes, carros sensacionais (embora a maioria de nós ainda nem tenha carteira de habilitação) e pais bobalhões que nos deixam fazer absolutamente o que quisermos, desde que não criemos constrangimento para a família. Além disso, as férias de primavera estão chegando, dando um monte de tempo livre para ficarmos ocupados.

Flagra

S andando pela **Madison Avenue** desenhando bigodes naqueles lindos cartazes de propaganda do novo perfume da **Les Best**, o **Lágrimas de Serena**. ***B*** na **Sigerson Morrison** na **Prince Street**, entregando-se a seu fetiche por sapatos. ***N*** depositando uma sacola de compras cheia de papel de cigarro, prendedores de cigarro, cachimbos e isqueiros na lixeira da rua 86 leste. ***D*** fumando um cigarro na plataforma do metro na 72

com a Broadway tarde da noite, desafiando os guardas de trânsito a prenderem-no e lhe darem o muito necessário material para sua poesia. ***J*** com a nova amiga, ***E***, e o namorado, ***L***, bisbilhotando pelo distrito de arte de Chelsea – abominavelmente sofisticado para um bando de alunos do primeiro ano. Peraí, acho que ele pode mesmo estar no segundo - alguém aí sabe realmente alguma coisa sobre esse cara?! ***V*** e a irmã mais velha roqueira largando sacos de lixo na calçada do prédio em que moram em Williamsburg. Faxina de primavera? Ou talvez o corpo de ***D*** todo retalhado? Eca!

Desculpe, essa foi podre.

Seu e-mail

P: Cara gossipgirl,

estou ficando frustrada porque vc nunca vai dizer a gente quem vc é. pq eu queria mesmo te conhecer pessoalmente, sabe como é, talvez eu já conheça! pelo q sei, vc basicamente admitiu q está no terceiro ano da constance.

naum é?

- curiosa

R: Cara curiosa,

Eu não vou ceder e dar meu endereço aqui e agora, nem dizer a você em que ano estou.

Se você fosse cool o bastante para ir a minha festa, podia ter me visto, embora em geral eu fique completamente cercada por minha... comitiva e seja difícil ate dar uma olhada em mim. Continue curiosa. Um dia você pode descobrir.

- GG

P: Cara GG,

Você tem de ser gostosa, porque, se não for, vai ser bem difícil para você depois que todo mundo souber quem você é. Tipo assim, ela era só uma baranga invejosa!

- wise

R: Caro wise,

Você nem sabe o significado de gostosa, e só vai saber quando me conhecer, o que provavelmente jamais acontecerá.

- GG

AGORA SOBRE AQUELA *COISA* QUE VEM APOQUENTANDO

SECRETAMENTE VÁRIOS DE NÓS...

Ir para a faculdade virgem ou não?

Vamos tomar uma providência com relação a isso agora mesmo com um cara que conhecemos há anos? Vamos nos livrar disso nas férias de primavera? No verão? Ou vamos nos estabelecer nos nossos alojamentos do jeito que estamos, atrevidas mas inocentes, prontas para perdê-lo com o primeiro galinha do campus que disser "Vem cá, gostosa"? Talvez a gente deva só ouvir nossa mãe e as irmãs mais velhas e "esperar pela época certa", sei lá o que isso significa. É claro que algumas de nós cortaram esse problema pela raiz há muito tempo, optando por passar os anos de universidade concentradas em coisas mais importantes, como geologia e Freud.

Não. Encare a realidade: mesmo que não seja mais virgem agora, você vai se sentir virgem de novo no minuto em que chegar ao campus. E isso é bom.

Obrigada novamente por meus presentes! Um beijão... vocês são demais!

Pra você que me ama,

gossip girl

não há lugar como o nosso lar

- Pra que ilha a gente vai, afinal? - perguntou Blair Waldorf a mãe. Eleanor Waldorf Rose estava empoleirada na beira da cama de Blair, vendo a filha se arrumar para a escola enquanto discutiam as férias de primavera.

- Oahu, querida. Acho que disse a você. Vamos para aquele resort no North Shore, para que os meninos possam aprender a surfar. - Eleanor passou as mãos em concha na barriga de-quase-sete-meses-de-gravidez e fez uma careta para as paredes creme como se tentasse receber as vibrações do bebê com relação ao papel de parede preferido dele. Ela ia dar a luz em junho e Blair entraria para a faculdade logo em seguida. Hoje Eleanor e o decorador discutiriam os planos de transformar o quarto de Blair no quarto de um bebezinho.

- Mas nós já fomos a Oahu - lamentou Blair dramaticamente.

Ela sabia havia semanas que eles iam passar as férias de primavera no Havaí, mas até agora não tinha pensado em perguntar onde. Blair fechou a gaveta da cômoda de mogno antiga e parou diante do espelho de corpo inteiro nas costas da porta do armário, enfeitando-se. O cabelo castanho quase à escovinha estava elegantemente desgrenhado; a cashmere branca de gola em V era decotada o bastante para sugerir um pouco do colo sem que ela precisasse se preocupar em ser mandada para a Sra. M, a diretora, por se vestir como uma puta; e os novos sapatos turquesa sem salto Sigerson Morrison ficaram tão maravilhosos com as pernas nuas que ela decidiu não vestir a malha, embora estivesse fazendo um mês de março incomumente frio e ela fosse congelar desse jeito. - Eu queria ir a um lugar novo - acrescentou ela, fazendo beicinho para o espelho enquanto aplicava uma segunda camada de brilho labial Chanel.

- Eu sei, meu bem. - Eleanor se levantou da cama e se agachou para olhar uma tomada elétrica que parecia potencialmente perigosa no rodapé perto da janela. Depois que a decoração acabasse, ela teria de contratar alguém para deixar toda a casa a prova de bebês. - Mas você nunca foi ao North Shore. Aaron disse que tem o melhor surfe do mundo.

Para consternação de Blair, a mãe estava usando a calça de um agasalho de veludo bege com a palavra Suculenta no traseiro.

Alô-ô, inadequado?!

- Então minha preferência não conta mais? – retrucou Blair. Ela arrastou a bolsa de carneiro azul-bebê para fora do armário e enfiou as coisas da escola nela. - Primeiro você me expulsa do meu quarto e agora não posso falar do lugar onde vamos passar as férias?

- Agora mesmo os meninos estão comprando umas coisas de surfe para a nossa viagem.

Você podia dar uma olhada rápida no computador do Aaron. Veja se tem algo que você queira - respondeu a mãe, distraída. Agora ela estava de quatro, contornando o quarto, verificando qualquer perigo que pudesse estar de tocaia a altura de um bebê. - Sabe de uma coisa, eu estava pensando mesmo em abacate para o esquema de cores... é tão de menininha, mas não fica radical demais? Mas agora estou pensando que talvez um amarelo esverdeado fique ainda melhor. *Endívia*.

Para Blair, era o bastante. Ela não queria ir para Oahu, não estava interessada em comprar equipamento de surfe, não queria falar de esquemas de cores para o quarto do bebê idiota e certamente não precisava ver a palavra Suculenta na bunda gorda e grávida da mãe por nem mais um minuto. Com um último borrifo do perfume Marc Jacobs favorito, ela foi para a escola sem nem mesmo se despedir.

- Aí, Blair. Vem cá um minuto! - gritou do quarto o meio-irmão de 17 anos quando ela passou.

Blair parou e enfiou a cabeça pela porta do quarto. Aaron e o irmão dela de 12 anos, Tyler, estavam dividindo a cadeira de fibra natural de Aaron - bem fraternais – enquanto encomendavam roupa de surfe *online* com o cartão de crédito de Cyrus Rose.

- Tyler tinha parado de pentear o cabelo numa tentativa de fazer dreadlocks como Aaron, e parecia ter uma espécie de fungo capilar maluco. Blair mal conseguia acreditar que esse era o quarto em que ia ter de morar ate ir para a universidade.

A colcha de cânhamo e o carpete de alga natural de Aaron estavam cobertos de capas de velhos discos de reggae, garrafas de cerveja e roupa suja de Aaron, e o quarto fedia aos cigarros naturais e aqueles revoltantes cachorros-quentes de soja que ele sempre comia –

crus.

- Qual é o seu número? - perguntou Aaron. - A gente pode comprar uma camiseta de neoprene para você. Evita o atrito da prancha.

- As cores são legais - acrescentou Tyler, entusiasmado. - Verde-néon, por aí.

Blair não ia ser vista nem morta usando verde-néon, e muito menos neoprene verde.

Ela podia sentir o lábio inferior tremendo, com um misto de pavor e mágoa sobrepujando-a. Aqui estava ela, as sete e meia da manhã, e já a beira das lágrimas.

- Achei! - Cyrus Rose, o padrasto desagradável, gritou atrás dela. Ele saiu gingando do quarto principal para o corredor usando apenas um roupão de seda vermelha preso com um nó perigosamente frouxo. O bigode eriçado e grisalho precisava ser aparado e a cara gorda estava vermelha e gordurosa. Ele acenou uma enorme sunga laranja para Blair.

Tinha uns peixinhos azuis impressos nela e teria sido meio bonitinha em qualquer pessoa, menos nele.

- Adorei esta aqui. Os meninos vão pedir para mim uma neoprene para combinar! -

anunciou ele, feliz.

A idéia de passar o feriado de Páscoa vendo Cyrus bancando o idiota numa prancha de surfe, usando sunga laranja e neoprene da mesma cor foi o bastante para levar Blair as lágrimas. Ela escapuliu pelo corredor para o vestíbulo, puxou o casaco do armário e correu para encontrar a melhor amiga.

Esperava que Serena pensasse em alguma coisa - qualquer coisa - para animá-la.

Como se isso fosse possível.

s tem uma idéia de gênio

Serena van der Woodsen bebia o latte e olhava de esguelha para a Quinta Avenida de seu poleiro na escadaria do Metropolitan Museum of Art. a cabelo louro-claro abundante cobria o capuz do casaco de cashmere branco acinturado e caia nos ombros. Lá estava, de novo, na lateral do ônibus M 102 – O anúncio do Lágrimas de Serena. Ela não tinha problema com o modo como aparecia na foto. Gostava de como o vento frio chicoteava seu vestido de verão amarelo entre os joelhos bronzeados de St. Barts e como, embora ela só estivesse calçando sandálias e um vestido leve no meio do Central Park em fevereiro, o arrepio que sentira nos braços e pernas fora cuidadosamente retocado. Ela até gostava de como ficou sem batom, e assim seus lábios perfeitamente cheios pareciam meio rachados e arroxeados. Eram as lágrimas nos enormes olhos azul-escuros que a incomodavam. É claro que era o que tinha levado a Les Best a batizar o novo perfume de Lágrimas de Serena, mas o verdadeiro motivo para Serena ter chorado na foto foi porque era o dia - não, o exato *minuto* - em que Aaron Rose (por quem Serena tinha certeza de estar apaixonada, pelo menos por uma semana) a havia magoado. E o que a incomodava, o que a fazia se sentir como se chorasse tudo novamente, era que, agora que eles tinham terminado, ela não tinha ninguém para amar e ninguém que a amasse.

Não que ela não amasse quase todos os caras que conhecera, e não que todo cara do mundo não fosse totalmente apaixonado por *ela.* Era impossível *não* ser. Mas ela queria alguém para amá-la e inundá-la de atenção como só um cara que estava *completamente* apaixonado por ela podia fazer. Esse amor raro. O amor *verdadeiro.* O tipo de amor que ela nunca teve.

Sentindo-se incomumente sombria e melancólica, ela pegou um cigarro Gauloises na amarfanhada bolsa Chanel de veludo cotelê preto e acendeu só para vê-lo queimar.

- Eu me sinto feia como este clima - murmurou Serena, mas depois abriu um sorriso quando viu a melhor amiga, Blair, subindo os degraus em direção a ela. Pegou o latte extra que tinha comprado, levantou-se e estendeu-o para Blair. - Demais, os sapatos -

assinalou ela, admirando a mais recente compra de Blair.

- Pode pegar emprestado - ofereceu Blair generosamente. - Mas vou te matar se você derramar alguma coisa neles. - Ela puxou a manga de Serena. - Vem, vamos chegar atrasadas.

As duas meninas desceram lentamente a escada e subiram a Quinta Avenida na direção da escola, bebendo o café enquanto prosseguiam. Um vento frio soprava através dos galhos nus das árvores no Central Park, fazendo-as tremer.

- Meu Deus, está frio - sibilou Blair e enfiou a mão livre no bolso do casaco de cashmere branco de Serena do modo como só uma grande amiga faria. - Mas aí - começou a falar.

Tinha controlado as lágrimas, mas a voz ainda estava meio instável. - Não só minha mãe fica zanzando pela casa, tipo assim, alisando os ovários dela,como hoje o decorador vai transformar *meu* quarto num parquinho de bebê, em tons de chicória e *cu!*

De repente O desejo de Serena por amor parecia meio banal. Os pais deLa não se divorciaram porque O pai era gay; a mãe dela não estava grávida; o meio-irmão não tinha dado em cima dela, depois da melhor amiga e depois deu o fora nas duas; e ela não ia ser obrigada a mudar de quarto. Não só isso, ela não era virgem na idade avançada de 17

anos e não tinha beijado o entrevistador de Yale e depois quase perdido a virgindade para o ex-aluno de Yale que fez outra entrevista, avacalhando completamente as chances de entrar para a universidade. Aliás, ao pensar realmente no assunto, Serena via que sua vida era um mar de rosas se comparada com a de Blair.

- Mas você pegou o quarto do Aaron, né? E acabou de ser redecorado para ele... é legal.

- Pra quem gosta de cortinas de cânhamo e móveis de folha de ginkgo ecologicamente corretos - zombou Blair. - Além disso, Aaron é um idiota. Ir a Oahu para passar as férias de primavera foi totalmente idéia dele.

Serena não achava que Oahu parecesse tão ruim, mas não queria contradizer Blair quando ela estava de mau humor e corria o risco de furar os olhos dela. As duas meninas atravessaram a rua 86 no sinal aberto, esbarrando uma na outra enquanto corriam para escapar de serem atropeladas por um táxi. Quando

chegaram à calçada, Serena de repente parou, os olhos azuis enormes brilhando de empolgação.

- Ei! Por que não vem morar *comigo?*

Blair se curvou para abraçar as pernas nuas e congeladas.

- Será que a gente pode continuar andando? – perguntou ela, rabugenta.

- Você pode morar no quarto do Erik- continuou Serena, animada. - E pode deixar Oahu pra lá e ir esquiar em Sun Valley com a gente!

Blair parou e soprou no café, espiando a amiga através do vapor. Desde que Serena voltou do internato, Blair a odiava totalmente, mas às vezes a amava totalmente. Ela tomou o último gole e atirou o copo meio cheio numa lixeira.

- Me ajuda a fazer a mudança depois da aula?

Serena passou o braço pelo de Blair e cochichou no ouvido dela:

- Você *sabe* que me ama.

Blair sorriu e pousou a cabeça exausta de problemas no ombro de Serena enquanto as duas viravam a direita na rua 93. Algumas centenas de metros alem ficavam as grandes portas azul-real da Constance Billard School for Girls. Meninas de rabo-de-cavalo com as saias cinza pregueadas do uniforme andavam em círculos na calçada, tagarelando enquanto a notória dupla de veteranas se aproximava.

- Ouvi dizer que Serena conseguiu um baita contrato de modelo depois que fez o anúncio do perfume. Ela vai trazer o filho de volta da França. Sabe qual é, aquele que ela teve no ano passado antes de voltar para a cidade. Todas as supermodelos tem bebes - piou Rain Hoffstetter.

- Eu soube que ela e Blair vão pegar um apartamento no centro e criar o bebê sozinhas em vez de ir para a faculdade.

Blair decidiu *nunca* transar com homens, e obviamente Serena teve sexo suficiente para a vida toda. Olha só pra elas - entoou Laura Salmon. - Lésbicas totais.

- Aposto que elas pensam que estão fazendo alguma grande declaração feminista ou coisa assim - observou Isabel Coates.

- É, mas elas não vão se sentir tão bem com isso quando os pais delas, tipo assim, forem obrigados a *deserdar* as duas - afirmou Kati Farkas. A primeira sineta tocou, levando as meninas para dentro da escola.

- Oi - disseram Serena e Blair enquanto passavam pelo grupo de meninas ao entrar.

- Sapato bacana! - Rain, Laura, Isabel e Kati cantarolaram em resposta, embora só Blair estivesse usando sapatos novos. Serena estava com as mesmas botas de camurça marrom surradas que usava desde outubro. Blair sempre teve os melhores sapatos e as melhores roupas, e Serena sempre era linda, de qualquer forma, mesmo com as roupas rasgadas e queimadas de cigarro do internato. E esse era outro motivo para odiar a dupla, ou amá-la, dependendo de quem você fosse e de seu estado de espírito.

o único careta no time de lacrosse

- Peguei! - Nate Archibald girou o bastão de lacrosse sobre a cabeça, rebateu a bola e a atirou com habilidade para Charlie Dem. Seu rosto vermelho estava sujo de terra e os cachos castanho-dourados estavam colados de suar e pedaços de grama seca do Central Park, fazendo com que ele parecesse ainda mais gostoso do que o modelo mais gostoso de todo o catálogo da Abercrombie & Fitch. Ele levantou a camisa para enxugar o suor dos olhos verdes brilhantes, e até os pombos empoleirados nas mores piaram de prazer com essa visão. O grupo de calouras do Seaton Arms que assistia da lateral deu risadinhas de excitação.

- Caraca. Ele deve ter malhado muito na prisão – disse uma menina a meia-voz.

- Ouvi dizer que os pais dele vão mandá-lo para o Alasca depois da formatura, pra trabalhar numa fabrica de atum enlatado - cochichou a amiga dela. - Eles estão preocupados que ele volte a traficar drogas se for para a faculdade.

- Eu soube que ele tem um problema cardíaco bem raro.

Ele tem de fumar maconha para não ter ataques – acrescentou outra. - Na verdade, é meio cool.

Nate deu um sorriso distraído para elas e as meninas fecharam os olhos para não despencarem no chão. *Meu Deus,* ele é perfeito.

Era o início da temporada e ainda não tinham apontado nenhum capitão do time, então cada garoto dava o máximo de si. Depois das jogadas de sempre, o treinador Michaels pediu a eles que fizessem uns lançamentos livres. Nate estava lançando com o amigo Jeremy Scott Tomkinson quando ouviu o celular tocar na pilha de casacos. Ele acenou para Jeremy e correu para atender.

Georgina Spark, namorada de Nate há semanas, estava morando em uma clínica exclusiva de reabilitação de drogas e álcool em sua cidade natal de Greenwich, Connecticut, e só tinha permissão para dar telefonemas vigiados em determinadas horas do dia. Da última vez em que Nate perdeu um telefonema dela, ela ficou tão arrasada que tomou um porre e depois foi encontrada no telhado da clínica, mascando chiclete Nicorette e cheirando um frasco de removedor de esmalte, coisas que tinha roubado da bolsa de uma enfermeira.

- Você está ofegando - observou Georgie timidamente quando Nate atendeu. - Estava pensando em mim?

- Estou no treino de lacrosse - explicou ele. O treinador Michaels cuspiu ruidosamente na grama só a alguns metros de distância. - Mas acho que está acabando. Você está bem?

Como sempre, Georgie ignorou a pergunta.

- Adoro o jeito como você está todo atlético, saudável e sem química, e eu aqui nesta prisão, definhando de saudade de você. Como uma princesa de conto de fadas.

Ou não.

Algumas semanas antes, Nate foi pego pelos tiras enquanto comprava uma trouxinha de erva no Central Park e foi mandado para a reabilitação na Breakaway, em Greenwich.

Nate conheceu Georgie na terapia de grupo. Uma noite, durante uma tremenda tempestade de neve, Georgie convidou Nate para ir à mansão dela para namorar. Eles ficaram chapados juntos e depois Georgie desapareceu no banheiro para tomar comprimidos controlados. Logo ela desmaiou de calcinha na cama e Nate

não teve absolutamente nenhuma alternativa a não ser ligar para o pessoal da Breakaway para que viessem pegá-la. E desde então eles estavam namorando.

Este seria um conto de fadas meio tosco.

- Então o motivo para eu ligar é... - cantarolou Georgie no telefone.

Os colegas de time de Nate se reuniram em volta dele, pegando os casacos e tilitando as garrafas de Gatorade que tinham trazido. O treino acabara. O treinador Michaels cuspiu um catarro preto perto da ponta do tênis de Nate e apontou um indicador nodoso para ele.

- É melhor eu ir - disse Nate a Georgie. - Acho que o treinador quer me indicar como capitão.

- Capitão Nate! - guinchou ela ao telefone. – Meu capitãozinho lindo!

- Então eu te ligo depois, tá legal?

- Peraí, peraí, peraí! Eu só queria que você soubesse que consegui que minha mãe convencesse esses macacos a me deixarem sair nos sábados, desde que eu esteja com um adulto ou mentor responsável. Então vamos para a casa de esqui da minha mãe no Sun Valley nas suas férias de primavera, tá bom? Você vem?

O treinador Michaels grunhiu alguma coisa para Nate e pôs as mãos nos quadris de velho.

Mas Nate não precisava pensar por muito tempo na pergunta de Georgie. Sun Valley parecia um inferno muito melhor do que fazer reparos no velho catamarã do pai na casa de verão em Mt. Desert, no Maine.

- É claro que eu vou.Claro que sim. Olha, eu tenho de ir.

- Oba! - gritou Georgie. - Eu te amo – acrescentou ela com a voz rouca e depois desligou.

Nate atirou o celular em cima do casaco de lã azul-marinho Hugo Boss e esfregou as mãos com energia. Os colegas de time já haviam ido para casa.

- Que foi, treinador?

O treinador Michaels deu um passo na direção dele, sacundindo a cabeça enquanto puxava o ranho das vias nasais.

Mas que eca.

- No ano passado eu quase fiz de você o capitão, quando o Doherty machucou o joelho -

disse o treinador. Ele cuspiu e sacudiu a cabeça de novo. - Ainda bem que não fiz.

Epa.

O sorriso de esperança de Nate entortou um pouco.

- Por que isso?

- Porque você não foi feito para ser capitão, Archibald! -ladrou o treinador. - Olha pra você, tagarelando no telefone como um playboy enquanto o resto do time esta lá, dando duro. E não pense que não sei sobre sua prisão por drogas. - Ele deu uma rosnadinha. -

Você não e líder, Archibald. - Ele cuspiu novamente e deu as costas para Nate, enfiando as mãos nos bolsos da parca vermelha Lands' End enquanto se afastava. - Você é só um monte podre de decepção.

- Mas eu nem tenho fum... - gritou Nate para ele, a voz falhando no vento. O céu era de um cinza de aço e os galhos nus das arvores estalavam e gemiam. Nate ficou de pé sozinho na grama marrom de março, segurando o bastão de lacrosse e tremendo um pouco de frio. Seu pai era um ex-capitão da marinha, então ele estava acostumado a desprezar velhas figuras de autoridade arrotando poder com seus sermões.

Mas ainda era muito ultrajante que o treinador Michaels pensasse que o único sujeito careta no time não era adequado para ser o capitão. O treinador nem mesmo lhe deu a oportunidade de se defender.

Ele se curvou e pegou o casaco. Se estivesse chapado agora, teria dado um sorriso sereno para as acusações do treinador e acendido um baseado. Em vez

disso, jogou o casaco nos ombros, mostrou o dedo médio para as costas do treinador e arrastou-se pela campina que escurecia em direção a Quinta Avenida.

Charlie, Jeremy e Anthony Avuldsen estavam esperando por ele no caminho que saía do parque. Anthony era doidão demais ate para praticar esporte, a não ser pelo jogo ocasional de futebol no parque, mas ele sempre encontrava os rapazes depois do treino com baseados já apertados e um grande sorriso na cara sardenta de cavanhaque louro.

Devagar, os garotos saíram do parque e foram para a Quinta Avenida.

- Cara, ele te nomeou capitão, não foi? – perguntou Charlie, a voz falhando como sempre acontecia quando ele estava chapado, o que significava basicamente o tempo todo.

Nate pegou a garrafa de Gatorade azul da mão de Charlie e tomou um gole. Embora aqueles caras fossem seus melhores amigos, ele não ia contar o que tinha acontecido.

- O treinador me ofereceu, mas eu recusei. Quer dizer, não tenho certeza se já estou na Brown, de qualquer forma, então não é que eu precise do titulo de capitão de lacrosse no meu histórico escolar. E provavelmente vou perder alguns jogos de fim de semana saindo com a Georgie em Connecticut. Eu disse ao treinador para dar a um calouro.

Os três garotos ergueram a sobrancelha, surpresos e admirados.

- Meu Deus, cara – disse Jeremy num sussurro. – Isso é, tipo assim , *grande* da sua parte.

De repente Nate sentiu o tipo de rubor que podia ter sentido se realmente tivesse dito ao treinador para fazer de capitão um calouro em vez dele. Como ele *teria sido* grande se isso realmente tivesse acontecido.

- É, isso aí. - Ele sorriu, pouco à vontade, e abotoou o casaco. Não só tinha mentido sobre a oferta da posição de capitão do treinador, como também mentira sobre suas chances de ser aceito na Brown. É claro que seu pai tinha ido lá e é claro que ele fez uma entrevista de arrasar, mas ele estava chapado como uma fatia de pão em cada prova e teste padronizado que fizera desde o primeiro ano, então suas notas mal passavam de medíocres.

- Toma. - Anthony estendeu um baseado aceso. Ele tinha a tendência a esquecer a toda hora que Nate parara de fumar aquilo. - É cubano. Comprei do meu primo, que conseguiu com Rollins, na Flórida.

Nate afastou o baseado.

- Tenho de escrever um trabalho - disse ele, afastando-se do grupo na direção de casa. Era difícil se acostumar com isso: não ficar doidão. Sua mente estava tão clara que quase doía. E de repente havia tanta coisa em que *pensar*.

Caraca.

o copo de d está meio vazio

Quando a escola liberou os alunos para o dia, o antes desgrenhado e agora arrumadinho na moda Daniel Humphrey não ficou zanzando pelos arredores da Riverside Prep com os outros alunos do terceiro ano, quicando bola de basquete e comendo pizza em fatia na 76

com a Broadway. Em vez disso, fechou a nova jaqueta preta APC, amarrou novamente os sapatos de boliche Camper e foi para o Plaza Hotel encontrar-se com sua agente.

O salão de jantar decorado em ouro do Plaza estava zumbindo da multidão habitual de turistas russos vestidos espalhafatosamente, vovôs extravagantes e algumas famílias ruidosas do Texas, todos com sacolas de compras da FAO Schwarz e da Tiffany, e todos tomando chão exceto Rusty Klein.

Mud! Mud!

Rusty soprou beijos no ar dos dois lados do rosto de Dan enquanto ele se sentava.

- Mystery vem? - perguntou ele, cheio de esperança.

Dezenas de pulseiras de aura chocalharam ruidosamente quando Rusty deu um tapa na própria testa.

- Mas que merda! Acho que esqueci de contar. Mystery está numa turnê mundial do livro por seis meses. Já vendemos 500 mil exemplares no Japão!

A última vez em que Dan vira Mystery foi em uma apresentação no Rivington Rover Poetry Club, no centro da cidade. Eles praticamente transaram no palco enquanto faziam uma recita improvisada de poesia juntos. Depois a poeta lânguida, excitada e de dentes amarelos se retirou para escrever e Dan não a viu desde então.

- Mas o livro dela ainda nem saiu - protestou ele.

Rusty empilhou o cabelo vermelho-fogo no alto da cabeça e enfiou um lápis número dois nele. Pegou o martíni e bebeu, borrando toda a borda da taça com o batom rosa.

- Não importa se o livro *nunca* sair. Mystery já é uma celebridade - declarou ela.

Fumante ávido, Dan de repente ficou desesperado por um cigarro. Mas era proibido fumar, então em vez disso ele pegou um garfo na mesa e apertou os dentes na palma da mão trêmula. Mystery, que tinha apenas 19 ou 20 anos (Dan não tinha certeza), conseguira escrever um livro de memórias intitulado *Por que eu sou tão fácil* em menos de uma semana. No dia em que terminou, Rusty o vendeu a Random House por um adiantamento de surpreendentes seis dígitos, com um acordo para o cinema.

Rusty puxou a cadeira para a frente e empurrou a taça meio bebida de água velha para Dan, como se esperasse que ele tomasse.

- Mandei "Cinzas, cinzas" para a *North Dakota Review* disse ela de forma precipitada. -

Eles odiaram.

"Cinzas, cinzas" era o último poema de Dan, escrito na voz de um sujeito que perde o cão morto, mas deixava que o leitor deduzisse que o narrador estava se dirigindo a um cachorro, e não a uma ex-namorada ou coisa assim.

É o primeiro jogo de basquete da temporada

Espero por seu beijo

O bafo de carne feito chocolate

Meus sapatos ainda lá

Um na sua cama, onde você o deixou

O outro no banco traseiro do meu carro

Dan afundou na cadeira. Na semana em que "Putas" saiu na *New Yorker,* ele se sentiu invencível e famoso. Agora ele se sentia um imbecil.

- Queridinho, posso pensar em vários motivos para seu texto não agradar a todos como o de Mystery – cantarolou Rusty. - Você ainda é novo, meu benzinho. Só o que precisa é de um bom treinamento. Que merda, preciso de outro drinque. - Ela arrotou no pulso e depois ergueu as duas mãos, segundos depois um martíni transbordando era colocado diante dela.

Dan pegou o copo de água pela metade e depois o baixou novamente. Queria perguntar a ela sobre aqueles "vários motivos" por que seu texto não agradava a todo mundo como o de Mystery, mas de novo tinha certeza de que sabia a resposta. Enquanto Mystery escrevia principalmente sobre sexo, Dan escrevia principalmente sobre a morte, ou querer morrer, ou se perguntar se estar morto e melhor do que estar vivo, o que era meio deprimente, se pensarmos no assunto. Além disso, ele não era órfão, como Mystery - de acordo com a lenda, de qualquer forma. Uma órfão criada por prostitutas. Dan era só um garoto de 17 anos que morava num apartamento enorme pré-guerra no Upper West Side com o ultrajante mas adorável pai divorciado, Rufus, e a irmã mais nova relativamente adorável e de peitos grandes, Jenny.

- Então, era isso que você queria me dizer? – perguntou ele, sentindo-se deprimido.

- Está brincando? - Estimulada pelo quarto gole do martíni número dois, Rusty pegou um celular da bolsa Louis Vuitton edição Snapdragon. - Prepare-se, Dannyzinho. Estou ligando para Sig Castle, do *Red Letter.* Vou conseguir que ele te dê um emprego!

A *Red Letter* era a publicação de literatura de maior prestígio do mundo. Começou cinco anos antes, com o poeta alemão Sigfried Castle, em um armazém abandonado em Berlim Oriental, e recentemente foi comprada por Condé Nast e se mudou para Nova York, onde prosperava no papel de filhote-vanguarda-moleque dos editores da *vogue* e da *Lucky.*

Rusty começou a discar antes que Dan sequer tivesse a oportunidade de responder. É

claro que trabalhar na *Red Letter* seria uma honra, mas ele não estava procurando um emprego no mercado.

- Mas eu ainda estou na escola - murmurou ele.Às vezes a agente tendia a se esquecer de que ele só tinha 17 anos e portanto não podia se encontrar com ela para tomar expressos no meio da manha de uma segunda-feira ou pegar um avião para Londres impulsivamente para comparecer a um recital de poesia. Ou ter um emprego de tempo integral.

- Sig-Sig, é a Rusty - cantarolou ela. - Escute, meu amor. Estou mandando um poeta para você. Ele tem potencial, mas você podia dar uma afiadinha nele. Entendeu?

Sigfried Castle - Dan ainda não conseguia acreditar que Rusty estava realmente falando com *o* Sigfried Castle – disse alguma coisa que Dan não pôde ouvir. Rusty passou o telefone a ele.

- Sig quer dar uma palavrinha.

As mãos de Dan pingavam de suor quando ele levou o telefone a orelha, nervoso, e disse, a voz tremida:

- Alô?

- Eu náo tenho a menorrr idéa de quéin vozê é, mas Rrrusty cuida da vantástica Mysterry Crraze, entáo ajo que devo conziderrar vozê tambéin, hein? - balbuciou Sigfried Castle num sotaque alemão arrogante.

Dan mal conseguiu entender uma palavra, exceto a parte de Mystery Craze. Como é que todo mundo ouvira falar de Mystery, e não *dele?* Afinal, ele foi publicado na *New Yorker.*

- Muito obrigado pela oportunidade - respondeu ele com humildade. - Na semana que vem estarei livre, de férias, então poderei trabalhar o dia todo. Depois que as férias terminarem, só posso trabalhar depois da aula.

Rusty arrancou o telefone dele.

- Ele estará aí na segunda de manhã - declarou ela. - Bye-bye, Sig-Sig. - Desligando, ela atirou o telefone na bolsa e atacou o martíni. - Nós éramos amantes, mas é melhor agora, que somos amigos - confessou ela. Ela estendeu a mão e beliscou a bochecha pálida e confusa de Dan. - Nossa. Você é p novo estagiário de Sig-Sig, seu estagiariozinho bonitinho-cuticúti!

Rusty falou num tom aviltante, como se Dan fosse passar os dias de trabalho mexendo os cafés descafeinados de Sigfried Castle e fazendo ponta nos lápis dele. Mas um estágio na

Red Letter era um cargo de tanto prestigio e tão impossível de conseguir que ele não podia reclamar.

- Mas e aí, a *Red Letter* recebeu esse nome por causa da letra *A* de *adultério* que Hester Prynne teve de usar em *A letra escarlate?*- perguntou ele, genuinamente interessado.

Rusty o encarou de um jeito interrogativo.

- Como é que eu vou saber, porra?

como não falar com quem você não está falando

Depois da reunião de editorial da *Rancor,* Vanessa Abrams disparou pela porta da Constance Billard e desceu a escada. Os cabelos não voavam atrás dela, batendo lindamente nos ombros, porque ela mantinha a cabeça raspada e praticamente não tinha cabelo. E ela não precisava se preocupar com uma torção no tornozelo por causa dos saltos porque ela nunca usava saltos. Na verdade, ela nunca usava sandálias, só botas.

E das grandes, com biqueira de aço.

O motivo de toda essa pressa de Vanessa era porque Ruby tinha lhe dado uma lista de umas porcarias para comprar na loja de produtos naturais quando saísse da escola, e ela realmente precisava conseguir tudo e chegar em casa antes dos pais, para se certificar de não ter esquecido de se livrar de alguma prova de seu trabalho de cineasta e eles descobrirem e a desmascararem.

Na base da escada, ela quase atropelou a última pessoa que esperava ver. Dan, o ex-melhor amigo e ex-namorado. O cabelo castanho-claro de Dan estava

elegantemente arrumado, com costeletas compridas emoldurando o maxilar sério, e ele vestia um temo cinza que parecia francês e caro. Isso de um cara que antigamente só cortava o cabelo quando não era mais capaz de enxergar e que usava a mesma calça de veludo marrom até que as bainhas ficassem puídas e tivesse buracos nos joelhos.

Vanessa puxou a malha de lã preta que aquecia as pernas e cruzou os braços.

- Oi. - *Por que você está aqui, merda?*

- Oi - respondeu Dan. - Só estou esperando pela Jenny - explicou ele. - Consegui um emprego hoje. Queria contar a ela sobre isso.

- Que bom pra você. - Vanessa esperou que Dan dissesse mais alguma coisa. Afinal, foi ele quem a traiu com aquela piranha da Mystery e foi ele quem se vendeu totalmente para ficar famoso. Ele podia pelo menos se desculpar por *isso.*

Dan continuou mudo, os olhos passando do rosto de Vanessa para as portas da escola e de volta ao rosto dela. Vanessa podia dizer que ele estava morrendo de vontade de contar a ela sobre o emprego, mas ela não ia lhe dar a satisfação de perguntar.

Ela pegou uma bisnaga de vaselina do bolso da jaqueta de aviador e passou um pouco nos lábios. Era a coisa mais próxima de brilho labial que Vanessa tinha.

- Eu vi sua irmã aí dentro, falando com a professora de arte. Vai sair num minuto.

- O que é que tá rolando? - perguntou Dan, exatamente quando ela estava prestes a sair.

Vanessa suspeitou de que ele só estava perguntando para que ela perguntasse a *ele* o que estava rolando, e depois de pudesse contar tudo sobre como foi indicado ao Prêmio Pulitzer ou uma merda dessas.

- Meus pais vão chegar hoje à noite - respondeu ela, cedendo um pouco. - Você sabe como isso sempre é divertido para mim - acrescentou ela, depois desejou não ter feito isso. Não fazia bem nenhum lembrar que os dois sabiam tudo um sobre o outro, agora que não estavam se falando mais.

- É isso aí. Tchau.

- Tá. - Dan ergueu a mão e deu um largo sorriso, o tipo de sorriso falso de merda que ele nem sabia dar antes de começara ir a desfiles de moda com agentes que davam beijinhos no ar e poetas famosas, esquisitas e piranhudas. - Foi bom te ver.

Foi bom te ver também, baba-ovo, respondeu Vanessa em silêncio enquanto ia para a Lexington pegar o metrô para Williamsburg.

Na verdade, *era mesmo* meio bom ver o Dan, e ela queria contar mais a ele. Queria contar como o incessante "somos artistas, olha como rugimos" dos pais sufocava qualquer migalha de criatividade dela. Como os pais dela sequer sabiam que ela fazia filmes, embora fosse basicamente a única coisa que gostava de fazer. Como eles nem mesmo sabiam que ela fora admitida antecipadamente na Universidade de Nova York, puramente com base na força de sua arte. E como eles não iam saber, em toda a visita de quase duas semanas, que o armário do quarto dela estava abarrotado de equipamento de filmagem e os velhos vídeos preferidos. Apesar de parecer irônico, Ruby - a filha que nunca foi a faculdade, usava calça de couro o tempo todo embora fosse vegetariana e tocava baixo numa banda de garagem esquisita, ruidosa e quase toda masculina - era a filha criativa, a favorita.

É. Dan não ia gostar nem um pouco disso. Isto é, se eles ainda estivessem se falando.

Chegando a Williamsburg, ela correu para fora do metrô e entrou na loja de produtos naturais a algumas quadras de distância. *Mussarela de soja, massa de lasanha sem glúten, tempeh...,* ela leu a lista que Ruby lhe dera. Nesta noite Ruby ia fazer sua famosa lasanha de soja e tempeh em homenagem a chegada dos pais. Havia outra coisa que isolava Vanessa. Ela era carnívora, enquanto Ruby e os pais eram totalmente vegetarianos.

Ela pegou um bloco de tempeh na geladeira da loja.

- Você nem olha para esse tipo de comida - disse ela, atirando o tempeh na cesta de compras. Sacudiu a cabeça e sorriu com amargura enquanto ia para o corredor em busca da seção de produtos sem glúten. Seu pai sempre falava com objetos inanimados. Era parte da mística de "artista piradinho" dele. Mas Vanessa não era realmente artista - ainda

- e, se não encontrasse alguém para conversar alem de um bloco de carne vegetariana cujo sabor sequer lhe agradava, ela ia ficar mais do que piradinha: ia ficar totalmente insana.

"Por que não sai e faz alguma coisa com seus amigos?", Ruby sempre perguntava quando Vanessa parecia particularmente triste, amargurada e solitária. Vanessa sempre tratava essa questão da mesma maneira como tratava a pergunta "Por que não usa cores em vez de só preto?". Porque, para ela, o preto *era* uma cor - a *única* cor. Assim como Dan era o único amigo. Ia ser estranho quando os pais dela perguntassem por ele e ainda mais estranho não ter ninguém para sair nas férias.

A não ser que... a não ser que ela conhecesse alguém com quem sair.

gosto de uma boa pele falsa

Lá estava ele! Jenny voou escada abaixo ao sair da escola. Leo - que era abreviatura de Leonardo, claramente representativo de Leonardo da Vinci, que foi um grande, se não o maior artista, na opinião dela -, Leo, o Leo *dela,* estava esperando por ela depois da aula como um bom namorado, o *melhor* namorado. Superalto e superlouro, com olhos azuis felizes, um adorável dente da frente torto, andava a passos largos. E ele era dela, *todo dela!*

- Olha, é o seu irmão. - Jenny ouviu a nova melhor amiga, Elise Wells, dizer atrás de si enquanto ela corria ao encontro de Leo. Só a meio metro de distância, Dan estava parado, curvado, as mãos nos bolsos, como se ela tivesse dez anos de idade novamente e ele a estivesse esperando para levá-la para casa.

Jenny ficou na ponta dos pés e deu um beijo no rosto de Leo enquanto Dan ficou observando.

- Oi - murmurou ela na orelha de Leo, sentindo-se extremamente madura. Com sorte, toda a turma - não, a escola inteira - estava olhando invejosamente neste exato momento.

- Você esta toda quente - sussurrou Leo, pegando a mãozinha dela na mão desajeitada e desengonçada dele. O pulso dele acidentalmente esbarrou no peito de Jenny e ela corou.

Jenny Humphrey era baixinha, a garota mais baixa de todo o primeiro ano, mas tinha os maiores peitos da escola, ou talvez do mundo todo. Eram tão grandes que ela havia pensado em reduzi-los cirurgicamente, mas depois de pensar um pouco mais ela decidiu que faziam parte do que a tomava *ela mesma,* e então decidiu deixá-los como estavam. E

após viver com eles por 14 anos, ela se acostumou com as pessoas esbarrando neles por acidente porque eles apontavam muito para fora, mas Leo claramente ainda estava tentando entender como lidar com eles.

É claro que estava.

- E aí, o que vamos fazer? - perguntou ele, a voz mal podendo ser ouvida. No começo, Jenny teve problemas para entendê-lo, porque ele falava quase aos sussurros e preferia e-mails a telefone. Mas quando pensou no assunto ela meio que gostou de que ninguém mais pudesse ouvir o que Leo lhe dizia. Era como se eles tivessem a própria língua particular. E isso fazia com que Leo parecesse mais problemático e misterioso, como alguém com um passado obscuro.

Dan tinha ouvido de tudo sobre Leo Berensen, o garoto que Jenny conhecera online, mas não pessoalmente. Ele se aproximou e se apresentou.

- Então você está no segundo ano da faculdade? Na Smale? Soube que as artes gráficas são ótimas por lá.

- É - respondeu Leo inaudivelmente, o olhar nebuloso mal roçando o rosto de Dan. Jenny ergueu o braço de Leo e sorriu exultante como se ele tivesse acabado de salvar o mundo com suas palavras. - Muito.

- Legal. - Dan estava meio irritado por ter tido o trabalho de ir até a escola para encontrar Jenny depois da aula e poder se gabar do estágio na *Red Letter,* e agora esse louro palerma estava atrapalhando.

- Hmmm, odeio interromper desse jeito, gente, mas será que a gente pode, tipo assim, ir *a algum lugar?* - pediu Elise Wells do lado de fora do círrculo. Seu cabelo louro e duro estava enfiado atrás das orelhas frias e rosadas. - Estou ficando com hipotermia.

Não era de todo surpreendente, considerando que o uniforme cinza pregueado estava tão curto que mal cobria a bunda. O estilo de Elise sempre foi de boa-

menina-patricinha-misturado-com-puta-barata, mas ultimamente ela estava pecando para o lado do puta-barata.

- Vamos pegar o ônibus para a minha casa - piou Jenny alegremente. Ela nunca se sentiu tão... *procurada* em toda a vida. - Talvez o papai esteja em casa. Ele está morrendo de vontade de te conhecer - disse ela a Leo.

Dan sorriu para si mesmo enquanto os seguia pela Quinta Avenida para a rua 96. É mais provável que o pai deles quisesse comer Leo no almoço.

Elise andou ao lado dele, as mangas do suéter cor-de-rosa puxadas sobre as mãos para mantê-las aquecidas.

- E ai, você é um poeta de verdade? - perguntou ela enquanto o ônibus encostava e eles entravam. Jenny e Leo já estavam sentados juntos, de mãos dadas. Dan foi para uma cadeira bem atrás deles e Elise se sentou ao lado dele. - Eu odeio redação criativa. Nossa professora age como se todo mundo estivesse cheio de idéias o tempo todo... só precisamos colocar no papel. Mas toda vez que temos de fazer uma redação em aula, não consigo pensar em nada para escrever. Sabia?

Dan não sabia. Para ele, a redação em aula era um completo dom divino. Ele era tão cheio de idéias que não tinha *tempo* para escrever todas. Ainda assim, era meio refrescante conversar com alguém que o achava um *poeta de verdade.*

- Na verdade, eu acabo de descobrir que vou fazer um estágio na *Red Letter* nas minhas férias de primavera. Estou muito animado. Quer dizer, aqueles estágios são muito difíceis de conseguir.

Elise inclinou a cabeça e apertou os lábios.

- Red o quê?

- Sabe qual é, a *Red Letter.* E tipo a revista trimestral de vanguarda literária mais bem-sucedida do mundo.

- Ah. - Elise olhou para ele de lado, como se quisesse saber se ele era ainda mais bonitinho de perfil.

E era, especialmente com aquelas novas costeletas hipster. - Posso ler um poema seu? -

perguntou ela descaradamente.

Jenny se virou quando ouviu isso. Então Elise estava paquerando seu irmão. Ela olhou para Leo e pensou em cochichar alguma coisa com ele sobre isso, mas Leo não era do tipo de fazer fofoca.

Por acaso se escreve *c-h-a-t-o?*

Mas então Leo a surpreendeu, inclinando-se e cochichando no ouvido dela.

- Olha só o casaco daquela mulher do outro lado. É falso, mas dá pra dizer que é um J.

Mendel pela cor. A maioria das peles falsas e toda de uma cor só, mas o mink verdadeiro tem montes de cores diferentes. A J. Mendel faz as melhores peles falsas.

Jenny olhou o casaco da mulher, insegura quanto ao que fazer com tudo aquilo. Pele falsa era uma coisa meio estranha para um cara conhecer. Ela ainda não tinha perguntado o que os pais dele faziam para viver. Talvez fossem importadores de peles russas exóticas, caçadores ou coisa assim.

- Como...?- Ela virou a cabeça para responder, mas Leo estava olhando intensamente pela janela enquanto zuniam pelo Central Park, tão imerso em pensamentos que ela não quis interrompê-lo. Olhando para o buraco escuro da orelha esquerda dele, ela se perguntou se ele podia ser meio surdo, e daí os sussurros. Ele até tinha uma pequena cicatriz no pescoço que podia ter sido de varíola, ou de um tiro.

Ela apertou mais a mão dele. Ah, que maravilha ter um Leo, um Leo louca e maravilhosamente misterioso!

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas *Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.*

oi, gente!

EU, GLORIOSAMENTE EU

Parece que ultimamente todo mundo que é alguém esta falando de *mim.* Totalmente lisonjeiro, sim, mas também totalmente inútil. Não há melhor lugar para andar incógnita do que aqui em Manhattan, onde qualquer pessoa notável pelo menos finge que não quer ser notada. Sabe, como as celebridades, tipo Cameron Diaz, estão sempre andando de boné e óculos de sol para esconder a identidade? As pessoas normais não fazem isso, então, se você fizer, imediatamente atirará a atenção e as pessoas constantemente tentarão imaginar quem você é, e a questão é exatamente essa. Basicamente, sou gulosa por esse tipo de atenção - eu *adoro!* Por que eu estragaria tudo revelando quem sou? Se por acaso você é um certo cara por quem eu par acaso tenho uma quedinha imortal, e você fica interessado em descobrir quem eu sou, eu só posso mandar um beijo...

Seu e-mail

P: Cara GG,

Então eu estava me perguntando o que você acha da idéia de tirar um ano, em vez de ir para a faculdade, e seguir uma banda que eu gosto e que viaja muito. Eu podia ganhar algum dinheiro vendendo biscoitos ou camisetas de batique no estacionamento dos shows deles ou coisa assim e só ver o que e a vida. Quer dizer, meus pais querem que eu vá para a universidade, mas achei que seria muito mais divertido se talvez eu só fizesse minhas coisas, entendeu?

- cheese

R: Oi, cheese,

Sei lá. Não parece o plano-mais-bem-pensado para mim. Imagino que você não seja apaixonada pelo cantor da banda nem nada, né? Porque não é que ele vá se apaixonar por você, mesmo que ele veja sua cara no estacionamento vendendo biscoitos. Além disso, acho que a faculdade vai ser divertida. Um tipo de diversão diferente, mas *muito* divertida. Conheço caras de bandas que são totalmente sensuais, mas, pelo que eu soube, toda universidade está cheia de caras em bandas, e você e eles estão vivendo e *dormindo* no mesmo campus pequeno. Agora me diz, não parece divertido?

-GG

Flagra

N com os amigos no parque, de porre. Um mito, é o que achamos. ***G***, a namorada doida herdeira do aço, numa excursão acompanhada da enfermeira da reabilitação ao **Darien Sport Shop** em Connecticut para se vestir com roupas de esqui bonitinhas **Bogner** e comprar os mais rápidos esquis da **Rossignol**. ***C***, também na Darien Sport Shop, com a mãe, comprando uma nova prancha de snowboard e olhando cobiçosamente para ***G***. ***S*** e

B no departamento de lingerie da **Barneys**, fazendo estoque de coisas de mulherzinha para vadiar durante a festinha noturna na casa de ***S***. ***D*** na seção de publicações de literatura da **Coliseum Books**, fartando-se para o novo emprego. ***V*** filmando pombos empoleirados no peitoril da janela do quarto. Ai, do que e que ela esta lançando mão? E

um casal de artistas de meia-idade meio parecidos com ***V,*** se ela tivesse cabelo grisalho pegajoso, no vernissage da exposição de escultura deles na **Holly Smoke Gallery**, no distrito da carne. Uma peça envolvia uma roda mofada de queijo brie e uma cama inflável. Não pergunte.

Só mais dois dias para as férias, e amanhã à noite vamos aquela festa. Voltarei antes disso.

Pra você que me ama,

gossip girl

b fica excitada só de ver os sapatos dele

- Pode dormir aqui - disse Serena a Blair enquanto as duas arrastavam as malas Louis Vuitton superlotadas de Blair para o quarto de Erik. - Meu irmão levou a TV; o aparelho de som e tudo com ele, então está meio vazio aqui, mas a gente vai ficar a maior parte do tempo no meu quarto...

- Está tudo bem. Blair olhou em volta. Comparado com a decoração suntuosa do resto do apartamento dos van der Woodsen, o quarto era bem pobre. Uma cama antiga de solteiro sob as janelas duplas que davam para a Quinta Avenida, o Met

e o Central Park. Ao lado dela uma cômoda comprida e baixa, e, na parede oposta, mesa e cadeira, tudo da mesma madeira escura da cama. No chão havia um tapete turco em tons de azul-marinho e tangerina. A porta do armário estava entreaberta e Blair pode ver a silhueta da velha jaqueta de brim de Erik, pendurada no cabide.

Blair respirou o cheiro de madeira do quarto. A idéia de dormir na toca de um cara mais velho que ela não conhecia bem era estranhamente excitante.

- Você se importa se eu guardar minhas coisas?

- Tudo bem, vai nessa. - Serena se jogou na cama e pegou uma revista *Playboy* embaixo do colchão de Erik, coçando o nariz perfeitamente reto enquanto passava as páginas.

As duas meninas sabiam bem demais o que os garotos realmente faziam quando estavam sozinhos em seus quartos para se contorcer e gritar a visão de uma *Playboy.*

Blair pegou uma calça na mala e abriu o armário. Ao lado da jaqueta de brim, duas camisas brancas J. Press com o colarinho e os punhos puídos penduradas ao lado de um smoking preto Hugo Boss que mal fora usado. No chão do armário havia um par de tênis Stan Smith surrados e ao lado deles uma caixa de sapatos Prada.

Blair deu uma olhada em Serena, mas a amiga estava completamente hipnotizada *pela Playboy.* Ela se ajoelhou, perguntando-se que tipo de pessoa deixaria para trás os sapatos Prada. A caixa preta estava empoeirada, e quando ela levantou a tampa descobriu que não havia sapato nenhum, só um pequeno caderno de capa de couro marrom. Cautelosa, ela o ergueu e abriu na primeira página.

Não acredito que estou escrevendo na porra de um diário feito a porra de uma garota, mas estou bêbado de

tequila da festa de formatura do Case e, em vez de apagar como uma pessoa normal, estou pirando de vez.

Acabamos de nos formar. Vamos para a faculdade. Não sei quem sou nem o que vou fazer, nem quem quero ser, e agora estou deixando tudo que sei e FODA-SE!

Serena tem tanta sorte - ela só acabou de começar o ensino médio e eu vou poder contar a ela qual é a parada com a faculdade, então ela vai saber. Ninguém vai

contar para MIM. E não e que eu vá procurar qualquer um dos meus amigos e admitir que estou assustado.

Eles só falam das mulheres com quem podemos

transar. E tenho certeza de que isso vai acontecer, a não ser que eu me transforme num daqueles anormais que moram num quarto sozinhos e nunca saem, e finalmente precisam arrombar a porta por causa do cheiro.

Foda-se, isso e maluquice. vou para a cama.

Blair virou a página para ler mais, mas o resto do caderno estava em branco. Obviamente, Erik concluíra que escrever um diário não era a dele. O coração de Blair bateu alto enquanto ela relia a primeira e única entrada. Que loucura era essa de Erik van der Woodsen um cara que ela mal conhecia, ter apreendido com tanta perfeição o modo como Blair se sentia nas últimas semanas?

Ela se levantou e foi até a foto de família num porta-retratos de prata em cima da cômoda de Erik. Os van der Woodsen estavam escarrapachados numa praia em algum lugar em trajes de banho, todos bronzeados, o cabelo louro-claro, sorrisos brancos e olhos azuis enormes. Blair podia dizer que Serena tinha uns 14 anos na foto porque ela ainda tinha aquelas mechas na testa que conseguiu no fim da sexta série e passou o resto do ano cultivando. Então Erik devia ter 17. Com o short de surfe surrado, o corpo dele parecia musculoso e pronto para a ação, mas o rosto bonito estava um tanto cansado, como se ele tivesse passado a noite na farra, ou talvez estivesse meio triste.

Por que eu nunca prestei atenção nele?, perguntou-se Blair. Atrás dela, Serena virava as paginas *da Playboy.*

- Erik tem namorada? - perguntou-se Blair em voz alta.

- Vamos perguntar a ele. - Serena atirou a revista no chão e pegou o telefone, um sorriso malicioso brincando no rosto. Ela estava acostumada a incomodar Erik na Brown pelo menos três vezes por semana, queixando-se com ele de sua vida amorosa ou da falta dela enquanto ele reclamava da ressaca permanente.

- Oi, pervertido. Eu estava lendo sua *Playboy* grosseira com a Demi Moore nas páginas centrais. Ela não tem uns cinqüenta anos?

- E daí? - bocejou Erik como resposta.

- Mas aíf, que sorte você tem de a mamãe e o papai não arrastarem mais você para as festas beneficentes.

- Vai ser hoje à noite?

- Amanhã à noite. Uma coisa de arte no Frick – respondeu Serena num tom cansado. -

Nem vale a pena comprar um vestido. Blair e eu simplesmente vamos trocar as roupas para que elas pareçam novas. Aliás, ela quer te perguntar uma coisa. - E depois, sem avisar, Serena atirou o telefone para Blair.

Blair o pegou e o segurou nas mãos.

- Alô? - Ela ouviu Erik dizer. Pôs o telefone na orelha.

- Oi. É a Blair. Hmmm, eu vou ficar no seu quarto. Espero que esteja tudo bem.

- Claro. Olha só, minha irmã me disse há algum tempo que você estava superpreocupada com Yale e a merda de entrevista que fez lá, essas coisas...

Os olhos de Blair se arregalaram de pavor. A porra da entrevista em Yale era a última coisa que Erik precisava saber a seu respeito. Serena era uma...

- Bem, não precisa - continuou Erik. - Minha entrevista na Brown foi totalmente retardada e eu consegui entrar. Sei que você é fera no tênis, faz um monte de coisas de caridade e Serena disse que suas notas são sensacionais. Então, não encana, tá legal?

- Tudo bem - prometeu Blair, trêmula. Não surpreende que Serena ligue para o irmão o tempo todo. Ele era absolutamente o cara mais sexy e mais doce do mundo!

- E aí, vai pra Sun Valley com a gente nas férias? – perguntou ele.

Blair tirou os sapatos turquesa e mexeu os dedos pintados de vermelho. Ela gostava da sensação áspera do tapete de Erik sob os pés descalços.

- Eu tenho de ir para o Havaí com a minha família.

- Não tem não - intrometeu-se Serena da cama. – Ela não vai! - gritou alto o bastante para Erik ouvir. - Ela vai para Sun Valley com a gente!

- Você não quer mesmo ir para o Havaí, quer? – perguntou Erik meio de gentileza, meio de brincadeira. – Vai ser muito melhor esquiar com a gente.

Blair analisou o rosto de Erik na fotografia. será que ele *sempre* falou com ela desse jeito familiar, de você-sabe-que-me-quer? Será que ela sempre foi completamente *surda?* Ela se imaginou recostada com ele perto do fogo no bar do Sun Valley Lodge. Ela fazia a Marilyn Monroe com sua magreza gostosíssima, usando um casaco de pele de coelho branca, o jeans Seven favorito e as botas de inverno brancas de pele de ovelha que tinha com prado em janeiro e nunca usou. Ele era... Ernest Hemingway, todo alto-mar e instruído, usando um daqueles suéteres de gola rulê apertados, azul-marinho, com fecho na gola, que os patrulheiros sensuais de esqui sempre usam meio abertos. Eles bebericavam conhaque aquecido e viam as sombras formadas pelas chamas que brincavam no rosto um do outro enquanto ela acariciava os músculos fortes e quentes por baixo da blusa dele.

Três anos antes, Erik não tinha idéia de quem era ou do que ia fazer, ou do que queria ser, mas agora já se passaram três anos e ele definitivamente sabia. Só a idéia de dormir na cama dele a noite era extremamente reconfortante. Ela podia ate usar uma das velhas camisas dele na cama para criar um clima.

- Sim - disse Blair em seu sussurro mais Marilyn Monroe. - Sim, acho que eu *vou.*

E você, docinho, prepare-se para um prazer especial.

será que n vai resistir a entrar na da gata com bafo de erva?

No dia seguinte, depois do treino de lacrosse e antes de ter de ir para casa se arrumar para a festa beneficente no Frick, Nate fez um desvio para a Scandinavian Ski Shop na rua 57

Oeste a fim de se equipar para Sun Valley.Ele esquiava e fazia snowboarding praticamente desde que nasceu e já possuía toneladas de equipamento, mas estava tudo no Maine - e, além disso, este era o tipo de compra que ele realmente gostava de fazer.

A Scandinavian Ski Shop da Madison Avenue era especializada em trajes Bogner de esqui em pele e botas de pele, e havia um certo clima de florestas tirolesas de mentirinha ali, com paredes revestidas de madeira e carpetes verde-mata, mas ainda era a melhor loja de produtos para esqui de Nova York.

Nate foi direto para os fundos da loja, onde as pranchas de esqui e snowboarding eram vendidas. Ele enfiou as mãos nos bolsos da calça cáqui, contemplando as pranchas encostadas na parede. Imediatamente seus olhos deram numa prancha vermelho-escura com a imagem de uma folha de maconha. A palavra *normal* estava impressa numa das extremidades da prancha, e a palavra *pateta* na outra. Ele estendeu a mão e passou o polegar pela borda da prancha.

- Essa é demais, se você faz saltos. - Uma voz enfumaçada de mulher vagou até ele.

Nate se virou e viu uma garotinha com cabelo louro curto e um nariz arrebitado olhando para ele. Vestia casaco de capuz Roxy verde-oliva e calça Roxy cinza-clara. Os olhos castanhos eram caídos, como de um filhotinho de cachorro. Ou talvez ela estivesse chapada.

- Você trabalha aqui? - perguntou ele.

A garota sorriu. Os dentes eram muito pequenos e juntos.

- Às vezes. Quando estou de folga. Vou para Holden, New Hampshire, sabe? Sou capitã da equipe feminina de snowboarding. - A garota sorriu mais um pouco e Nate concluiu que ela estava definitivamente chapada.

- Posso te ajudar em alguma coisa? - ofereceu ela.

Nate bateu os dedos na prancha vermelha.

- Acho que vou levar esta. E preciso de botas e amarras.

A garota continuou sorrindo enquanto procurava numa estante de caixas um par de botas Raichle do tamanho dele e as melhores amarras K2 do mercado.

- Acabei de experimentar este jogo em Stowe no fim de semana. - Ela se ajoelhou aos pés de Nate para ajudá-lo com as botas. - É totalmente demais.

Nate se levantou e olhou para a frente do casaco dela, que estava aberto um pouco abaixo do colo. Ela não usava sutiã, só um top branco, e ele pode ver tudo.

Ela sorriu para ele, segurando o pé com bota de Nate nas mãos.

- Como se sente?

Ele pensou em estender a mão e levá-la para a cabine de provas. Podia até imaginar como a boca da garota teria o gosto fumacento e de mate que ele gostava, o gosto de depois-de-fumar-um-bagulho. Era estranho, mas desde que parou de fumar maconha Nate ficava basicamente excitado o tempo todo. E ter uma namorada na reabilitação que só tinha permissão para visitas *supervisionadas* não ajudava muito.

Georgie, Georgie, Georgie. Ele mal podia esperar por Sun Valley.Eles iam esquiar o dia todo e se agarrar a noite toda. O que poderia ser melhor?

- Posso montar esses agora? - perguntou ele com uma pressa repentina.

A garota reuniu as amarras e pegou a prancha do tamanho correto na estante.

- Eu vou montar para você.

Claro que ia.

- Volto já.

Enquanto esperava, Nate bisbilhotou uma pilha de bonés de esqui e começou a experimentá-los. Pegou um verde felpudo com protetores de orelha e uma borla comprida no alto - muito granola-com-Ralph-Lauren - e o colocou.

- De jeito nenhum - murmurou, enquanto se examinava no espelho. Em geral ele não pensava muito em como estava ou no que vestia - não tinha de se preocupar - mas queria ficar legal para Georgie. Ele devolveu o boné verde para a prateleira e experimentou um boné tipo beisebol, preto, com protetores de orelha

que podiam ser dobrados para cima, meio que uma versão moderna do chapéu de caça do Gaguinho do Pernalonga.

- Esse boné fica incrível em você - disse a vendedora, voltando com a prancha. Ela apoiou a prancha na prateleira de roupas e foi até Nate, delicadamente desvirando as abas sobre as orelhas perfeitas dele. - Você adorou – acrescentou ela com a voz rouca.

O hálito dela cheirava exatamente como ele imaginava. Nate lambeu os lábios.

- Qual é o seu nome?

- Maggie.

Nate assentiu lentamente. O boné ficava bem em sua cabeça. Ele podia pegar Maggie neste exato momenta e abrir o top dela. Perguntar se ela que ria dividir um baseado. Ele podia, podia mesmo. Mas não ia fazer.

Nate tirou o boné e o enfiou debaixo do braço.

- Muito obrigado por sua ajuda. Hmmm, sou Nate Archibald. Minha família tem conta aqui?

Maggie passou a prancha e as novas botas para ele com um sorriso de decepção.

- Talvez eu esbarre com você nas rampas um dia desses.

Nate se virou, surpreso com a própria força de vontade. Ele estava tão totalmente concentrado que até o treinador se impressionaria.

Não que ele ainda não estivesse excitado como o diabo.

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas *Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.*

oi, gente!

VIRTUDE E VÍCIO

E então, será que *todo mundo* esta sendo arrastado pelos pais para a festa beneficente Virtude e Vicío na Frick hoje à noite? Espero que sim - pelo menos isso significa que não estarei sozinha na minha infelicidade. E claro que todos sabemos que o único motivo para eles insistirem em que a gente vá e que eles podem nos comparar com os outros, falar das universidades a que nos candidatamos, de quem já entrou, e geralmente nos levar à loucura, uma vez que aqueles são definitivamente nossos temas preferidos. Além disso, não pode haver lugar pior para uma festa. Quer dizer, qual é? uma festa no Frick e como uma festa na casa de campo da sua avó.

Sei que pareço ingrata - convenhamos, uma festa é uma festa, e você sabe o quanto eu gosto de me produzir. Mas prefiro festas sem pais! A única coisa legal e que nossos pais estarão tão ocupados tentando impressionar os outros que não vão se incomodar de nos repreender por fumar no banheiro. Na verdade, se fizermos alguma coisa mesmo que ligeiramente constrangedora, eles só terão de fingir que não nos conhecem. Então vamos tentar nos divertir um pouco, né? Você já está ansioso por hoje à noite, não está?

Vou poupar seus e-mails e flagras para depois do baladão.

Vejo vocês lá!

Pra você que me ama,

gossip girl

a galera do upper west side empina o nariz para os malversados

- Senhoras e senhores, por favor, tomem seus lugares! - gritou Rufus Humphrey enquanto trazia à mesa uma terrina de salsichas chiando com maçãs e bananas assadas ao rum.

Jenny tinha feito o pai se sentir tão culpado por sair na véspera, quando ela levou Leo em casa, que Rufus insistiu em que ela convidasse Leo e Elise para jantar na noite seguinte.

Não que Rufus quisesse impressionar os convidados: como sempre, ele vestia uma camiseta branca manchada de comida e a calça de moletom preferida, queimada de cigarro e frouxa na bunda. O cabelo grisalho curto e as monstruosas sobrancelhas grisalhas espetavam em ângulos estranhos da cara hirsuta, e a boca e os dentes estavam manchados de vermelho do vinho.

- É melhor a gente se sentar. -Jenny desligou a TV na biblioteca e sorriu para Leo. -

Agora você vai provar a comida esquisita do papai. Cuidado - alertou ela. - Ele põe álcool em tudo.

Leo olhou o relógio. Depois enfiou as mãos nos bolsos do jeans e as tirou novamente.

Parecia nervoso.

- Tá legal.

- O pai dela não é tão assustador como parece – disse Elise. Ela colocou os pés nos tamancos rosa J. Crewe foi para a sala de jantar como se morasse a vida toda na casa de Jenny.

Dan os encontrou na mesa de jantar desconjuntada. Estava lendo um exemplar da *Red Letter* e nem olhou para cima quando o pai jogou no prato dele uma banana inteira e uma salsicha que parecia estropiada. Depois que todos foram servidos, Rufus encheu sua taça de vinho ate a borda e a ergueu no ar.

- Um joguinho de poesia!

Dan e Jenny reviraram os olhos um para o outro à mesa.

Normalmente Jenny não ligava para os testezinhos relâmpagos, joguinhos e aulinhas do pai, mas com Leo ali era constrangedor demais.

- *Pai*- gemeu ela. Por que ele não podia ser normal pelo menos uma vez?

Rufus a ignorou.

- "Aonde vai você, Walt Whitman?/ As portas se fecham em uma hora./Para que lado sua barba aponta esta noite?"- Ele apontou um dedo com gordura de salsicha para Leo. - O

nome do poeta!

- *Pai!* -Jenny protestou batendo na decadente mesa de jantar de madeira. Tudo no apartamento de quatro quartos dos Humphrey, esparramado na rua 99 com West End Avenue, era decadente. Mas o que se podia esperar quando eles não tinham mãe nem empregada para limpar tudo para eles?

- Ah, vamos lá. Essa e fácil! - rugiu Rufus para Leo. O disco de vinil que ele tinha colocado antes de trazer a comida de repente aumentou, e os estranhos e agudos yodels peruanos de Yma Sumac encheram a sala. Rufus se serviu de outra taça de vinho, esperando ansioso por uma resposta.

Leo sorriu educadamente.

- Hmmm... Não tenho certeza se sei...

Dan se inclinou e sussurrou no ouvido de Leo.

- Allen Ginsberg. "Supermercado na Califórnia". Fácil.

Jenny chutou o pé do irmão debaixo da mesa. Ele precisava mesmo ser tão sabe-tudo?

Rufus cerrou os dentes.

- "Mas tenho promessas a cumprir./E milhas a seguir antes do sono" - desafiou ele, os olhos castanhos e vagos esbugalhados ao encarar Leo.

O cabelo louro de Leo parecia quase transparente enquanto de murchava sob o olhar incansável de Rufus.

- Hmmm...

- *Pai!* – gritou Jenny pela terceira vez. -*Meu Deus*.- Ela sabia que o pai só estava tentando fazer sua parte de pai-louco-e-maravilhoso, exagerando na compensação por outras seis noites daquela semana, quando ela e Dan comeram em quentinhas diante da TV; mas será que ele não percebia que a poesia não era a praia de Leo?

- Bem, até eu sei essa - disse Elise com a voz esganiçada - Robert Frost. "Parada no Bosque numa Noite de Neve". Tive de decorar na sexta série. - Ela se virou para Dan. -

Olha, eu meio que sei alguma coisa de poesia.

Rufus espetou uma salsicha e a jogou no prato azul e rachado de Leo.

- Afinal de contas, onde é que você estuda?

Leo enxugou a boca com as costas da mão.

- Smale. Na Smale School, senhor. - Os olhos dele dardejaram pela mesa para Jenny, que sorriu, estimulando-o.

- Hmmm - respondeu Rufus, pegando uma salsicha nos dedos e mordendo a metade. Ele engoliu a salsicha com um gole de vinho. - Nunca ouvi falar.

- É especializada em artes - interveio Dan.

Jenny não conseguia comer. Estava muito irritada com o pai. Normalmente ele era meio legal, de um jeito ríspido e rabugento. Por que tinha de ser tão cruel com o Leo?

- Mas então, um emprego na *Red Letter* - disse Rufus, erguendo a taça para Dan. - Ainda não consigo acreditar. - Rufus tinha um baú cheio de poemas inéditos e inacabados no seu escritório e, embora ele mesmo fosse editor, nunca foi publicado. Agora Dan ia ter uma carreira de escritor que ele nunca teve. - Ai, garoto! - resmungou ele. - Mas vê se não começa a falar com sotaque falso como todos os outros cretinos.

Dan franziu a testa, lembrando-se do sotaque alemão difícil de entender de Siegfried Castle. Parecia bem autêntico para ele.

- Como assim?

Rufus riu enquanto garfava uma banana.

- Você vai ver. Mas estou orgulhoso de você, filho. Se continuar desse jeito, será um poeta premiado lá pelos vinte anos.

De repente, Leo se levantou.

- Com licença. Tenho de ir.

- Não! -Jenny levantou-se de um salto. Ela havia pensado que eles comeriam rapidamente, Elise iria embora e ela e Leo iriam para o quarto dela e se beijariam por algum tempo, e talvez fizessem o dever de casa juntos. Ela podia ate pintar o retrato dele, se ele deixasse. - Fica, por favor.

- Desculpe,Jenny. - Leo virou-se para Rufus e estendeu a mão rigidamente. - Foi um prazer conhecê-lo, Sr. Humphrey. Obrigado pelo jantar delicioso.

Rufus agitou o garfo no ar.

- Não fique acostumado com isso, garoto. Na maior parte das vezes, comemos comida chinesa.

Isso era verdade. A idéia que Rufus fazia de compras no supermercado era comprar vinho, cigarro e papel higiênico. Jenny e Dan seriam desnutridos se não conseguissem pedir comida pelo telefone.

Jenny acompanhou Leo até a porta.

- Você está bem? - perguntou ela, preocupada.

Leo abriu seu sorriso tímido de dentes tortos daquela altura toda.

- Estou. Eu só achei que a gente ia comer um pouco mais cedo. Preciso ir para casa e... -

Ele parou, franzindo a testa enquanto colocava um cachecol de cashmere vermelha e preta de grife no pescoço. "Burberry", dizia a etiqueta. Jenny nunca o vira usar isso. -

Vou te mandar um e-mail mais tarde - acrescentou ele antes de desaparecer pelo corredor para pegar o elevador.

Jenny voltou para a mesa e Rufus ergueu bestificado as sobrancelhas bastas para ela.

- Foi alguma coisa que eu disse?

Jenny olhou para ele. Ela não tinha idéia de por que Leo fora embora tão de repente, mas culpar o pai era a solução mais fácil.

- Ah, qual é, Jen? - continuou o pai insensivelmente.

- Então ele não é a ferramenta mais afiada na caixa. Mas provavelmente vai dar um bom namorado.

Ela se levantou.

- Vou para o meu quarto.

- Quer que eu vá com você? - propôs Elise.

Jenny achava que Elise estava muito feliz sentada ao lado de Dan, conversando sobre poesia. Ela chegou a se servir de uma taça de vinho.

- Não, está tudo bem - murmurou ela. Só o que ela realmente queria era se deitar de cara para baixo na cama e ruminar sobre Leo, sozinha.

Elise tomou um gole de vinho.

- Eu devo ir daqui a um minuto, de qualquer forma. - Ela olhou de lado para Dan enquanto ainda olhava para Jenny, como quem diz: *Adivinhe só*? *Eu gosto mesmo do seu irmão.*

- Estou pensando em escrever um poema quando chegar em casa.

Ah, então tá.

Quando entrou no quarto, Jenny se esticou na cama de solteiro e olhou carrancuda para as pinturas e o cavalete vazio no quarto. Ela tinha certeza de que Leo não era burro, embora aquele poema de Robert Frost fosse muito conhecido. Na verdade, ele provavelmeme era um pouco mais inteligente do que o resto deles, só que de uma forma menos óbvia. Ela se lembrava da primeira vez em que pôs os olhos nele na Bendel's antes de eles se conhecerem pela Internet. Foi no departamento de cosméticos e ele estava fuçando as bolsas de cosméticos listradas de marrom e branco características da loja, o único homem que fazia compras em toda a loja. O que ele estava fazendo ali, afinal? Era um mistério. E aquela observação, do nada, que ele fez ontem, sobre a mulher com casaco de mink falso? Ou o novo cachecol da Burberry? Ele parecia saber tanto de... *coisas bonitas.*

E por que ele ainda não a havia convidado para ir a casa dele? A casa dele provavelmente era linda. E ele nunca falou dos pais. Os mistérios de Leo só se acumulavam.

E não havia nada que uma garota gostasse mais do que decifrar os segredos de um cara misterioso.

a idéia de diversão de um artista é a idéia de bobeira de outro artista

Na segunda noite de visita, os pais de Vanessa a levaram, com Ruby, a galeria onde a exposição de escultura de arte fundamental estava acontecendo.

A galeria era enorme e brilhante, com piso de madeira clara e paredes brancas. No meio do salão maior havia um cavalo marrom e branco, devorando satisfeito uma salada Caesar tamanho família em uma enorme tigela de madeira. Ao lado do cavalo havia um balde de plástico azul com um forcado apontando para fora. Sempre que o cavalo evacuava, a garota vestida de alemã, atrás da mesa colocada ao lado da porta da galeria, saltava de sua cadeira giratória para recolher o estrume com o forcado e despejar no balde.

Ruby, a irmã de 22 anos de Vanessa, afagou o focinho do cavalo e lhe deu Tic Tacs de menta, as luzes da galeria batendo na calça de couro roxa.

- Esse é o Buster. É um doce, não é? - perguntou sua mãe, Gabriela, admirando o cavalo.

– Nós o encontramos comendo alface-romana no nosso jardim comunitário. O dono dele foi um anjo em deixar que a gente o pegasse emprestado. - Ela afastou a longa trança grisalha do ombro e afagou a ponta. O cafetá africano berrante que escolhera para usar naquela noite cala dos ombros feito uma toalha de mesa roxa, amarela e verde com um buraco no meio para a cabeça. Fugindo totalmente da moda, Gabriela preferia "costumes tribais" e gostava de se considerar uma "modelo global". Ela estava ate usando mocassins mexicanos feitos de couro de porcos selvagens.

Buster *era mesmo* um doce, mas isso o tomava *arte?,* perguntou-se Vanessa. Ela foi até uma coisa pregada na parede, descobrindo que era uma corrente de raladores de queijo.

Alguns até tinham pedaços secos de queijo ainda presos.

- Você deve estar pensando: "Eu podia ter feito isso."- observou o pai dela, Arlo Abrams.

- Na verdade não - respondeu Vanessa. Por que diabos ia querer fazer uma corrente de raladores de queijo?

Arlo arrastou os pés na direção dela, usando uma capa peruana de lã preta desbotada, uma saia de cânhamo na altura dos tornozelos - sim, isso mesmo, uma saia - e tênis de lona branca. Gabriela era responsável pelas roupas dele, caso contrário ele não se incomodaria em usar roupa nenhuma. Os cabelos compridos e grisalhos se abriam em leque pelos ombros e, como sempre, ele parecia macilento e alarmado. Vanessa tinha certeza absoluta de que a parte alarmada vinha de todo o ácido que ele tomou quando jovem. E, quem sabe, talvez ainda estivesse tomando.

- Feche os olhos e passe a mão neles - instruiu Arlo, pegando a mão de Vanessa. Seu hálito cheirava ao tempeh grelhado que Ruby tinha posto na lasanha da noite passada, ou talvez ela estivesse sentindo o cheiro do queijo velho dos raladores.

Vanessa fechou os olhos, perguntando-se se esse era o momento em que ela finalmente entenderia o brilhantismo e o propósito do trabalho dos pais. Ela deixou que o pai passasse os dedos dela pelas protuberâncias pontudas e afiadas dos raladores. Parecia exatamente que estava tocando em raladores de queijo, nada mais e nada menos do que isso. Ela abriu os olhos.

- Arrepiante, hein? - disse Arlo, os olhos castanho-claros se repuxando.

Era arrepiante mesmo.

Do outro lado da sala, Ruby e Gabriela estavam ao lado de um vaso de terra - outra de suas obras de arte fundamental -, rindo como meninas de dez anos.

- O que há de tão engraçado? - perguntou Vanessa, pensando que talvez elas estivessem falando de um dos namorados músicos esquisitos de Ruby ou coisa parecida. Depois ela percebeu que ate a alemã loura e convencida atrás da mesa estava sorrindo. - Que foi?

- repetiu Vanessa.

Arlo riu e passou os dedos manchados de tinta nos longos cabelos grisalhos, parecendo inacreditavelmente satisfeito consigo mesmo.

- Tem sementes nessa terra - sussurrou ele, os olhos saltados. - Sabe como é, *sementes!*

Hein?

Vanessa sempre foi uma solitária na escola, com a cabeça raspada e a tendência a usar só preto, mas em geral sua solidão era voluntária. Neste caso, ela *queria* entender a piada, realmente que ria. Mas não *conseguia.* E se os pais dela pensavam que a arte era um cavalo comendo salada, utensílios de cozinha pregados numa parede ou um vaso de terra com sementes, não havia jeito de eles entenderem a intensidade sombria de seus filmes sutis e mórbidos. E não havia jeito de Vanessa sequer pensar em compartilhar os filmes com eles.

- Prontos para debandar? - disse Gabriela ao lado do vaso de terra. Os amigos hippies da família da época da escola de arte, os Rosenfeld, convidaram-nos para uma espécie de festa beneficente de arte e eles decidiram arrastar Vanessa e Ruby com eles.

- Aonde vamos, afinal? - perguntou Vanessa ceticamente enquanto saíam da galeria, esperando por um táxi. Ela imaginou passar o resto da noite dançando descalça em volta do fogo em algum parque de escultura no Queens para evocar os espíritos da primavera ou outro absurdo hippie igualmente imbecil.

- A um lugar chamado Frick. Acho que fica na rua 5. - Gabriela começou a fuçar na bolsa disforme que uma amiga havia feito para ela de pneus de trator reciclados. - Tenho o endereço escrito em algum lugar por aqui.

- Fica na Quinta Avenida - corrigiu Vanessa. – Sei onde é. - E Vanessa tinha certeza absoluta de que não ia haver um monte de homens de saia lá também.

Não, mas seria muito mais divertido se houvesse.

pirando no frick

O Frick fora a residência em Nova York de Henry Clay Frick, o magnata do aço e do coque da era industrial. O Sr. Frick era um grande colecionador de arte européia e, após sua morte, a mansão foi transformada em museu.

A festa beneficente Virtude e Vício acontecia no Living Hall, um grande salão com painéis de carvalho, forrado de tapete persa e exibindo quadros de grandes artistas do século XVI, como El Greco, Holbein e Ticiano. No meio de uma parede havia uma das esculturas de bronze de Soldani, *Virtude triunfando sobre o vício,* e no meio de cada uma das enormes mesas redondas montadas para a festa com toalhas de linho creme e prataria reluzente havia uma replica de 25 centímetros de altura da mesma escultura, cercada por uma guirlanda de tulipas roxas.

Não que alguém estivesse dando atenção à arte.

As mulheres com vestidos feitos sob medida e homens de smoking se reuniam nas mesas ou ficavam de pe no bar, mordiscando pato ao molho de ameixa e conversando sobre qualquer coisa, *menos* arte.

- Viu a garota van der Woodsen no anuncio do novo perfume? - cochichou Titi Coates para Misty Brass.

- A lágrima falsa foi demais para mim. Acho que foi muita exploração, não foi? -

declarou Misty. Ela apontou com a cabeça enquanto Serena e Blair seguiam os pais de Serena para o salão antes que as duas meninas escapulissem para encontrar alguma coisa para beber.

- Seus peitos devem ser maiores do que os meus. - Serena levantou o tomara-que-caia Donna Karan que pegou emprestado com Blair. Elas usavam o mesmo tamanho de sutiã, então ela achou que o vestido ficaria bem, mas toda vez que dava um passo podia sentir a roupa caindo um pouco.

- É, mas você é mais magra. - Blair não estava disposta a admitir, mas o vestido de festa cor-de-rosa Milly de Serena estava rasgando aos poucos debaixo dos

braços e nas costuras do corpete desde que ela o fechara. Com demasiada freqüência ela ouvia um pequeno *rip* enquanto as costuras cediam, mas esperava que o vestido agüentasse até ela voltar para casa.

Todo mundo parecia estar tomando coquetéis, mas os garçons não eram vistos em lugar nenhum.

- Por que estamos aqui mesmo? - gemeu Blair.

- Sei lá. É só uma daquelas coisas - respondeu Serena contritamente.

- Bem, se eles não tiverem vodca Ketel One este ano, vou embora - sussurrou Blair. No ano passado ela teve de se contentar com Absolut, tão *passé* que era praticamente pré-

histórica.

- Não é maravilhoso ver as duas meninas juntas de novo? - sussurrou a mãe de Blair no ouvido da Sra. van der Woodsen.

_ Não foi muito bom quando Serena estava no internato. Nós, mulheres, precisamos ter as amigas por perto.

_ Sim, é verdade - concordou a Sra. van der Woodsen friamente enquanto desviava os olhos azuis da barriga de grávida de Eleanor. Ela e Eleanor sempre foram amigas, mas um bebê de quase cinco meses era simplesmente vulgar demais.

E aquele empreiteiro gordo, barulhento e bigodudo com quem ela estava casada era meio duro de engolir. -Ah, olha, é Misty Brass. Vamos lhe dar um alô.

Misty tinha deixado Titi Coates discutindo com a filha, Isabel, sobre se Isabel devia ganhar um carro na formatura ou não, e agora Misty estava sentada sozinha com o filho, Chuck, fofocando como sempre. Ela era uma loura severa com um vestido dourado Carolina Herrera e jóias Harry Winston, e ele estava um demônio sombrio e enganosamente lindo num terno Prada riscadinho de verde.

Na verdade, Chuck realmente *era* o demônio, e ele sempre procurava por novas maneiras de expressar sua maldade. Mas, seja paciente, vamos chegar lá.

- Chegando aos cinqüenta e com quase sete meses - cochichou Misty para o filho. - Como sua amiga Blair reagiu a isso?

Chuck deu de ombros como se não ligasse a mínima. Na grande festa de Ano-novo de Serena, ele puxou Blair de lado e propôs que ela perdesse a virgindade com ele, uma vez que ele era um verdadeiro especialista em defloramento. Para irritação dele, Blair tinha se recusado categoricamente. Ultimamente ele vem experimentando ser gay, pelo menos para matar o tédio.

Ou para ter uma desculpa para tirar as sobrancelhas.

- Provavelmente ela vomitou mais algumas vezes - observou Chuck de uma forma insensível, referindo-se ao probleminha de Blair com a bulimia, que não era segredo nenhum. - Ela vai sair de casa assim que o bebê nascer, de qualquer forma.

- Eu soube que Blair vai a uma clínica logo depois da formatura para cuidar de seu problema de uma vez por todas - observou Misty. - Não é verdade?

Mas Chuck não estava mais ouvindo. Do outro lado da sala, um pequeno drama se desenrolava e ele não queria perder essa.

Nate mal tinha posto os olhos em Blair desde que ela o perseguiu na reabilitação em Greenwich, Connecticut, algumas semanas antes. Durante seu único aparecimento na terapia de grupo, a psicóloga obrigara a admitir em voz alta, na frente de todos, que ela era bulímica, embora Blair insistisse em chamar o problema de "regurgitação induzida por estresse". Nate podia ter se divertido com o aparecimento dramático de Blair na clínica, mas na época ele só estava começando a namorar Georgie, e duas malucas de uma só vez era simplesmente demais para ele. Felizmente Blair entendeu que seu plano de ataque tinha dado em nada e prontamente decidiu que a reabilitação estava abaixo dela.

Como se ela realmente quisesse passar as tardes de sábado falando de como enfiava o dedo na garganta de vez em quando, em lugar de comprar sapatos com Serena. Não, obrigada.

E Serena? Nate não conseguia se lembrar da última vez em que a vira, mas, como sempre, ela estava glamourosa e equilibrada, naquele jeito encantador e discreto dela. Em geral Nate gostava de ficar num canto nas festas e deixar que as pessoas viessem a ele, se tivessem vontade de conversar, mas decidiu tomar a

iniciativa de cumprimentá-las. Por que não? Mesmo que Blair não falasse com ele, Serena falaria.

Serena foi a primeira a ver Nate se aproximar. Ela acendeu um cigarro, deixando a cinza cair no inestimável piso de mármore da mansão.

- Nathaniel Archibald - declarou ela, em parte para alertar Blair, mas em parte agradavelmente surpresa. – Nosso há muito perdido Nate.

- Mas que porra. - Blair esmagou o Merit Ultra Light com o salto pontudo de uma das sandálias de cetim preto Manolo Blahnik. - Meu Deus.

Serena não tinha certeza se Blair estava xingando porque Nate era a última pessoa na Terra que ela que ria ver ou porque Nate estava tão arrasadoramente gostoso com o smoking clássico Armani.

Não havia nada mais emocionante do que um cara delicioso de smoking, mesmo que você deva odiá-lo.

- Oi. - Nate beijou Serena rapidamente no rosto e depois pôs as mãos nos bolsos da calça do smoking, sorrindo cautelosamente para Blair. Ela girava o anel de rubi no dedo repetidamente, como sempre fazia quando ficava nervosa. Seu cabelo curto fazia com que os malares se destacassem mais, ou talvez ela tivesse emagrecido um pouco. De qualquer forma, ela parecia meio... furiosa. Furiosa e delicada ao mesmo tempo. - Oi, Blair.

Blair enfiou as unhas na palma da mão. Precisava de outro drinque.

- Oi. Como está a reabilitação?

- Acabou. Pelo menos pra mim. Aquela garota que estou vendo... a Georgie... ainda está lá.

- Porque é viciada em drogas? - respondeu Blair, virando o que restava da vodca.

A música da big-band turbulenta que ninguém percebera que estava tocando de repente parou, gelando o salão.

- Vamos tomar um porre - interrompeu Serena antes que Blair pudesse fazer alguma maluquice, como dar um golpe de caratê na cara de Nate. - Só falta mais

um dia de escola antes das férias!

Nate parou um garçom que passava e pegou mais vodca com ele.

- Vocês vão a algum lugar legal?

- Sun Valley... como sempre - disse Serena a ele.

Blair limitou-se a ficar parada ali, entornando o segundo drinque e desejando que a) Nate fosse embora, b) ele não estivesse tão animado e careta, c) ele parasse de ser tão absurdamente simpático e d) Serena parasse de retribuir a simpatia.

- Blair vai com a gente. Ela acabou de comprar a passagem.

Nate pegou um maço de Marlboro no bolso e colocou um cigarro entre os lábios.

Acendeu cuidadosamente, olhando para Blair através da chama e depois para longe de novo.

- Eu vou pra lá também - disse ele por fim. - A mãe de Georgie tem uma casa nas montanhas. A gente deve esquiar junto.

Blair sentiu o estômago começar a gorgolejar e espadanar no vestido apertado demais de Serena.

- Volto já. - Ela enfiou o copo vazio na mão de Serena. - Talvez você deva encontrar nossa mesa para a gente poder se sentar.

- Blair está morando na minha casa por um tempo - explicou Serena a Nate enquanto eles viam Blair ir direto para o banheiro das mulheres. De repente Serena se sentiu meio como uma irmã mais velha e protetora em relação a Blair, e ficou feliz em poder ajudar.-

A mãe dela está transformando o quarto dela para a nova irmãzinha. Sacanagem, né?

Nate tentou imaginar como devia ser a vida de Blair, agora que ela tinha um padrasto novo, um meio-irmão novo e uma nova irmãzinha a caminho. Ele não conseguiu ir muito longe.

- Você está diferente - observou Serena, olhando Nate de cima a baixo. Ela ergueu uma sobrancelha perfeitamente tirada e sorriu. – Está *ótimo.*

Nate e Serena sempre tiveram tesão um no outro. Eles até transaram uma vez, perdendo a virgindade juntos antes do primeiro ano, pouco antes de Serena ir para o internato. Mas era uma espécie de tesão meio recreativo, sem ligação nenhuma, e eles não repetiram a dose desde aquela primeira vez.

- Eu *me sinto* bem - admitiu Nate. Ele pensou em contar a ela como tinha parado de ficar chapado, mas ainda não era o capitão do time de lacrosse. Como estava louco para que ela conhecesse Georgie porque eles definitivamente estavam juntos. Mas Nate não era de falar muito. – É legal que você vá para lá - disse ele simplesmente. - Deve ser bem divertido.

- *Deve* ser divertido? - repetiu Serena, atirando os braços em volta dele com seu habitual jeito espontâneo e deixando brilho labial rosa em todo o rosto dele. – Normalmente eu só posso esquiar com o chato do meu irmão mais velho. Vai ser demais!

Nate resistiu ao abraço, tentando não ficar excitado. Mas, agora que estava sem maconha, a mera sugestão do perfume de uma garota ou o roçar dos cabelos dela era o bastante para fazer seu rosto arder, em especial quando ela era tão linda quanto Serena.

Serena pegou um cigarro do maço na bolsa e passou se espremendo por ele.

- É melhor procurar a Blair. A gente se vê, tá legal?

Nate observou-a ir, sentindo o celular no bolso da calça do smoking. Georgie provavelmente estava no quarto dela na Breakaway agora mesmo, num momento de sossego, ou o que quer que eles fizessem com os pacientes depois do jantar, mas talvez a enfermeira encarregada fosse legal o bastante para deixar que eles transassem por telefone.

Ele discou o número e pôs o aparelho na orelha antes de levantar a cabeça. Chuck Bass estava olhando para ele de sua cadeira ao lado da mãe abarrotada de jóias, parecendo mesmo extremamente gay. E só a idéia de que Chuck podia ter uma queda por ele foi o suficiente para sufocar a premência do telefonema de Nate a Connecticut. Ele devolveu o aparelho ao bolso e foi procurar a mesa, sem

sequer se dar ao trabalho de pensar nos boatos que Chuck já começara a espalhar sobre ele e Serena.

virtude e vicío

Vanessa sabia que fora um erro vir no minuto em que colocou os olhos no vestido dourado de Misty Bass. Pouco importava o fato de que o pai estivesse usando um poncho de lã e saia - ela ainda estava com o uniforme da escola!

Mas seus pais não pareciam nada constrangidos.

- Olha o papai olhando a birita grátis - cochichou Ruby na orelha dela. - Ele está pirando no *paraíso.*

- Precisam colocar uma música pop para as pessoas dançarem - comentou a mãe, estalando os dedos e se balançando nos mocassins. Provavelmente era a única mulher no prédio que não estava de saltos; até Vanessa e Ruby estavam usando botas plataforma.

Um murmúrio abafado e apavorado percorreu o salão.

- Quem diabos são *aqueles?* - perguntou Chuck Bass a mãe. Misty Bass era uma das grandes damas da sociedade de Nova York. Ela conhecia todo mundo.

- Não tenho certeza - respondeu a mãe de Chuck. - Mas adoro homem de saia. Que coragem!

- Sabe de uma coisa, eu reconheço aqueles dois – disse Titi Coates ao marido. - São os artistas do vernissage a que fomos ontem à noite... aquela com o cavalo maravilhoso!

- Gabby! Arlo!

Uma mulher com um elegante longo preto, o cabelo castanho com luzes puxado para trás num coque profissional e com estilo, acenava vigorosamente para os Abrams de uma mesa no canto.

- Acho que deve ser a Sra. Rosenfeld. - Vanessa arrastou os pais para a mulher que gesticulava.

Mud! Mud!

- Estamos *tão* felizes de vocês terem vindo! – gritou Pilar Rosenfeld, beijando cada um dos Abrams duas vezes em cada bochecha. - Não é maravilhoso, Roy? – perguntou ela, tocando o braço bem-definido e de smoking do marido. -Aqui estamos todos juntos novamente, depois de todos esses anos.

- Esplêndido! - disse Roy Rosenfeld com uma voz profunda e viva. Os Rosenfeld tinham ido a faculdade de arte com os Abrams e antigamente usavam só batik, shorts feitos de calças velhas e nenhum sapato, embora fossem de famílias ricas da Nova Inglaterra.

Obviamente os tempos de faculdade foram só uma fase.

Ao lado do Sr. Rosenfeld, u,m rapaz alto de cabelo preto e óculos de aro de aço Armani apontou o formidável nariz para Vanessa, como se tentasse identificá-la.

- Jordy, lembra de Gabriela e Arlo, Ruby e Vanessa? - perguntou a mãe.

A atitude arrogante do rapaz não se alterou.

_ Acho que da última vez em que vi vocês, eram só bebezinhas, mas tenho certeza de que você tinha mais cabelo.

Vanessa tinha acabado de notar Serena van der Woodsen e Blair Waldorf expondo toda sua glória na mesa ao lado, tornando-a ainda mais consciente do fato de estar com o uniforme da escola.

- Da última vez em que te vi, você usava fraldas de batik. Jordy puxou os óculos para cima do enorme nariz.

- Bem, agora me preparo para ser advogado na Columbia.

Ruby se sentou à mesa e se serviu de uma enorme taça de champanha.

- Mãe? Pai? Está tudo bem?

Os pais dela estavam parados de pé, rígidos e juntos, apoiando-se um no outro como uma de suas esculturas de arte fundamental. Vanessa se perguntou se eles esperavam dançar descalços em volta do fogo para dar as boas-vindas a primavera em vez de ficar sentados em um evento de gala.

- Por favor. - O Sr. Rosenfeld puxou uma cadeira vazia ao lado da dele e gesticulou para a mãe de Vanessa se sentar.

- Adorei sua saia - observou a Sra. Rosenfeld, apontando para a declaração acidental de moda de Arlo. – É Galiano, por acaso?

Arlo a encarou com o olhar vago. Um garçom de paletó branco chegou para servir o primeiro prato, uma terrina de patê de pato. Arlo começou a cutucá-lo com a colher de sobremesa, procurando por sinais de vida. A mãe de Vanessa pegou o guardanapo de pano e assoou o nariz nele. Ruby riu com o champanha.

- Ainda estão fazendo arte pela paz, ou desistiram disso tudo? - perguntou Gabriela a Pilar.

Pilar sorriu.

- Roy e eu somos advogados do setor imobiliário. Jordy quer se doutorar em direito também, quando terminar a faculdade. Pode esquecer isso... não temos nem tempo de reciclar mais nada!

Os pais de Vanessa empalideceram. Era de reciclar que se tratava a arte fundamental.

Sem reciclagem, eles e sua arte deixariam de existir.

- Bem, é uma pena - disse Gabriela, fazendo uma careta para o patê. -Acha que posso pedir a eles para fazer uma salada para nós?

Vanessa remexeu o patê, deliciada com essa virada engraçada dos acontecimentos.

- Que tipo de advocacia você quer praticar? – perguntou ela a Jordy.

Ele afastou a fumaça de cigarro de suas narinas estranhamente grandes. Atrás dele, Blair Waldorf e Serena van der Woodsen fumavam feito chaminés enquanto a mãe grávida de Blair livrava-se rapidamente da comida no prato.

- Provavelmente imóveis, como os meus pais.

Vanessa assentiu. Era meio difícil se referir ao desejo de uma pessoa de imitar os pais quando seus próprios pais eram tão aberrantes. Mas a falha de

imaginação de Jordy também era estranhamente atraente. E ele nem era de se jogar fora, com um cabelo preto ondulado que dava a impressão de que ele passava muito tempo cuidando dele, e aquele nariz. Vanessa não teria se importado de colocar o nariz de Jordy num filme.

- Gosto dos seus óculos - disse ela.

Só porque Vanessa tinha a cabeça raspada não queria dizer que não soubesse paquerar.

- Obrigado. - Ele os tirou e colocou de volta. – Você está no terceiro ano, não é? Sabe que universidade vai fazer no ano que vem?

Vanessa olhou para Ruby, desafiando-a a soltar a informação sobre a aceitação precoce de Vanessa na NYU. Mas Ruby permaneceu fielmente em silêncio, o que era um desafio e tanto para uma matraca igual a ela.

- Que importância tem isso? - perguntou Arlo, rabugento.

- Qualquer faculdade que possa ajudá-la a descobrir o que a apaixona seria ótima.

Gabriela puxou a longa trança grisalha, os olhos castanhos passando distraidamente para Vanessa.

- É verdade, você *vai mesmo* para a universidade no ano que vem. - Ela se virou para Pilar. - Arlo sempre esperou que Vanessa fosse para Oberlin. Não sei de onde ele tirou essa idéia. Afinal, é uma escola de *arte.*

- Tenho certeza de que alguma faculdade será idiota o bastante para me aceitar - disse Vanessa baixinho.

- É esse o espírito, querida! - piou Pilar. - E nesse tempo todo vocês duas estão morando sozinhas em Williamsburg acrescentou ela, mudando de assunto. - Minha nossa, você é independente!

- Ruby consegue sustentar a casa com a música – disse Gabriela com entusiasmo. - A banda dela pode até assinar contrato com uma gravadora em breve.

Vanessa sorriu duro.

- Enquanto isso, eu fico sentada em casa o dia todo, comendo Pringles sabor carne e vendo violência na TV.

Ao lado dela Jordy grunhiu, o único na mesa que tinha entendido a piada.

A banda começou a tocar, um pouco mais alto desta vez. Duke Ellington ou coisa parecida. Chuck Bass foi dançando até a mesa de Serena e Blair, as mãos nos quadris para ficar mais gay.

- Esta festa seria muito menos chata se vocês, meninas, dançassem comigo. - Ele se inclinou no encosto da cadeira das duas e bafejou no pescoço delas.

Serena e Blair se olharam de lado. A única escapatória das duas era fugir para o banheiro das mulheres para fumar mais. Pegando os drinques, arrastaram a cadeira para trás e puseram-se de pé.

Rrrriip!

Uooosh!

Epa!

O vestido rosa apertado demais e emprestado de Blair rasgou-se obscenamente dos dois lados, revelando o fato de que ela só estava usando meias pretas e nenhuma calcinha. Pior ainda, o tomara-que-caia de Serena ficou preso no encosto da cadeira e foi puxado até a cintura, revelando seus peitos 42 totalmente nus.

- Tudo bem, gente, somos todas garotas aqui. – Chuck abafou o riso.

- Feche os olhos, querido - disse Titi Coates ao marido, Arthur.

- Ah, meu Deus! - exclamou a Sra. van der Woodsen, pegando o drinque por reflexo.

Caraca - sussurrou Nate, de repente feliz por não estar chapado.

As meninas riram histericamente, abraçaram-se freneticamente enquanto passavam batido por Chuck, dispararam para pegar os casacos e deram o fora do

Frick com a rapidez que seus saltos de nove centímetros permitiram.

Ninguém na mesa de Vanessa tinha percebido. Os Rosenfeld e Abrams mais velhos estavam ocupados demais se ofendendo mutuamente enquanto a banda atacava *Puttin' on the Ritz* de Irving Berlin.

Vanessa odiava dançar, mas pegou a manga do casaco caro de Jardy.

- Adoro esta musica. Dança comigo?

Jordy se levantou e puxou a cadeira para ela, todo cheio de boas maneiras e aquiescência.

Depois ele a levou para a pista e rodopiou com ela com a facilidade de quem fez uma escola de dança.

Vanessa se surpreendeu por se sentir meio frívola enquanto ele a girava e a tombava nos braços. Ele era um dançarino do bom que ela se esqueceu completamente do uniforme idiota da escola.

Mas a maioria das outras meninas no salão jamais se esqueceria.

Gossipgirl.net

---

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas *Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.*

oi, gente!

A TAL FESTA CHATA E SEM SENTIDO A QUE TODOS TEMOS DE IR

Não foi muito melhor do que você esperava? Pense só, só restam algumas horas para as férias de primavera - e agora todos temos do que falar no avião!

Não que eu não vá estar falando da coisa de que *nunca* me canso de falar...

SEXO

É claro que alguns de nós tivemos e outros não, mas a verdade é que todos estamos pensando nele e definitivamente estamos todos falando dele. Tem a análise quem-você-

acha-que-já-fez-na-nossa-série-e-com-quem, que sempre envolve uma garota sendo acusada de ter transado com um professor da quarta série. Uma mentira total, aliás, porque por acaso eu fui essa garota. Depois tem o teste com-quem-você-faria-se-pudesse-fazer-com-alguém, que em geral se transforma em guinchos e risadinhas porque, vamos combinar, pênis são feios e estranhos. Depois há a fantasia minha-primeira-vez-ideal, que também em geral envolve celebridades. Per algum motivo, minha fantasia de primeira-vez-ideal sempre era com Jake, em cima da máquina de lavar, ao nascer do sol (por acaso nossa lavanderia tinha uma ótima vista do nascente no East River). Mas depois percebi como seria totalmente desconfortável- e como seria horrível se a empregada precisasse lavar a roupa! Nem preciso dizer que não conseguimos *parar* de falar de sexo.

E, agora que eu já soltei minhas intimidades, vou dar permissão para que vocês soltarem as suas. Não fiquem com vergonha. Afinal, é totalmente anônimo.

A não ser que você não queira que seja.

Seu e-mail

P: Oi,G

Na noite passada eu estava naquela festa e tenho certeza absoluta de que vi você. Tinha aquela família esquisita que nunca vi antes. O pai estava usando tênis e, tipo assim, uma saia. Você raspa a cabeça?

- xstream

R: Cara xstream,

Sua capacidade de investigação é admirável, mas imprecisa. Mesmo que eu raspasse a cabeça, não acha que eu podia usar uma peruca ou um chapéu

engraçado de vez em quando, especialmente numa ocasião de gala como a da festa de ontem à noite? E, pelo que me lembro, a única menina no ambiente com cabeça raspada ontem à noite estava usando uniforme da escola, e devo insistir enfaticamente em que eu *nunca,jamais,* faria isso.

- GG

P: cara gossipgurl,

você viu S e N praticamente, tipo assim, transando no canto do salão do Frick ontem à noite? É uma doideira como os dois insistem em negar. Tipo assim, por que eles não admitem que querem ficar juntos? Eles formam um ótimo casal, não é?

- spec.tater

R: Cara spec.tater,

Me parece que você peca pelo exagero. S e N são amigos. Ser amigos não permite que um toque no outro? Embora não seja difícil acreditar que eles não curtam isso um pouco mais do que deviam ...

Flagra

S e ***B*** correndo - literalmente - da festa beneficente **Virtude e Vicío** ontem à noite antes mesmo que a sobremesa fosse servida. Pessoalmente, acho que ***B*** planejou tudo e rasgou os vestidos para não ter de ficar no mesmo ambiente de ***N***, quando ele estava tão maravilhoso. ***V*** saindo da festa com aquele cara do nariz incomum para dividir cappuccinos íntimos no **Three Guys Coffee Shop** a algumas quadras de distância.

Verdadeiro amor? Ou ela só estava tentando se livrar dos pais? Ou as duas coisas? E o novo namorado loura de ***J***, ***L*** - sim, temos certeza de que era ele -, chegando atrasado no **Frick**, todo embonecado num lindo smoking, com **Madame T,** a renomada benfeitora das artes, em seu braço. Ele também foi visto no Upper West Side ontem à noite, então talvez seja só outro lourinho bonito. Parece haver um monte deles por aqui.

Tenham férias de arrasar e procurem não quebrar nada nem perder nada que eu não quebraria nem perderia! Piscadinhas...

Pra você que me ama,

gossip girl

branca de neve e a equipe olímpica de snowboarding da holanda

- Da última vez em que estive aqui, nossa casa ficava definitivamente nesta estrada -

insistiu Georgie com teimosia. - Mas você não conhece minha mãe. Ela mudaria totalmente a casa para outro lugar só para me irritar.

Nate olhou pela janela do táxi em Sun Valley para as atordoantes mansões de madeira na Wood River Drive, em Ketchum, Idaho, a maior cidade de Sun Valley. Atrás delas erguia-se a massa coberta de neve do monte Baldy, suas encostas robustas alternando-se entre pistas de esqui muito bem-cuidadas e trechos de um bosque denso de coníferas.

Semicerrando os olhos, Nate só podia imaginar a trilha de formigas de esquiadores descendo as encostas em ziguezague. Sua nova prancha estava enfiada confortavelmente na traseira da minivan, em sua caixa Burton revestida de vermelho, e ele estava louco para experimentá-la.

- Talvez você deva ligar e perguntar exatamente onde fica - sugeriu o motorista, olhando para Georgie pelo retrovisor. A viagem do aeroporto a casa dela devia durar apenas vinte minutos, mas eles já estavam rodando pelo Sun Valley há 45.

- Continue dirigindo - ordenou Georgie enquanto pousava a cabeça pesadamente no ombro de Nate. O efeito do comprimido para dormir que tinha roubado do velho sentado ao lado dela no avião ainda não tinha passado, e como sempre ela não estava nada sensata. Além disso, estava usando sandálias de cetim Miu Miu roxas e um top preto fininho, o que era meio estranho, considerando o fato de que eles iam esquiar. Ainda assim, seus braços claros e macios eram uma sensação boa nas mãos de Nate, e os cabelos castanhos grossos eram tão lisos e luxuriantes que ele não se importou. Era legal só ficar juntos pessoalmente em vez de por telefone.

- Lembra quantos andares tem? - perguntou ele, tentando ajudar. - Ou se tem, tipo assim, um regato ao lado ou coisa parecida?

- Na verdade não - bocejou Georgie. - Lembro que uma vez, quando viemos para o Natal, a babá e eu fizemos um boneco de neve juntas. Eu roubei uma das bolsas Fendi da minha mãe pra par no braço dele.

Muito útil!

O motorista se arrastava pela estrada de volta a cidade. Ele parecia ter desistido.

- Pára - gritou Georgie, sentando-se direito.

O carro parou.

- Isso! - Ela pegou a maçaneta e abriu a porta da minivan, esquecendo-se completamente de que estava no meio da estrada em uma curva fechada. - Vem! - gritou ela impaciente para Nate. Obviamente ela esperava que o motorista ou os empregados da casa cuidassem da bagagem.

Não esperamos todos?

Nate admirou a enorme casa de madeira por que passaram duas outras vezes, perguntando-se quem morava ali e se eram famosos ou coisa assim, uma vez que tinha sete SUVs Mercedes pretos estacionados do lado de fora.

- De quem são esses carros? - perguntou ele enquanto seguia Georgie pela entrada coberta de neve até as imponentes portas da frente de aço escovado e dois metros e meio de altura.

Georgie mordeu o lábio inferior cor de sangue, ansiosa. Ela nem mesmo parecia perceber que as sandálias de cetim já estavam totalmente arruinadas.

- Acho que alguém sabia que estávamos vindo. – As imensas portas se abriram com apenas um toque. - A mamãe não gosta de fechaduras - explicou Georgie. - Ela prefere que os amigos se sintam bem-vindos, mesmo que não esteja em casa.

- Ela não está aqui? - Nate achava, quando Georgie falou com ele da viagem pela primeira vez, que eles iam ficar com a mãe de Georgie, que eles a ajudariam a fazer o jantar e depois veriam filmes juntos até que a mãe dela dormisse no sofá e eles pudessem escapulir escada acima para transar.

Agora estavam dentro do imenso vestíbulo da casa. a piso era de lajotas vermelhas.

Grandes vigas de madeira exposta cruzavam o teto. O vestíbulo se abria para uma imensa sala de estar um nível abaixo com toda uma parede feita de vidro dando para as montanhas. Ao lado da sala havia um deque de madeira, onde o vapor de um ofurô subia no ar, mascarando um pouco as sete cabeças de pessoas sentadas nela.

- Ah, o ofurô está ligado! - guinchou Georgie, tirando as sandálias. - o último a entrar vai trazer as bebidas!

Nate deixou que ela corresse na frente enquanto olhava a enorme escada de tábua corrida para o segundo andar. Roupas estavam espalhadas pela escada e junto do peitoril da janela no patamar acima havia craniozinhos de lince.

Ele atravessou a sala de estar, a luz do sol entrando pela parede de vidro e inundando seu rosto. Na frente da grande lareira de pedra, um tapete de urso-pardo.

A gente devia se agarrar naquele tapete agora mesmo, pensou ele amargamente, mas em vez disso tinha de seguir e falar com um bando de estranhos no ofurô da mãe de Georgie.

Havia sete deles, o que meio que explicava os sete carros, embora, se eles estavam a vontade o bastante para se sentar, num ofurô juntos, então não podiam ter dividido um SUV?

Georgie já estava no ofurô, enfiada entre um louro sorridente e Chuck Bass. E todos estavam nus.

- Georgina me disse que tinha alguém especial - disse Chuck, olhando de lado para Nate.

O peito dele era coberto de um grosso pelo escuro. - Mas ela não me contou que era o infame Nathaniel Archibald!

Nate se sentou no banco de madeira que contornava a grade do deque. Não estava com vontade de se molhar nem de ficar pelado, não diante de todos aqueles homens.

- E essa é a equipe olímpica de snowboarding da Holanda! - disse Georgie, agitando o braço branco como a neve para os sete louros recostados preguiçosamente na água quente.

- Chuck me apresentou no half-pipe pouco antes dos teleféricos fecharem.

- Esse é Jan, Franz, Josef, Conrad, Sneezy, Dopey e Gan! Não são uma delícia? -

perguntou Chuck, escorregando na banheira até que só o nariz e os olhos ficassem de fora da água. Depois ele subiu novamente. - E eu sou a Branca de Neve!

- Não, *eu* sou a Branca de Neve - insistiu Georgie.

- É um prazer conhecê-los - disse Nate, mal escondendo a irritação. Se Georgie já estava nua no ofurô com a equipe olímpica de snowboarding da Holanda, então onde ele ficaria?

Alguns deles podiam ser gays, uma vez que saíam com Chuck, mas não era possível que *todos* fossem.

- Ei! - gritou Georgie, jogando água na cara de Chuck. - Pára de beliscar meus peitos! -

Ela sorriu docemente para Nate. - A mãe do Chuck é prima da minha mãe. Ou coisa assim - explicou ela. - Nós perdemos a virgindade juntos na oitava série.

Nate enfiou as mãos no bolso do casaco. Não havia muito a dizer a respeito disso, mas fez com que ele percebesse o pouco que sabia sobre Georgie. Ela definitivamente era cheia de surpresas, e na maior parte do tempo as surpresas não eram boas.

De repente Georgie saiu da água e disparou para dentro da casa.

- Vou pegar champanha pra gente! E, se você não estiver aqui quando eu voltar, vou te enfiar ali dentro!

Mas Nate não tinha a intenção de entrar. Em vez disso, ficou de pé e a seguiu até a cozinha. Georgie revirava caixas de champanha na entrada da copa. A bunda nua e branca se encovava dos lados porque ela era magra demais, mas tirando isso ela era perfeita.

- Vou subir para desfazer minha mala - anunciou Nate, dando a Georgie a oportunidade de acompanhá-lo para que eles tirassem as roupas *dele,* em particular.

- Fique à vontade - respondeu Georgie, passando correndo por ele com uma garrafa de champanha debaixo de cada braço.

No segundo andar, Nate descobriu que suas roupas já tinha sido dobradas e guardadas no armário de cedro em um dos quartos de hóspedes. Então, em vez de desfazer as malas, ele deu uma busca rápida nos banheiros para se livrar de todos os frascos de comprimidos e qualquer outra coisa que Georgie pudesse ingerir para se divertir. Se a mãe dela realmente não estava em casa, era responsabilidade dele se certificar de que ela não bebesse um vidro de Nyquil e incendiasse a casa ou coisa assim.

Depois que terminou de deixar os banheiros à prova de Georgie, Nate definitivamente tinha de ligar para Serena e Blair no hotel. Porque, se ele e Georgie não iam ter uma semana romântica juntos, esquiando e transando, e se ela ia ficar doidona o tempo todo, ele tinha de conseguir alguma companhia.

E quem melhor para ajudar a se distrair da namorada hiperativa, insana e viciada em drogas do que a über-garota que ele sempre desejou e a ex-namorada perversa-mas-ainda-linda?

b passa a se interessar por esqui

Depois de finalmente chegar ao Sun Valley Lodge, Blair se deitou na cama do quarto, olhando para as arvores de galhos nus e a neve do lado de fora, perguntando-se se não devia ter ido ao Havaí, afinal de contas. Pelo menos ela podia ter pegado um bronzeado.

- Toc-toc! - gritou Serena na porta para o quarto ao lado. - Arrumadeira!

Ela guinchava excitada enquanto o irmão há muito sumido abria a porta e eles se abraçavam. Erik estava todo suado da sauna, mas ainda era seu retardado mais velho e adorável. O ursinho de Serena.

- Peraí. Vou me trocar - Blair ouviu-o dizer.

- A Blair não liga para o que você está vestindo – respondeu Serena. - Entre e diga um oi.

- Depois Blair ouviu o som de pés descalços pisando no carpete.

- Oi.

Ela se apoiou nos cotovelos e piscou. Erik estava nu, exceto por uma toalha branca enrolada na cintura. O cabelo louro estava molhado e caía pela nuca. Havia uma pequena cicatriz no queixo, de quando ele tinha caído no playground aos nove anos. Além dessas coisas, ele não tinha falhas.

Blair já havia se apaixonado por ele depois de ler seu diário e dormido com a camisa dele. Ela nunca imaginou o efeito que teria ver Erik pessoalmente. Os enormes olhos azuis dele! A boca triste e sensual! O peito perfeito! Até os pés dele eram perfeitos.

De repente ela entrou em movimento, sentando-se, cruzando as pernas e agitando o cabelo, parecendo calculadamente entediada.

- Oi. - Ela esticou os braços para cima e arqueou as costas. - E aí, já esquiou? - perguntou ela com um bocejo.

Erik riu. Estava acostumado com o efeito que causava nas garotas e era meio bonitinho ver a amiga da irmã mais nova toda crescida e empinando o peito para ele. Na verdade, ele não via Blair desde que Serena foi para o internato e ele para a faculdade, dois anos antes. Ela sempre foi bonita, mas, com o cabelo curtinho, o corpo pequeno e bem proporcionado e o queixo aristocrático apontando para cima, ela se transformou numa verdadeira gata.

- A neve está maravilhosa agora, e nevou, tipo assim, à noite, e faz 15 graus ao sol durante o dia; então você pode, tipo assim, esquiar de short. Algumas garotas até esquiam com o sutiã do biquíni. E este lugar é serio com a manutenção também.

Blair assentiu, fingindo estar fascinada. Ela esquiou a vida toda, mas gostava de pegar leve e não ter de se constranger por escorregar. Ela trouxe o biquíni preferido Eres para o ofurô, mas, pelo que Erik disse a ela, podia até usar nas pistas! Serena a alertara de que ele era um esquiador super-rápido nas rampas. Mas talvez, se ela pedisse com jeitinho, ele pensasse em dar um tempo das rampas. Eles formam um casal perfeito, ela de biquíni e ele de short de surfe, descendo graciosamente a montanha para a inveja de todos.

- Acha que pode me levar amanhã? - perguntou ela. - Só esquiei aqui uma vez.

Erik sorriu.

- Claro.

O quarto do hotel era grande e antiquado, com cortinas de belbutina bege, cômodas e mesas-de-cabeceira de carvalho e um closet. Mas também tinha amenidades modernas: CD e DVD player, acesso à Internet e um frigobar, que Serena já descobrira. Sentada no chão na frente da geladeira aberta, ela enfiou uma trufa Godiva de cortesia na boca e tomou um gole de champanha. Será que Blair estava paquerando Erik? E Erik realmente estava correspondendo? Que esquisito.

- Não liguem para mim - murmurou ela enquanto tomava outro gole da minigarrafa de Veuve Clicquot. - Olha, a luz está piscando no telefone. Temos recado! - Ela voou para o telefone da cama e pegou o fone, seguindo as instruções para recuperar o voice-mail.

"Oi, é o Nate. Espero que vocês estejam bem. Querem se encontrar comigo amanhã de manhã, lá pelas dez e meia, para esquiar? Me avisem se vocês forem. Hmmm, não sei qual é o número daqui. É um lugar meio maluco, na verdade. Mas ligue para o meu celular. Tá legal. A gente se vê."

Serena achou que Nate parecia sem fôlego - e estranhamente nervoso também -, mas talvez fosse só porque ele não estava mais chapado e ela não estava acostumada com a voz normal dele. Serena ergueu o fone e olhou para Blair e Erik. Ele estava apontando a janela e explicando alguma coisa a Blair sobre o desenho da montanha e quais pistas o sol atingia de manhã e à tarde. Como se Blair ligasse para isso.

Serena discou para o celular de Nate e deixou um recado. "Estaremos lá amanhã, total", disse ela. "Mas estou enferrujada, e vamos ter de parar para um chocolate quente e cigarros a cada volta, mas, se quiser se chatear, pode aparecer. Estou doida pra conhecer a Georgie. Te vejo na base do River Run às dez e meia. Tchau, Natie." Ela desligou, colocou outro chocolate na boca e rastejou pelo chão, rosnando antes de abrir a boca e morder as costas da perna de Erik.

- Ai! - gritou ele.

Serena se sentou.

- Será que a gente pode fazer alguma coisa? – perguntou ela. - Ou vocês estão ocupados demais conversando neste quarto de hotel chato para, tipo assim, *sair?*

Blair olhou a amiga em baixo de seu poleiro na cama e mal conseguiu resistir a chutar-lhe a cabeça. Será que Serena não podia dar o fora e deixar os dois conversarem?

Serena se levantou e pegou a bolsa de cosméticos na mala aberta que estava em sua cama.

- Vou tomar um banho - anunciou ela. - E, se vocês já estão prontos para se juntar a mim num coquetel, legal. Se não, vou encontrar alguém bacana e

interessante para ficar comigo, e vocês podem simplesmente ficar sentados aqui vendo o boletim meteorológico e tirando meleca do nariz. – Ela sabia que isso era meio de pirralha, mas também era muito delicado da parte dela dar um tempo para Erik e Blair, tipo assim, *rolarem* na cama enquanto ela estava no banho, se era o que eles queriam.

Blair revirou os olhos. Serena estava com ciúme porque de repente Erik queria conversar com *ela* mais do que com a irmã mais nova. E Blair não estava disposta a desperdiçar uma oportunidade dessas. Erik e Serena podiam se ver a qualquer hora.

- É melhor eu me vestir - disse Erik, segurando a toalha. - Provavelmente vocês tem de guardar as roupas ou coisa assim.

Blair foi até a mala e a abriu. Pegou o biquíni e algumas calcinhas de renda, espalhando-as em cima da cama, bem à vista.

- Não trouxe muita coisa. Na verdade, preciso alugar esquis e as coisas de esquiar na loja lá de baixo.

- Ah, é? - Erik se interrompeu na porta. - Posso te ajudar com isso. Diga a minha irmã que encontro vocês daqui a meia hora no saguão. A gente pode comer alguma coisa depois.

- E os seus pais? - perguntou Blair, lembrando-se de que era convidada para as férias e, embora só o que quisesse fazer era ficar no quarto com Erik, pedir comida, ver filmes românticos em preto-e-branco e rasgar as roupas um do outro, ela não tinha esquecido das boas maneiras. - Não temos de jantar com eles?

- Não. Eles tem toneladas de amigos aqui. Sempre fazem o que querem. Tenho certeza de que todos terão, tipo assim, um jantar com a gente, ou talvez um brunch. Mas basicamente estamos por nossa conta. - Os olhos dele encontraram os de Blair numa compreensão mútua de como isso parecia bom.

- Vai ser bem *divertido* - disse ela.

- É, vai mesmo - concordou Erik antes de se enfiar no quarto dele.

Bem, pelo menos deve distrair!

seria uma arma ou só um bagel com cream cheese?

- Mal amanheceu no domingo e só está 16 graus – reclamou Elise. - Qual é a da vigilância?

- *Shhhh* - sussurrou Jenny. - Lá vem ele. - Ela pegou a manga do casaco de Elise e a arrastou para dentro da lavanderia da Lexington Avenue. Por acaso, estavam paradas na frente.

- E *agora,* o que estamos fazendo? - resmungou Elise.

Jenny pôs o dedo na boca e se agachou atrás de um saco gigante de roupa. Estava usando óculos escuros só para a ocasião e mal conseguia ver alguma coisa na loja sombria. -

Shhhh.

- Posso ajudar? - perguntou o homem por trás do balcão. As duas meninas ficaram imóveis enquanto Leo passava rapidamente pela vitrine da loja. O cabelo louro-claro estava enfiado por dentro de um gorro preto e ele usava jaqueta de couro marrom despedaçado com gola de pele de carneiro que era cara demais ou muito velha. Nas mãos, um café grande num copo de papel branco e um saco de papel branco com alguma coisa dentro.

Arrá! Seria uma arma?, perguntou-se Jenny. *A mão de alguém? Um simples bagel com cream cheese?*

- Vamos! - Jenny se colocou de pe num salto e arrastou Elise para fora da loja de novo, seguindo Leo pela rua 70 até a Park Avenue.

Leo nunca convidou Jenny para ir à casa dele nem disse a ela onde morava. E quando ela o convidou para sair hoje, ele disse que não podia, como acontecia metade das vezes em que ela pedia. Leo era tão *esquivo* que Jenny não conseguiu resistir a espioná-lo. Ele ia sempre a uma cafeteria na esquina da 70 com a Lex e provavelmente morava em algum lugar par ali. Então, naquela manhã, Jenny arrastou Elise da cama às sete da manha para esperar do outro lado da rua até que ele aparecesse na cafeteria.

- Ei, olha. - Elise apontou na Park Avenue para um prédio suntuoso com porteiro e um toldo verde e dourado. - Ele entrou! - Ela agia como se toda a coisa de

espionar Leo fosse totalmente idiota, mas agora estava entrando numa. - É ali que ele mora?

- Não sei - respondeu Jenny num sussurro. Elas continuaram andando pela quadra até que chegaram a um lugar ensolarado. Jenny se encostou no prédio, esperando que Leo saísse novamente.

- Você vai ficar aqui? - Elise pegou um pacote de chiclete Orbit no bolso e ofereceu um a Jenny.

- O que há de errado nisso? -Jenny abriu a embalagem do chiclete e mordeu metade, embrulhando a outra metade para depois.

- Bem, e se ele só se sentar ali e ficar vendo TV por três horas? A gente vai morrer aqui fora - reclamou Elise.

Jenny mascou o chiclete e enfiou as mãos nos bolsos da parca preta. Ela fechou os olhos e deixou que o sol do fim de março banhasse seu rosto.

- Está mais quente no sol. E depois, o que mais temos para fazer? Estamos de férias. Não temos nem dever de casa.

Elise não podia discutir. Era totalmente um porre ser uma das únicas alunas da turma que não foi esquiar nem foi a nenhum resort de praia nas férias. Pelo menos Jenny estava mantendo as duas ocupadas. Ela viu a cabeça loura de Leo sair do prédio, sem gorro, sem o café e o saco de papel branco.

- *Ei* - sussurrou ela, cutucando o braço de Jenny.

As meninas apertaram o corpo na lateral do prédio e encolheram o pescoço, na esperança de ele não as ver. Desta vez Leo estava levando um mastim branco gigante numa trela de couro vermelho. O cachorro usava uma daquelas combinações de coleira e casaco Burberry de trezentos dólares que só os cachorros dos podres de ricas usavam, e umas botinhas de coura rosa.

Ah, meu Deus.

Jenny não sabia bem o que fazer com isso. Era completamente constrangedor para Leo, mas também era completamente intrigante. Ele nunca disse a ela que tinha cachorro! Ela puxou a manga de Elise de novo.

- *Vamos*.

Elas seguiram a distância enquanto Leo passeava lentamente com o cachorro pelo quarteirão. Ele era paciente, deixando que o cão farejasse hidrantes e meios-fios onde outros cães tinham urinado. Depois o cachorro arriou o traseiro e fez um coco enorme, e Leo zelosamente se agachou e o recolheu com um saquinho de plástico rosa que tirou de uma espécie de bolsinha presa a trela, deixando na lata de lixo da esquina da 69 com a Madison. Depois disso, ele andou com o cão em volta do quarteirão para a Park Avenue e entrou no prédio novamente.

Jenny se encostou no mesmo local ensolarado, totalmente desnorteada com o que tinha visto.

Elise ficou atrás dela, mascando ruidosamente.

- Olha, não sei se é verdade ou não, mas sabe aquele site que eu vou sempre? - perguntou ela.

- Sei.

- Bem, falava de uma festa elegante que todas as garotas ricas da escola foram na terça à noite. E falava num cara que estava na festa que parecia exatamente Leo. Então talvez ele seja tipo zilionário e tímido demais para contar a você.

Jenny estremeceu. *Ou talvez ele tenha vergonha demais de mim para me levar em casa para conhecer os pais dele,* pensou ela miseravelmente. Ainda assim ela não estava convencida. Leo não agia como um rico esnobe e freqüentava uma escola meio alternativa. Se ele era zilionário, provavelmente iria para a St. Jude ou para um internato em New Hampshire, ou coisa assim.

- Se ele é tão rico, o que está fazendo comprando café numa deli e passeando com o cachorro? - perguntou ela. E depois, por que o cachorro dele usa uma coleira que custa mais que uma peça de roupa que ela possui? Meu Deus, Leo estava ficando cada vez mais misterioso!

- Talvez ele seja um espião disfarçado de aluno do ensino médio para penetrar em algum círculo de drogas na escola - sugeriu Elise.

_ E ele tem de vestir o cachorro de botas cor-de-rosa como parte do disfarce? - disse Jenny, os olhos na entrada do prédio. - Não acho.

Elise deu uns pulinhos para manter a circulação do corpo. - ,Bem, vai ver são botas de cachorro especiais tipo James Bond, tipo assim, com uns torpedos nelas.

- Ah, é. - Jenny riu. Ela meio que gostava da idéia de Leo ser um espião. - E ele é faixa-preta em caratê e é fluente em, tipo assim, 23 línguas.

Elise se curvou e amarrou novamente os sapatos. Estava ficando seriamente cheia de tudo aquilo.

- O cachorro?

- Não, idiota! - exclamou Jenny, ainda observando a porta. -*Leo.*

- Quem sabe? - Elise deu um bocejo. Ela realmente precisava voltar para a cama, mas também esperava secretamente que ela e Jenny fossem para a casa de Jenny para que ela pudesse ver Dan de novo. Ele era tão estranho, de uma forma bonitinha. - E o que a gente faz agora?

Jenny pegou a outra metade do chiclete no bolso. Cuspiu a metade sem gosto no papel da embalagem e colocou a metade nova na boca. Embora odiasse admitir, ela estava adorando espionar Leo.

- Vamos esperar.

Bem, pelo menos elas estavam ocupadas.

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas *Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.*

oi, gente!

MENINOS E MENINAS AGEM DE FORMA DIFERENTE

Já perceberam que quando os meninos estão estressados só o que querem fazer é passar horas jogando videogame sozinhos ou ir para o parque e bater bola com outros meninos?

Quando *nós* ficamos estressadas, somos produtivas. Arrumamos os armários, compramos a bolsa nova perfeita, fazemos as unhas, depilamos as sobrancelhas e limpamos nossos dentes. Sentar é a última coisa que queremos fazer, e o que mais queremos fazer e ficar com pessoas do sexo oposto. As meninas - até nossas amigas mais íntimas – são tão competitivas e só nos torna ainda mais fantásticas, enquanto os meninos providenciam uma distração relaxante. Mas como isso funciona quando todos os meninos estão ocupados jogando bola? Temos duas opções. Ou tiramos metade da roupa e criamos uma distração que seja um pouco mais tentadora do que uma bola redonda quicando. Ou podemos tentar não ficar competitivas demais e nos divertimos um pouco com as amigas.

Vamos encarar a realidade, depois que você beija aquele cara especial, só o que realmente quer e ligar para as amigas, de qualquer forma.

Seu e-mail

P: Cara GG,

Só tenho 13 anos, e quando você fala de coisas como a faculdade, ainda parece muito longe para mim. Mas não para os meus pais. Eles só falam disso. Tipo assim, eles estão me levando para ver universidades nas ferias de primavera, e me matricularam num curso preparatório para os testes de aptidão escolar que vão começar em abril. O que posso dizer a eles para que larguem do meu pé?

- hadenuf

R: Oi, hadenuf,

Acho que todo mundo pode se identificar com isso. Como se já não tivéssemos pressão suficiente? E sei que vai parecer uma maluquice, mas eu recomendo um pouco de psicologia reversa - sempre funcionou comigo. Torne-se a Srta. Estou-doida-para-entrar-na-faculdade! Compre todos os guias de estudante, encha as paredes do seu quarto com pôsteres de universidade, peça camisetas de universidade pela Internet, compre um CD-ROM preparatório para os testes de aptidão e use como protetor de tela. Pare de ver TV.

E, se eles não ficarem preocupados e te deixarem em paz, experimente namorar um cara que esteja na faculdade. *Isso* deve funcionar. Boa sorte!

-GG

P: Cara gossipgurl,

Sou colega em Smale daquele cara que a J esta namorando. É engraçado, ninguém realmente conhece o cara muito bem. Ele sai logo depois que a sineta toca e ninguém mais o vê. É como se ele fosse um fantasma ou coisa assim.

- celine

R: Cara celine,

Ele ser um fantasma explica tudo. Afinal, os fantasmas podem sumir rapidamente e sacar todo tipo de truques malucos. Mas um fantasma se incomodaria mesmo com a escola?

Aliás, eu adoro seu nome - se é o verdadeiro.

-GG

Flagra

D comprando um novo terno preto de veludo cotelê na ponta-de-estoque da **APC**, tentando parecer francês e artístico para o novo emprego. ***V*** experimentando calça cáqui na **Gap** com o novo namorado narigudo. Desde quando ela usa cáqui? ***J*** espiando pela **Park Avenue**, usando binóculo e um chapéu engraçado de velho. Será que ela ficou doida? ***B*** em **Sun Valley** experimentando biquínis e comprando camisinha. Peraí, achei que ela devia estar esquiando. E alguém disse camisinha? ***N*** dirigindo um SUV

Mercedes cheio de louros bêbados, indo a um restaurante mexicano bagunçado, também em Sun Valley. Não é um saco ser nomeado motorista? E onde estava a namorada dele -

já desmaiada? Que ótimo. Parece que todo mundo esta se comportando da pior forma, como sempre. Lembrem-se de me manter informada. Esta página trata de vocês (quando não trata de mim).

Para você que me ama,

gossip girl

d entra no faça o que eu digo, garoto

Os bolsos do terno novo de Dan ainda estavam costurados e o cabelo molhado estava duro de congelado na testa.

- Olá? - gritou ele rouco no interfone na calçada dos escritórios da *Red Letter* na rua 11**,** no West Village. O cigarro que estava fumando no caminho do metro queimara rapidamente, atingindo os dedos. Ele o atirou na calçada, esperando que alguém da *Red Letter* não estivesse vendo com desaprovação de uma janela. - Sou Daniel Humphrey. O

novo estagiário.

A porta pesadamente gradeada zumbiu e Dan a abriu. Enxugou as mãos suadas na calça enquanto subia a escada. Já podia ver o brilho das luzes do escritório,

ouvir o *tap, tap, tap* de teclados de computador, o zunido de máquinas de fax, fotocopiadoras, impressoras e o murmúrio estável de vozes falando ao telefone. Ele chegou ao último degrau e olhou o escritório aberto, cheio de cabeças estranhas curvadas sobre mesas, falando ao telefone e parecendo ocupados, ocupados, ocupados. Dividindo as paredes brancas havia uma linha vermelha horizontal, fazendo com que a grande sala parecesse embrulhada em fita vermelha. Quando ele tentou ler, contudo, pode ver que a linha era feita de milhares de palavrinhas pintadas em vermelho. Ele se perguntou o que diziam, mas para chegar perto o bastante ele teria de se curvar em cima de uma mesa, e ele não queria ser rude.

Dan esperou que alguém o recebesse e lhe mostrasse o lugar - alguém devia tê-lo atendido à porta, afinal -, mas ninguém parecia se dar conta da presença dele.

Mesmo no novo terno elegante?

Ele passou de um pé a outro e pigarreou alto. Nada.

- Hmmm - falou para o homem sentado mais perto dele. O homem tinha cabelo escuro penteado para trás com gel e usava uma camisa branca enfiada numa calça preta elegantemente pregueada que provavelmente era Armam, Gucci ou coisa parecida. Havia quatro minigarrafas fechadas de água mineral San Pellegrino alinhadas na mesa diante dele. –Vim ver Siegfried Castle - disse Dan.

O homem olhou para cima e semicerrou os olhos.

- *Pourquoi?*

Dan franziu a testa. O cara não podia simplesmente falar inglês?

- Porque sou o novo estagiário dele?

O homem se levantou.

- E eu zou zeu novo jeve. - Ele ergueu a mão, a palma para cima. - Ziegfried Castle. Me jame de Zig... não, na verrdade, ajo que vozê deve me jamarrr de *zenhor.*

Dan não tinha certeza de como lidar com a cena da palma para cima. Ousadamente, pôs a mão em cima da de Siegfried Castle e a virou, apertando a

mão dele como faria uma pessoa normal.

Siegfried Castle sorriu e tirou a mão.

- Vozê é poeta, não?

Dan assentiu, os olhos varrendo nervosamente as outras pessoas no escritório. Agora todas estavam olhando para ele, examinando-o friamente. Ele percebeu que os outros também tinham aquelas garrafinhas de San Pellegrino na mesa. E se vestiam de preto e branco, como o Sr. Castle. Dan se sentiu uma aberração com a camisa azul-clara e o terno cinza.

- Sim. Um poema meu foi publicado na edição de Dia dos Namorados da *New Yorker* no mês passado. Talvez tenha visto? Chama-se "Putas".

Siegfried Castle não pareceu ouvi-lo e Dan se perguntou se havia algum tipo de rivalidade entre a *Red Letter* e a *New Yorker.* Talvez ele tenha cometido uma gafe horrorosa falando na concorrente.

- Agorra, vou mostrrar a vozê minha caija de zaída. Minha caija de entrrada. Meus arrrquivos. Mostrrar a pilha de baboseirra. Mostrrar a fotocopiadora. O televone. O fax.

Vozê zenta aqui. Vou pedir coisas a vozê. Comemos à uma e meia na zala de reunião.

Vozê vai pedir zua comida. – Ele ficou apontando para o escritório e Dan percebeu que o Sr. Castle não ia mostrar nada a ele, nem apresenta-lo a ninguém. A turnê tinha acabado.

O telefone tocou e Siegfried Castle sentou-se novamente e apontou para ele com um dedo perfeitamente manicurado. Dan pegou o fone.

- Alô? -Ele estremeceu, percebendo que devia ter dito alguma coisa mais profissional. -

Posso ajudá-lo?

Quem é você, porra? - disse a voz do outro lado com um sotaque britânico. - Me passa pro Ziegster, já.

Ele passou o fone para o Sr. Castle, que, ele percebeu, tinha uns cabelos grisalhos e provavelmente era mais velho do que aparentava.

- Acho que é para o senhor.

Dan se sentou no que presumivelmente era sua cadeira no canto, de frente para a parede.

Não havia nada na mesa. Nem computador, nem telefone. Nem mesmo San Pellegrino.

Ele se perguntou se devia andar por ali e se apresentar aos outros no escritório, mas não queria realmente incomodá-los enquanto estavam trabalhando. Estreitou os olhos para a linha vermelha de palavras que corria pela parede, mas quanto mais olhava, mais ela parecia dançar e borrar. Ele olhou de lado para a caixa de saída do Sr. Castle. Tinha uma carta nela.

- Gostaria que colocasse no correio para o senhor? - perguntou ele.

Siegfried colocou um cigarro na boca e abriu o Zippo de prata. Depois atirou o cigarro apagado na lixeira embaixo da mesa.

- Vai em frrente - disse ele cheio de rancor, como se mal pudesse esperar para se livrar de Dan. - E também prreziso de caviar. - Ele pegou urna nota de cem dólares no bolso. -

Gourmet Garrage na Zétima Avenida. Beluga *não.* Querro o prreto na lata azul.

Como se *alguém* soubesse do que ele estava falando.

Dan pegou o dinheiro e a carta e saiu. O envelope não estava selado e ele não tinha idéia de onde era o correio, mas certamente havia um por perto, e ele podia fumar um cigarro enquanto estivesse procurando.

Dez quadras depois ele ainda não tinha achado urna agencia dos correios, mas tinha fumado quatro cigarros em um píer que dava para o rio Hudson.

Preciso voltar, disse a si mesmo e atirou o cigarro na água. Mas como podia voltar com o envelope na mão, parecendo um dopado porque não conseguiu encontrar um lugar onde comprar selo?

Ele se inclinou na grade e, antes que pudesse parar e pensar no que estava fazendo, atirou o envelope no turbilhão de água marrom. O envelope flutuou por um minuto, ficou bege, pareceu molhado, e depois afundou.

Epa!

Dan se virou rapidamente e se apressou pelo píer e a rua 11. Talvez, quando chegasse em casa a noite, procurasse na Internet e localizasse o correio mais perto da sede da *Red Letter.* Que importância podia ter aquela carta, afinal?

Ele enfiou a mão no bolso, sentiu a aspereza da nota de cem dólares e se lembrou do caviar.

- Porra.

Dentro da Gourmet Garage havia pilhas de caviar preto e uns oito tipos diferentes de rótulo azul. Dan pegou o mais caro e foi para a caixa registradora.

- Dan?

Ele se virou. Era Elise, amiga de Jenny. Estava levando uma baguete que tinha uns noventa centímetros de comprimento, e tinha farinha de trigo na cara. Estava meio bonitinha, na verdade, a não ser que Dan de repente percebesse que ela era muito mais alta do que ele, tipo uns trinta centímetros.

- O que está fazendo aqui? A Jenny disse que você ia começar no emprego novo hoje.

Dan apontou para a latinha de caviar que percorria a esteira em direção à caixa registradora. Como uma coisa tão pequena podia custar 75 dólares?

- Meu chefe me mandou comprar umas coisas.

Elise observou enquanto ele pagava pelo caviar com a nota de cem e depois enfiava o troco no bolso do sobretudo APC.

- Caraca - sussurrou ela, impressionada. - Bem, de qualquer forma, eu só ia dar uma passada no seu trabalho pra te levar uns biscoitos. Eu estava entediada, e pensei que talvez você gostasse de uma festinha no primeiro dia. - Ela sorriu

timidamente enquanto pagava pela baguete. - Eu sempre escrevo melhor quando tenho alguma coisa boa para mastigar.

Dan não tinha muita certeza do que fazer com isso.

- Tenho de voltar - disse ele a Elise e abriu a porta para a rua.

- Tudo bem. - Ela andou com ele ate a esquina com a baguete enfiada debaixo do braço.

Havia farinha de trigo em todo o casaco de lã de Elise. - Preciso de um táxi. Eu estava comprando um pão pra minha mãe. Nossa família praticamente vive de Coca-Cola e pão francês. Meu pai chama de Dieta dos Wells.

Dan sorriu. A dieta funcionava. Elise era bem magra. Ele semicerrou os olhos para ela no sol frio do meio-dia. Ela havia comprado biscoitos para ele. Elise tinha sardas bonitinhas e era desengonçada e alta, e tinha uma baguete debaixo do braço. Parada ali, com o casaco preto e a malha de balé preta, ela parecia extremamente francesa e poética. Ele definitivamente podia escrever um poema sobre ela.

Elise acenou a baguete para um táxi, que passava.

- Ei! - O táxi parou e ela se virou para se despedir. – Jenny e eu podemos ver uns filmes ou coisa assim mais tarde. Talvez eu te veja na sua casa?

Dan deu um passo na direção dela.

- Tem farinha no seu rosto. - Ele limpou com o polegar e depois beijou o lugar. - Aqui.

Os cantos da boca de Elise se viraram para cima numa tentativa de sorriso.

- Obrigada. - O taxista buzinou. Ela apertou mais a baguete debaixo do braço. - Deixei os biscoitos na sua mesa. Acho que são bons. Tá legal, a gente se vê - acrescentou ela antes de pular para o banco traseiro do táxi.

Petite mignonette, começou Dan a escrever na cabeça enquanto voltava a pé para o escritório. *Doce coquete.* Ele nem tinha certeza se aquelas eram mesmo palavras francesas, mas ela parecia uma francesinha namoradeira que levava pão

debaixo do braço e comprava biscoitos para você. O tipo para quem você escreve canções e poemas e beija no rosto. Elise só tinha 14 anos, afinal. Não era Mystery Craze, mas obviamente o adorava, e pelo menos estava *presente.*

Ele acendeu outro cigarro e voltou ao escritório num passo relaxado. Até que esse negócio de trabalhar não era tão ruim.

Desde que ele ficasse fora do trabalho.

v ajuda os pais a encontrar a arte

- Olha, pai, um trenó velho - gritou Vanessa. Ela cometeu o erro de mencionar quanta coisa velha as pessoas de Nova York largavam na calçada - na verdade ela encontrou um par de patins antigos perfeitamente bons desse jeito - e agora estava patrulhando as ruas de Williamsburg, ajudando-os a encontrar tesouros para a arte fundamental.

Arlo sacudiu o trenó de plástico vermelho e o pegou. Estava rachado no meio e coberto de etiquetas fofas de tartarugas. A base estava manchada e descolorida dos dias de xixi de cachorro que tinha suportado.

- Deve feder - alertou Vanessa.

Arlo deu de ombros e o largou no carrinho de metal preto de Ruby. Já tinham achado um aquário de plástico azul, um chapéu de chef de cozinha branco e um cinzeiro feito de tachas.

- Precisamos mesmo e de alguma coisa grande – disse Gabriela enquanto eles prosseguiam. -Alguma coisa profunda.

Vanessa os seguia de ma vontade, perguntando-se o que sua mãe queria dizer. Outro cavalo? Um ralador de queijo gigante? Ela chutou uma caixa de suco vazia e amassada e se sentou num banco enquanto a mãe e o pai conversavam com o dono de uma pick-up antiga estacionada que parecia um barraco de pescador no meio de um bloco de armazéns. Depois a mãe dela se sentou ao lado dela.

- Arlo achou um espírito irmão - assinalou ela, sorrindo para o marido de longe.
- Acho que ele vai ficar um tempinho ali.

Hoje Arlo estava usando o poncho de lã sobre a bermuda e os tênis sem meias. Os joelhos eram branco-azulados e nodosos, e as canelas tinham hematomas de bater na forja em Vermont, fazendo moveis de carcaças de carrinhos de mão ou chifres de alce. Vanessa se surpreendeu que o pai tivesse encontrado alguém que pudesse olhar para ele como a mãe fazia. E vem falar de espíritos irmãos!

- E então, o que aconteceu com aquele seu namoradinho desgrenhado maravilhoso? -

perguntou Gabriela. Ela pegou um elástico da ponta da trança grisalha e penteou o cabelo com os dedos manchados de tinta.

Vanessa sorriu. Parte do motivo para ela manter a cabeça raspada era que o cabelo da mãe era obsceno para ela.

- Quer dizer o Dan?

Gabriela estendeu a mão e começou a massagear a nuca de Vanessa,que tremeu - ela odiava ser tocada sem convite -, mas sua mãe não percebeu o desconforto.

- Eu sempre achei que vocês dois acabariam se casando ou coisa assim. Vocês me lembram Arlo e eu.

Vanessa abraçou os joelhos, suportando a massagem.

- O Dan entrou para a polícia - disse ela, sabendo o quanto os pais se ressentiam da polícia.

- Não brinca. - Gabriela largou o pescoço de Vanessa. Ela dividiu o cabelo grisalho em três mechas grossas e começou a trançar novamente. - Ele tinha tanto talento. Um olhar raro e afiado para a beleza. E era tão fiel.

Fiel? Talvez não.

- Rá! - enfureceu-se Vanessa. Dan não teria ido a parte alguma se ela não reconhecesse que o poema dele era bom e o mandasse para a *New Yorker.*- Na verdade o Dan não virou tira - admitiu ela. - Ele só deixou de ser legal. Tipo assim, tudo bem andar com todo ripo de gente se ele pode fazer um bom poema com isso.- Ela olhou para a mãe para ver se o comentário tinha sido registrado. - Ele é um babaca- acrescentou ela.

- Os verdadeiros artistas sempre são acusados de babaquice - suspirou Gabriela.
- Você não devia ser tão dura *com* ele. - Ela prendeu a ponta do rabo-de-cavalo com o elástico do molho de brócolis que Ruby tinha cozinhado na noite anterior.
- Sabe quem são os verdadeiros babacas?

- Quem? - perguntou Vanessa, levantando-se. O pai estava vindo na direção delas com uma rede de pesca velha e fedorenta nas mãos, sorrindo ansiosamente, como se mal pudesse esperar para mostrar e contar tudo.

- Os Rosenfeld - respondeu a mãe. -Aquele comentário que a Pilar fez na outra noite, dizendo que nem recicla mais? Que tipo de gente não recicla?

Hmmm, montes de nós.

- O Jordy é legal- aventurou-se Vanessa em voz baixa.

- Mas aqueles óculos que ele usa? Provavelmente custam o preço do nosso carro! Se quer saber minha opinião, ele devia gastar o dinheiro num nariz novo.

Está vendo, até os anormais hippies amantes da paz não conseguem resistir a uma fofoquinha maldosa.

Vanessa bufou. Considerando o fato de que seus pais dirigiam uma wagon Subaru mais velha do que ela, os óculos de Jordy provavelmente custavam *muito mais* do que o carro deles. E se a mãe dela realmente detestava tanto os Rosenfeld, Vanessa estava doida para que a mãe descobrisse quem ela havia convidado para a apresentação de Ruby naquela noite.

Um certo rapaz de óculos caros e nariz comprido, quem sabe?

Um lapso de brilhantismo na mesa do estagiário!

Quando voltou ao escritório, Dan tocou a campainha de novo só para descobrir que o lugar estava completamente deserto. Ele pôs o troco do caviar na mesa de Siegfried Castle e passou pelas filas e filas de mesas em um pequeno corredor. No fim do corredor havia uma porta fechada. Dan pôde ouvir vozes do outro lado da porta. Ele bateu de leve.

- Entrre - ordenou Siegfried Castle.

Dan abriu a porta. A equipe da *Red Letter* estava sentada em volta de uma mesa de reuniões, comendo biscoitos e bebendo San Pellegrino das garrafinhas verdes de que todos pareciam gostar tanto. Uma cópia impressa do novo livro de memórias de Mystery Craze em alemão estava no meio da mesa. A capa era branca com uma foto de um flamingo. Não a ave toda, só as pernas, com uma perna dobrada à altura do joelho.

- Ajamos que ze vozê náo voltaze com o caviarrr, ainda podíamos comerrr zeus biscoitos

- explicou Siegfried Castle. Ele assentiu para uma mulher baixinha de meia-idade sentada ao lado dele. - Ezta e Betzy. Ezte e Charles. Ezte e Thomas.

Ezta é Rebecca. Bill, outrro Bill und Randolph - disse ele, continuando em volta da sala e apresentando a todos num ritmo ridiculamente rápido.

O nome do meio de Dan também era Randolph, e ele o desprezava. Ele assentiu e sorriu educadamente. Todos estavam vestidos como o Sr. Castle, com camisas brancas e calças pretas. Era como se fizessem parte de uma espécie de culto.

- Desculpe por demorar tanto. É um estirão até os correios - mentiu ele. Normalmente ele não mentia nem jogava fora a correspondência das pessoas, mas alguma coisa no fato de ter um emprego o fazia querer ser rebelde. - De qualquer forma, aqui está. - Ele pôs a lata de caviar na mesa diante do Sr. Castle.

O famoso editor tirou o rótulo da lata e o colou na mesa. Depois atirou o caviar na lata de lixo ao lado da porta.

Como é que é?

Dan não sabia se devia se sentar ou não. Obviamente eles estavam numa espécie de reunião, e obviamente ele tinha comprado o caviar errado, então...

- Diga-nos o que vozê aja de Mysterry Crraze. - O Sr. Castle interrompeu os pensamentos dele. - Todo mundo aqui aja que ela e uma espézie de prrofeta, até as mulherres! - Os homens em volta da mesa riram lascivamente.

- Ela é a deusa do sexo - gritou Randolph, mastigando os biscoitos.

Dan ainda estava de pé, sufocando em seu casaco. Ele se sentou na cadeira vaga ao lado do Sr. Castle e olhou o prato vazio onde haviam estado os biscoitos de Elise.

- Mystery e eu somos muito bons amigos - disse ele em voz baixa. - Ela é muito...

realizada.

Os homens na sala riram alto novamente. De repente Dan teve a sensação de que não foi o único que dormira com Mystery.

- Ela é muito boa poeta também - assinalou Rebecca, que tinha orelhas pontudas, como de um elfo. - Nem acredito que ela nunca foi à escola.

- Uma órrrfã que nunca voi à ezcola, crriada por lobos, vai vazer qualquerrr coisa e escrrever depois. Náo zurprreende que ela já zeja vamosa - observou Siegfried Castle sonhadoramente. Ele rabiscou alguma coisa no bloco roxo na mesa.

Dan remexeu nos fios de costura dos bolsos de sua calça.Ele não tinha certeza do que tratava essa reunião. O que ele realmente precisava era de um cigarro e uma xícara de café, e escrever o poema sobre Elise antes que se esquecesse do que queria falar.

Ele gesticulou para aversão alemã das memórias de Mystery.

- Ainda não li o livro dela, mas tenho certeza de que é bom.

Siegfried Castle pegou uma pilha de papeis no chão e os atirou pela mesa para Dan.

- Tudo izo é lijo... náo aprroveitamos nada do que mandam parra cá. Mas querro ler, de qualquerrr vorma.

Dan olhou a pilha. Ele sempre achou que tudo na *Red Letter* vinha do que os escritores mandavam.

- Como faz, então?

Todos riram.

- Garroto bobo. Nós zó pedimos a nozos amigos parra escrrever coisas, ou talvez a gente aje alguma coisa que gostamos de escrrever na parrede do banheirro - declarou o Sr.

Castle, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

Dan pegou a pilha de papéis.

- Quer que eu separe os que acho bons? – perguntou ele, confuso.

- Zó leia e jogue forra! - gritou Siegfried Castle, o rosto vermelho e parecendo irritado. -

Zai! Zai! - gritou ele, apontando para a porta. Ele pegou o prato de biscoito vazio da mesa e o enfiou na mão de Dan. - Zai!

Dan correu da sala, levando o prato e os poemas para sua mesa vazia. Todo o corpo tremia e ele estava preocupado que pudesse chorar. Em vez disso, começou a folhear a pilha de poemas, lendo rapidamente. Alguns eram pavorosos, mas outros eram originais e brilhantes. Ele pensou em perguntar ao Sr. Castle o que ele achava que havia de errado com os poemas. Ou talvez ele pudesse deixar os poemas de que gostou na caixa de entrada do Sr. Castle com um bilhete pedindo a ele para reconsiderar. Mas novamente, quanto menos tivesse a ver com Sigfried Castle, melhor.

Quando recuperou o controle, ele pegou uma folha de papel em branco da pilha ao lado da impressora e abriu a caneta, rabiscando os primeiros versos do poema que ficou na cabeça a tarde toda.

Petite mignonette, doce coquete

Provo de seu biscoito, de seu pão

Você preenche meu prato

O último verso parecia conhecido, como se ele já tivesse usado em outro poema. Cruzou as pernas, ponderando, e ouviu o som da descarga de um banheiro. Iria fazer xixi, decidiu. Um xixi e depois terminaria o poema. Ele se levantou para ir ao banheiro.

Dentro, havia alguma coisa escrita em latim na parede em tinta vermelha, mas ele não conseguiu decifrar.

Quando voltou à mesa, a folha de papel com o poema não estava mais lá, mas toda a equipe ainda estava na sala de reuniões.

Dan não ousou investigar. Só podia esperar que seu fragmento de poema fosse publicado sob "Anônimo" na próxima edição de *Red Letter.* Um dia, ele podia vazar a informação de que o poema era dele e o mundo da literatura clamaria por mais. Ele publicaria um livro - ou talvez dez livros - e se tornaria mundialmente famoso, como Mystery Craze.

Embora talvez não tão notório.

I, o homem misterioso

Jenny e Leo ficaram de mãos dadas durante todo o filme e continuaram quando saíram do cinema. Jenny nem tinha prestado atenção no filme. Só o que pôde pensar em toda a sessão foi: *Ele vai me levar para a casa dele depois. Estamos só a cinco quadras do prédio com o porteiro na Park. E depois vou conhecer o cachorro, a mãe, o personal trainer dele e as dez empregadas ...*

- E aí, eu estava pensando que a gente podia andar até o Guggenheim agora. - Leo sorriu para ela com o sorriso bonitinho de dente torto.

Se ele é tão rico, como é que os pais dele não mandaram ele consertar os dentes?, perguntou-se Jenny. E novamente ela ficou feliz que não tivessem mandado.

- Já passa das oito. Os museus não estão todos fechados agora?

- Eles tem umas coisas à noite, uma vez por mês – explicou Leo. - É mais legal, sabe, ver as telas quando está escuro.

Se Jenny tivesse pensado direito, teria achado que esta era praticamente a melhor coisa que alguém já disse. Primeiro, não era legal que ela e Leo fossem a museus e exposições de arte? Segundo, não era legal que ele conhecesse esses happenings diferentes a noite e que quisesse levar *Jenny* com ele?

Mas só o que Jenny conseguiu pensar foi: *Ele não vai me levar a casa dele! Qual é o problema comigo? Qual é o problema com ele? Qual é a história dele?*

- Você tem algum bicho de estimação? - perguntou ela cheia de suspeita enquanto eles atravessavam a Segunda Avenida e iam para oeste, a caminho da Quinta.

- Bicho? Não. Por quê? - Leo passou o braço no ombro dela. - Brrr. Está aquecida? Quer meu cachecol?

Outro gesto romântico de derreter o coração, mas ela não percebeu?

Não tem bicho?, remoeu Jenny, distraída demais para se incomodar com o frio. *Mas por que ele mentiria? E por que está tentando mudar de assunto tão rapidamente?*

- Bem, chegamos.

A estrutura espiralada e fantasmagórica do Museu Guggenheim assomou diante deles na escuridão. "Beije, beije", proclamava um cartaz pendurado na entrada do museu. Leo corou quando percebeu que Jenny viu o cartaz.

- Vem, vamos entrar.

Jenny abriu a bolsa para pagar pela meia entrada, mas Leo gesticulou para ela guardar a carteira.

- Está tudo bem. Sou sócio daqui. A gente entra de graça.

Um sócio? Mas ora vejam só. E Elise não disse que Leo l tinha sido visto na festa beneficente do Frick Museum na terça à noite? A família dele provavelmente *era dona* do Guggenheim.

Eles subiram pelos corredores gradeados do museu, parando na primeira pintura em exposição. Era *Aniversário,* de Marc Chagall, uma tela de uma mulher segurando um buquê de flores, beijando um homem que voava acima da cabeça dela. Parecia que a mulher tinha acabado de fazer alguma coisa entediante, tipo botar a mesa, quando o homem baixou e apanhou os lábios dela com os dele.

- Adoro esse azul- disse Leo, analisando o quadro. - A gente pode pensar que o azul deixa a tela fria, mas não é assim. Ele a aquece.

- Hmmm. -Jenny não ouviu uma palavra do que ele disse. Estava analisando o perfil dele, o cabelo, as roupas, os sapatos, as unhas, procurando por uma pista, um tipo de explicação.

Leo olhou para ela, corando novamente, e pegou a mão de Jenny.

- Posso te beijar? Quer dizer, antes que a gente veja a próxima?

Se ela não estava prestando atenção antes, agora estava.

- Ah! Hmmm. Claro. -Jenny deu um passo para trás e quase perdeu o equilíbrio.

Leo apertou ainda mais a mão dela.

- Te peguei.

Jenny deixou que ele a puxasse e levantou o rosto para encontrar o dele. O que eles fizeram em seguida não foi nenhum mistério, embora ela meio que se perguntasse onde ele aprendeu a beijar tão bem.

Ela só precisava parar de pensar tanto.

aquele proto-advogado esquisitão parece bem gostoso

- Ele realmente deve gostar de você, para ter o trabalho de vir até aqui numa noite destas

- sussurrou Ruby no ouvido de Vanessa quando a apresentação regular da segunda à noite com a banda SugarDaddy estava prestes a começar.

- Ele só esta aqui por causa da música – respondeu Vanessa sarcasticamente.

Jordy Rosenfeld estava parado a soleira da porta do clube escuro e lotado, abrindo a parca de esqui verde Columbia. Seu nariz estranhamente comprido estava vermelho e gotejava do frio, e o suéter de gola rulê amarelo-vivo e a calça cáqui se destacavam como luzes estroboscópicas em comparação com a turma de preto de Williamsburg.

Normalmente a visão de um cara como ele podia fazê-la se encolher, mas a essa altura Vanessaja não se importava com o amarelo do suéter. E o nariz dele na verdade era meio sexy e distinto, se olharmos de certo angulo. Ela se levantou e acenou para Jordy.

Oi, Sra. Abrams. -Jordy cumprimentou Gabriela.- Como está, Sr. Abrams?

Os pais de Vanessa vestiam camisetas do Greenpeace, leggings pretos apertados e Birkenstocks com meias brancas. Podiam ser uma peça de suas exposições de arte.

Naturezas-mortas de aberrações hippies.

Gabriela olhou entre surpresa e confusa para a filha.

_ Oi, Jordy. Vanessa não nos disse que *você viria* esta noite.

- É porque eu quis guardar segredo. -Vanessa disparou o sorriso versão vem-cá para Jordy, que era na verdade um sorriso que parecia normal, uma vez que Vanessa não sorria muito.

Jordy abriu o zíper do casaco e se sentou ao lado dela.

- Eu fiz minha parte.

- Então merece um drinque - disse Vanessa e gesticulou para o bartender, batendo no nariz e puxando as orelhas numa serie de sinais simulados. A SugarDaddy tocava tão regularmente no Five and Dime que era praticamente o segundo lar da banda. Vanessa até havia ficado com o bartender, que agora guiava passeios de rafting na Nova Zelândia.

O bartender veio ver o que o novo amigo de Vanessa queria.

- Tem Irish Cream Baileys? - perguntou Jordy.

Arlo estava vendo a banda fazer a passagem de som. A SugarDaddy era composta de quatro irlandeses com rosto claro e olhos que pareciam distantes, e Ruby, que gritava e sacudia muito a bunda, embora não fosse a cantora.

- Comer ervilha podre - disse Ruby baixinho ao microfone, testando o som. Arlo riu, parecendo extremamente orgulhoso.

Gabriela se levantou para ir ao banheiro.

- Espero que comecem logo. Arlo e eu prometemos aquelas pessoas legais que nos encontraríamos no metrô para fazer uma sessão de canto com eles à meia-noite.

O bartender trouxe um copo com uma coisa bege e leitosa com gelo e Jordy tomou um gole.

- Gosto disso - disse ele simplesmente.

Gabriela voltou do banheiro, o longo cabelo grisalho numa nova trança, preso no estilo Heidi no alto da cabeça. Ela pôs Chap Stick - sua versão de maquiagem - e tirou as meias.

As luzes baixaram e Ruby começou a rosnar no microfone e a tocar o baixo. Depois a banda irrompeu em uma de suas principais músicas, *Canada Is the Future.*

Jordy olhou para o bar lotado, as enormes narinas estreitas oscilando. Vanessa percebeu que a etiqueta estava para fora da gola do suéter amarelo dele. *Made in China,* dizia.

Gabriela apontou para ela.

- Sabia que a maior parte dos têxteis feitos na China é produzida por prisioneiros da Tailândia que são torturados e escravizados?

Jordy a encarou.

- Sua blusa foi feita por vítimas do comercio de massa. - Gabriela deu seu sermão.

Vanessa tinha certeza de que havia alguma validade no que a mãe estava dizendo, mas a blusa de Jordy já era bastante feia - eles não precisavam falar de onde fora feita.

A SugarDaddy começou um de seus riffs na bateria notoriamente longos. Ruby gritava com o barulho do baterista, uma coisa sobre babacas em minivans.

Não sabe como fiquei decepcionada em ouvir sua mãe dizer que não recicla - disse Gabriela monotonamente.- Eu estava pensando que você e seus pais deviam ir a Vermont para um pequeno retiro. É muito puro lá. Podia ajudar a lembrar do que é sagrado.

Jordy sorriu educadamente.

- Vou falar com eles. Mas, na verdade, o único motivo para me us pais não reciclarem é que o prédio deles tem incinerador, e é mais fácil jogar tudo lá embaixo. Eu vivo basicamente de miojo sabor camarão e café, então não tenho nada para reciclar.

Gabriela olhou para ele com alarme.

Vanessa sorriu. Sim, Jordy era o Anticristo e ficava mais gracinha a cada segundo. Ela aproximou a cadeira um pouco mais dele enquanto a SugarDaddy atacava outra de suas músicas estranhas e dançantes.

Vanessa se curvou e sussurrou no ouvido de Jordy:

- A qualquer momento vou te beijar.

Os cantos dos lábios dele viraram para cima e ele tomou outro gole do Baileys.

Gabriela cutucou a perna de Arlo com o dedão descalço.

- Vamos dançar, querido. Preciso soltar um pouco do fluxo.

Mas Arlo estava tão transfixado com os músicos que a baba se acumulava no canto da boca. Vanessa achou que ele parecia um bebê vendo circo pela primeira vez.

Ela se aproximou mais de Jordy e segurou o rosto dele, virando-o um pouco para evitar esbarrar no nariz.

- Vou te beijar *agora* - sussurrou ela antes que a mãe conseguisse arrastar Arlo para fora da cadeira.

Depois ela pressionou a boca contra a dele, sentindo o gosto do Baileys e a diferença entre beijar Jordy e beijar Dan. E era assim, meio... delicioso.

sexo é melhor depois do esqui

- Tem certeza de que não está com frio? - perguntou Serena a Blair pela quarta vez. Blair só estava usando o top do biquíni Eres cor-de-rosa por baixo de um cardigã de cashmere branco tricotado a mão e calça stretch preta Miss Sixty.

Não era exatamente um traje para o alto desempenho nas montanhas - mas isso depende do que você define por desempenho.

Blair se curvou para o ombro de Erik enquanto fazia outra tentativa de enfiar o salto da bota de esqui dentro das amarras.

- Droga, não entra. - Ela sorriu acanhada e Erik se ajoelhou aos pés dela para ajudar. Ele vestia urna jaqueta Patagônia felpuda sobre um adorável suéter tecido a mão Aran e calça de esqui preta apertada que revelava os músculos das coxas longas e sensuais. Não, ela não estava nem remotamente com frio, mas obrigada por perguntar.

Serena bateu na neve com o bastão de esqui, ansiosa para descer a pista e se afastar do que quer que estivesse rolando entre o irmão mais velho e a melhor amiga. Era meio gracinha ver Erik fingir que não sabia que Blairo0 estava azarando. Mas também não era tão gracinha.

Serena fechou o zíper do traje de esqui lavanda de uma peça Ellesse até o queixo e puxou a aba de cashmere cinza sobre as orelhas. Se Nate não chegasse logo, ela ia subir no teleférico sozinha. Havia toda uma montanha cheia de caras bonitos só esperando para se apaixonar pelo modo com que ela fazia as curvas. Serena só tinha de sair dali.

- Ótimo. - Erik se levantou e puxou as luvas de esqui de couro preto para trancos pesados.

- Como está?

Blair se inclinou nos bastões e balançou os joelhos para cima e para baixo como uma dançarina go-go.

- Tudo bem - arriscou ela timidamente. - Mas e se eu cair?

Erik colocou os óculos de sol espelhados Scott no nariz. Parecia que tinha esquiado por toda a temporada, embora tivesse acabado de chegar.

- Não vou deixar você cair - prometeu ele com um sorriso que indicava que ele seguraria a mão dela em toda a descida da montanha.

Serena revirou os olhos e baixou os óculos Smith, pronta para abandonar os dois e deixar um bilhete para Nate com a recepção do teleférico, mas então ela viu a cabeça dourada de Nate no caminho de neve da estrada, a prancha de snowboarding com a folha de maconha e os esquis de Georgie apoiados sem esforço nos ombros fortes de construtor de barcos.

Georgie estava ao lado dele, o cabelo quase preto na cintura balançando como uma capa. Vestia um traje azul-escuro forrado de mink que parecia ter sido feito especialmente para ela por Tom Ford. Até o gorro e as botas de esqui de couro marrom eram forradas de mink.

- Ela é mais bonita do que eu pensava - disse Serena baixinho, mas Blair estava tão ocupada fingindo que a barriga não tinha dado uma revirada engraçada a visão de Nate e a nova namorada que não ouviu.

Quando ainda estavam a umas centenas de metros de distância, Nate baixou os esquis do ombro e ele e Georgie subiram neles sem esforço. Depois esquiaram, deslizando graciosamente pela neve como uma dupla de patinadores.

- Oi. É bom ver vocês. - Nate tinha passado metade da noite vendo Georgie tomando Jigermeister pelada no ofurô com a equipe holandesa de snowboarding, então ele não estava mentindo. A manhã demorou a chegar.

- Caraca! - entusiasmou-se Georgie quando viu Blair. - Você é corajosa.

Blair olhou Georgie rapidamente e abriu o cardigã alguns centímetros.

- Obrigada - respondeu ela, embora não tivesse muita certeza do que Georgie quis dizer.

- Tenho um igual, só que branco - disse Georgie, apontando para o sutiã do biquíni de Blair.

Erik e Nate olharam para o peito pequeno mas bonito de B1air, imaginando como o de Georgie ficaria muito melhor e mais bonito numa versão branca do mesmo biquíni.

Enk apontou um bastão de esqui para Blair.

- Vamos lá, eu te reboco.

Ai, que *lindinho!*

Eles estavam prestes a se juntar à longa fila do teleférico quando Chuck Bass apareceu com a nova prancha de snowboarding Burton.

- Oi - cumprimentou ele. - Andei pegando umas dicas no half-pipe da equipe holandesa.

Aqueles caras são demais!

Os cinco viram Chuck deslizar para a fila da escola de esqui, que furava o resto da fila.

- Vamos! - gritou ele. -Tenho um passe de instrutor de esqui!

Nenhum deles que ria saber como Chuck tinha conseguido um passe de instrutor de esqui. Nem ligavam de esquiar com ele se isso significava que iam furar a fila.

Exatamente o resultado que ele procurava.

Todos os teleféricos maiores do resort eram de alta velocidade e levavam quatro pessoas para a montanha de cada vez. Serena e Georgie foram as duas primeiras na fila e, embora fosse doloroso para Blair subir ao lado de Georgie, ela não podia exatamente gritar,

"Pára!", quando Erik se juntou a ela.

Suoosh! O teleférico balançou os assentos e ergueu-os com os esquis no ar.

- *Êêêêê!* - gritaram Serena e Georgie em uníssono.

- Uau. - Blair agarrou o braço de Erik. Mesmo depois de todos aqueles anos de esqui, o teleférico ainda a deixava nervosa.

Nate e Chuck estavam bem atrás deles, as pranchas de snowboarding batendo enquanto eles afundavam na cadeira.

- Trouxe alguma erva? - Chuck abriu o bolso da frente do traje de esqui roxo-escuro Bogner com a gola estranha de pele de raposa e pegou um frasco prateado. Ofereceu a Nate. - Conhaque?

- Não fico mais chapado - insistiu Nate teimosamente. Ele olhou as botas de Chuck. Eram exatamente iguais as dele, mas a prancha de snowboarding de Chuck era rosa, com as palavras *Chiquita Banana* escritas no alto. Era definitivamente uma prancha de mulher, e Nate meio que suspeitou de que Chuck estava usando traje de esqui de mulher. Isso nem mesmo era gay, era só muito esquisito.

Na frente deles a fumaça espiralava no ar acima do gorro de mink de Georgie. Nate só podia esperar que os outros fossem sensatos o bastante para não deixar que ela fizesse nada de ilegal no teleférico.

Chuck pegou um Marlboro da orelha e acendeu. Seu queixo estava meio escuro da barba por fazer e parecia que ele podia estar desenvolvendo algum pelo facial experimental.

- Ouvi dizer que a Blair e sua nova namorada tiveram uma briga por sua causa na reabilitação em Greenwich.

Nate afastou a fumaça do cigarro de Chuck com a mão. Estava meio encantado com os topos pontudos dos pinheiros escuros que cresciam no manto branco e macio de neve abaixo deles. A fumaça estava estragando isso.

- Eu também soube que Georgie e Serena foram para o internato juntas em New Hampshire e foram expulsas na mesma época. Elas foram pegas transando. Tipo assim. -

Chuck pegou o gancho da calça e ergueu a pélvis na cadeira, a língua pendendo de um jeito nojento.

- Duvido disso - disse Nate, embora não tivesse certeza. Ele nunca soube de toda a história de por que Serena tinha sido expulsa da Hanover Academy no começo do período letivo e mal sabia alguma coisa sobre Georgie. As duas não deram nenhum sinal de que se reconheceram quando se reuniram agora há pouco, mas as garotas sempre bancavam a cool até que tivessem oportunidade de falar e se entender.

No alto, à frente deles, Georgie e Serena estavam acendendo o segundo cigarro.

- Eu só fumo estes na subida - explicou Georgie com o ar de quem fuma algo diferente em cada altitude. - O gosto é melhor aqui.

- Hmmm - inalou Serena. Ela se virou para ver Nate e Chuck. Nate estava olhando diretamente em frente, enquanto Chuck fumava e tagarelava. - Casalzinho lindo – brincou ela.

Georgie riu.

- Tá vendo, até o Chuck acha que Nate é bonito.

Blair não disse nada, mas secretamente esperava que o gorro de pele de Georgie pegasse fogo e ela despencasse no chão numa queda de peles em chamas.

Serena apontou o dedo para Nate. Depois sorriu e mandou um beijo para ele. Georgie se virou e fez a mesma coisa, mas na ordem contrária.

- Você sabe que ama a gente! - gritaram as duas meninas.

Blair passou o braço pelo de Erik enquanto a cadeira ia para a rampa de descida da escarpa onde eles tinham de descer. Sair do teleférico era ainda pior do que entrar.

- Mantenha as pontas pra cima e segure em mim - orientou Erik delicadamente.

Ela fez o que ele disse, mantendo uma pegada estável no braço dele enquanto eles desciam deslizando para a rampa lado a lado. Depois Erik deu um pequeno giro e derrapou até parar. Blair esbarrou nele e caiu sentada nas costas dos esquis.

Uf!

Erik pegou-a e rapidamente puxou-a para que ficasse de pé novamente, segurando-a em seus braços fortes e confortáveis.

- Não se preocupe, ninguém viu.

Blair deu uma risadinha. Meu Deus, os olhos dele eram azuis. E ele era tão... *capaz.*

Depois a ficha caiu. *Vou perder para o Erik nessa viagem!* Por que não? Eles se conheciam a vida toda. O sentido era perfeito.

Assim como fazia todo sentido do mundo usar um sutiã de biquíni na neve?

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas *Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.*

oi, gente!

SOBRE AQUELE BOATO QUE ESTÁ ROLANDO...

Até parece que é só um. Mas você sabe o boato de que estou falando. Aparentemente algumas pessoas estão dizendo que uma certa loura do terceiro ano que foi expulsa da Hanover Academy em outubro não estava sozinha no escândalo. Tinha uma parceira: uma garota infame de cabelo escuro de Connecticut. Bem, eu pesquisei um pouco e parece que a dita garota de Connecticut *foi* matriculada na Hanover por um tempo curto, embora a data e as circunstâncias de sua partida não estejam claras.Ela foi a seis escolas em quatro anos e, uma vez que *está* tão ocupada com a reabilitação, não parece que vai terminar o ensino médio tão cedo. E não é que elas sejam grandes amigas ou coisa assim, uma vez que nunca foram vistas juntas na cidade. Por enquanto, vamos apenas dizer que o caso merece uma investigação mais profunda. E, acreditem, eu vou investigar.

Seu e-mail

P: Oi, Gossip Girl,

Minha família sempre passa as férias de primavera no Havaí porque eu tenho quatro irmãos menores que adoram surfar - eu sei, minha vida é um inferno. Bem, *era* um inferno. Agora não está tão ruim. Na noite passada, enquanto eu estava cuidando dos meus irmãos na piscina, aquele cara com trancinhas curtas que estava cuidando de outro garoto na piscina começou a conversar comigo. Eu sei que é meio rápido, mas agora acho que estou apaixonada. A gente acredita nas mesmas coisas, tipo vegetarianismo total e fazer música em vez de guerra. Só que eu moro na Califórnia e vou para UC Berkeley no ano que vem, e ele mora em Nova York e vai para Harvard. Você acha que é errado perder a virgindade nas férias de primavera para um cara que mal conhece?

- àprimeiravista

R: Cara àprimeiravista,

Sua pergunta é do tipo que sempre aparece, então acho melhor responder antes que seja tarde demais! Primeiro, você mesma disse: você e o Sr. Vegetariano Total moram em lados opostos do continente. Pode parecer conveniente agora, mas por que não esperar para ver se um dos dois se dá ao trabalho de viajar para a grande noite? Depois você realmente vai saber o que é o verdadeiro amor, e não o verdadeiro tesão! Segundo, as férias de primavera só começaram. O Sr. V.T. pode ter parecido ótimo na noite passada na piscina, mas o Sr. Ainda Melhor pode estar dando colheradas em bacon de tofu no bufê do café amanhã de manhã. E como você não quer ficar conhecida como a Putinha Vegetariana de Waikiki, pode ser legal manter suas opções abertas e se prender a atividades acima-do-umbigo. Não tenho nada contra beijar mais de um cara nas férias de primavera, nem ao longo de um só dia! Divirta-se!

- GG

Flagra

J xeretando pelo **Upper East Side** com um binóculo pendurado no pescoço. Pode-se dizer com segurança que ela não estava observando pássaros. O namorado louro e alto dela, **L**, na **Bendel's** de novo, comprando luvas de couro de mulher tamanho grande -

muitíssimo maiores do que ***J***. ***D*** andando pelo Village, fumando feito uma chaminé e zanzando em livrarias. Nossos amigos em Sun Valley vendo a equipe de snowboarding holandesa fazer truques no half-pipe enquanto bebiam vinho quente nas laterais. ***S*** e ***G***

batendo papo, ***B*** sentada no cola de ***E,*** e ***N*** e **C** sentados juntos muito perto, de mãos dadas, discutindo qual holandês eles achavam mais bonito. Brincadeirinha. Mas, de verdade, só o que acontece nas pistas é esqui.

Não se esqueçam de me contar cada coisa picante que estão fazendo.

E adivinha só? Já estou bronzeada!

Pra você que me ama,

gossip girl

d evita o óbvio com e

- Nem acredito que você pôs as mãos nisso - gemeu Jenny, torcendo o nariz enquanto Leo amassava ovos crus, manteiga, açúcar, farinha de trigo e chocolate em pó com as mãos nuas. Foi idéia dela fazer os brownies, mas e claro que eles tiveram de fazer na casa dela, e não na dele. Jenny não sabia quando ia chegar a ver a casa dele.

- Minha mãe me ensinou assim. É a única maneira de misturar bem sem usar uma batedeira. - A camisa xadrez vermelha e branca de Leo estava com as mangas enroladas até os cotovelos e ele mordia o lábio inferior de tão concentrado - o retrato definitivo do adorável - enquanto suas mãos trabalhavam no conteúdo na grande tigela de cerâmica.

- Ah - respondeu Jenny, peneirando outra xícara de farinha. - Sua mãe gosta de cozinhar?

- Quem quer que morasse naquele prédio elegante na Park Avenue devia ter um chef em tempo integral.

- Mais ou menos. Ela prefere fazer brownies.

Arrá. Está vendo? Cozinhar era só outro hobby, como vestir o cachorro com roupas de grife e meter Botox na cara.

Leo retirou os dedos da massa doce e estendeu para Jenny.

- Quer provar?

Jenny estava tão preocupada com a idéia da mãe dele batendo brownies à noite na cozinha que abriu a boca e deu uma longa lambida no dedo de Leo.

Oh!

- Opa. Acho que estou interrompendo alguma coisa observou Elise da porta da cozinha. -

Vocês são tão gracinha - acrescentou ela cinicamente.

A campainha tinha tocado alguns minutos antes. Mas, depois que Elise entrou, Jenny ficara tão preocupada com as habilidades de bater brownies de Leo que se esqueceu completamente da amiga. Ela pegou a colher de pau que tinha conseguido para misturar a massa de brownie.

- Quer experimentar?

Elise torceu o nariz.

- Não. Vou esperar até que fique pronto. Dan está em casa?

Jenny deu de ombros. Não tinha visto o irmão sair.

- Tenho certeza de que está. Acho que estou sentindo cheiro de cigarro. - Elise desceu o corredor até o quarto de Dan. - Me chama quando os brownies estiverem prontos!

Dan estava deitado na cama, tentando pensar num sinônimo de *desejo* que rimasse com *hora. Mora, tora, fora, agora.* Não estava indo muito longe.

- Posso entrar? - perguntou Elise do lado de fora do quarto dele.

- Claro. - Dan se sentou e fechou o caderninho preto em que estava escrevendo. Elise vestia um suéter de gola rulê preto que de algum jeito deixara-a séria e mais velha. – Qual é a boa?

- Nenhuma. - Ela se sentou na ponta da cama. – O que está escrevendo?

Dan pulou da cama e jogou o caderno na mesa. Pegou o maço de Camels e acendeu um, inalando profundamente enquanto sacudia o fósforo.

- Rápido, uma palavra que rime com *hora.*

- Bora - rebateu Elise.

Dan a encarou.

- Mas não é uma palavra de verdade. Não significa nada sem outra Bora, como Bora-Bora.

- Não, acho que tem razão. - Ela se levantou e foi até a mesa dele, crescendo quase dez centímetros sobre Dan. A altura definitivamente fazia-a parecer mais velha. Então ela se vestiu com todo cuidado, com a camiseta enfiada elegantemente no jeans com cinto e o cardigã todo abotoado. Em vez de ficar patricinha, transmitia uma espécie de confiança, como se dissesse: "Sou uma mulher e é assim que eu ajo."

Ela abriu um dos cadernos dele.

- Então é aqui que você escreve tudo?

O primeiro impulso de Dan foi arrancar o caderno das mãos dela, mas Elise não era Vanessa. Ela não ia rir de um de seus piores poemas nem pressioná-lo a mandar um dos melhores para uma revista famosa.

- É. Não gosto de trabalhar no computador porque eu acabo deletando coisas que posso usar.

Elise assentiu e passou as páginas.

- Olha, tenho uma coisa pra você. - Dan abriu a bolsa de carteiro preta que sempre usava e pegou um livro de exercícios de redação que comprara para Elise mais cedo naquele dia. - Para agradecer pelos biscoitos.

Elise pegou o livro e o examinou.

- Caraca, parece dever de casa. Como se eu já não tivesse o bastante.

- Mas na verdade não é - disse Dan, pegando o livro de volta e virando em um dos exercícios. - Evite o óbvio. Faça uma lista de todos os clichês que já ouviu e nunca os use em seus textos. - Ele olhou para ela. - Tá vendo? É divertido!

Elise olhou para ele como se Dan fosse louco.

- Acho que deve ser mais divertido do que ver a melhor amiga chupar massa de brownie dos dedos do namorado. - Ela pegou uma caneta e virou numa pagina em branco de um dos cadernos de Dan. - O que é exatamente um clichê, aliás?

Dan gostava de como Elise ficava à vontade com a própria ignorância.

- Sabe como é, tipo "amor à primeira vista", ou "duro como pedra", ou "cego como um morcego". Todas essas coisas que a gente já ouviu mil vezes.

- Arrã. - Ela se sentou na cama e escreveu uma coisa. Depois passou o caderno a Dan. -

Tudo bem, sua vez.

Dan ia escrever *Tudo o que vai volta,* quando viu o que Elise havia escrito: *Por que me beijou na rua hoje?*

Ele enfiou o cigarro num cinzeiro e segurou a caneta com força para estabilizar os dedos.

Por causa dos biscoitos, escreveu ele. *E por causa do seu pão.* Na verdade, ele não sabia exatamente por que tinha beijado Elise. Foi por impulso. Ele passou o caderno a Elise, que leu o que ele escreveu sem desviar os olhos. Depois escreveu urna coisa embaixo e passou o caderno a ele.

Me beija de novo?

Dan foi até a porta e a fechou. Ele atirou o caderno na cama e se virou para Elise, beijando-a com força na boca enquanto arrancava a camiseta para fora do jeans dela.

Elise soltou um gritinho e deu um passo para trás. Dan a largou. De repente Elise não parecia mais tão velha. Os olhos azuis estavam arregalados e o sorriso era menos um sorriso do que uma careta de pavor.

- Desculpe.

- Está tudo bem - disse ela, mais para si mesma do que para ele. - Eu estou bem. - Dan percebeu um pneu de gordura branca pendurado na cintura do jeans de Elise. Ela viu que ele estava olhando e rapidamente enfiou de novo a camiseta por dentro.

Mané, censurou-se Dan. Elise só tinha 14 anos e ele tinha quase 18. Era pior do que inescrupuloso. Ele era um babaca total.

Elise ainda estava de pé ali, esperando que ele a beijasse novamente, e de repente ele se sentiu meio irritado com ela também, por chegar a pensar que essa podia ser uma boa idéia.

Ele se virou de costas e se sentou diante do computador, mexendo no mouse.

- Acho que os brownies estão prontos - disse ele a Elise com a voz rouca.

Elise ficou onde estava, então Dan começou a ver seu e-mail. Ele ficou de costas para ela até que finalmente a ouviu passando pela porta.

- Pensei que você quisesse ser meu namorado – murmurou ela, a garganta sufocada de lágrimas. Um segundo depois Dan ouviu a porta da frente do apartamento bater.

Ele pegou o caderno e virou na primeira página. *Por causa dos biscoitos e por causa do pão,* escreveu ele e depois parou.

Era meio difícil se sentir inspirado.

v reclama demais

- Sei que está trabalhando num artigo agora e nós só nos vimos ontem à noite, mas quer sair para jantar?- Vanessa praticamente gritou ao telefone.

- Como é, tipo agora?- perguntou Jordy.

- É. *Agora*.- Cantos tântricos emanavam a sala de estar, onde os pais de Vanessa estavam recebendo amigos artistas para uma noite de "riscar a faísca criativa." Sei lá que diabos isso significa.- Posso te encontrar em algum lugar no seu bairro- propôs ela.- Qualquer lugar está bom.

- Uau.- disse Vanessa quando chegou. Apesar do nome, o Budda's- um restaurante italiano perto da Columbia- era na verdade elegante. Ela esperava mesas cobertas de toalha xadrez de plástico vermelho e branco e costeletas fritas servidas em todos os pratos. Em vez disso, as toalhas eram brancas, e havia velas e jazz antigo tocando. Eram só cinco e meia, e o restaurante estava vazio. Mas até isso era romântico, de uma forma bem tradicional.

Jordy já estava sentado a mesa e tinha pedido uma garrafa de vinho tinto. O garçom pegou o casaco de lã preto de Vanessa e a ajudou a se sentar.

- Me sinto tão madura.

Jordy deu de ombros como se estivesse acostumado com isso. Afinal, ele estava na faculdade.

- Gosto do seu batom.

Vanessa não sabia se ele estava brincando ou não. Jordy tinha uma expressão constante suavemente arrogante, tornando extremamente difícil avaliar as emoções dele. Se ao menos o nariz agisse como uma espécie de barômetro, aumentando ou encolhendo de acordo com o humor dele.

Não que ela realmente quisesse que o nariz dele ficasse ainda maior.

- Meus pais estão dando uma espécie de sessão de cânticos para anormais com um bando de outros artistas no nosso apartamento - disse Vanessa, fazendo uma

carranca enquanto abria o guardanapo e o colocava no colo. - Mal posso esperar para eles irem embora.

Jordy tomou um gole de vinho, apertando os lábios finos como se realmente estivesse gostando do sabor. Seus óculos caros estavam na mesa e Vanessa viu pela primeira vez que os olhos dele eram castanho-dourados e claros, como os de um leão.

E só percebeu a cor dos olhos de um cara *depois* de tê-lo beijado!

- Acho seus pais maravilhosos - disse ele. - Quer dizer, e preciso muito esforço e coragem para ser assim... *fora do ar*.

As sobrancelhas grossas de Vanessa se ergueram.

- Eu que o diga. - Ela puxou a cadeira para a frente e pôs os cotovelos na mesa. - Sabe de uma coisa, quando eu era pequena, eu tinha mania de arrancar casquinha de ferida.

Qualquer machucadinho ou picada de inseto eu futucava até que sangrasse pra valer. E

sabe o que minha mãe dizia? Dizia que eu devia guardar as casquinhas pra que meu pai pudesse fazer uma obra de arte com elas. Não é a coisa mais insanamente torta que você já ouviu? Quer dizer, a maioria das mães ficaria preocupada com a cicatriz, ou levaria a filha a um psiquiatra. Já os meus pais só ficam preocupados com a "obra" deles.

Jordy deu de ombros.

- Talvez ela estivesse brincando.

Vanessa franziu a testa e abriu o menu. Antipasti, primi, secondi, dolci. *Brincando?* Ela nunca ouviu a mãe ser nem remotamente jocosa.

- Acho que não.

Jordy a observava enquanto ela lia o cardápio.

- Ainda assim, eu os admiro. Quer dizer, o modo como eles deixam que você e sua irmã morem sozinhas. Não são muitos pais que fazem isso.

- Não. Não muitos - concordou Vanessa.

- Eu meio que queria ir a Vermont para ver como eles vivem – acrescentou Jordy com ansiedade.

Vanessa desviou os olhos do menu para ele, alarmada.

- Por quê?

- Sei lá. Não conheço muita gente que seja... sabe como é... *diferente.* Acho que é só curiosidade. - Ele bebeu um gole de vinho e fez aquela coisa com os lábios de novo. - E

aí, minha mãe falou que você estava namorando a sério. O namoro, tipo assim, acabou, ou o quê?

Vanessa fechou o menu sem decidir por nada. Não estava realmente com fome, aliás - só queria sair de casa.

- É, acabou. Nem amigos nós somos mais. – Normalmente a voz dela tinha um traço de foda-se amargurado, mas agora ela tremeu de emoção. - Não que eu ligue - acrescentou com mordacidade.

O garçom apareceu e Vanessa pediu uma salada. Ela se sentia como uma das louras magrelas da turma da Constance, que só comiam alface e gelatina. Jordy rasgou um pedaço do pão que estava na cestinha na mesa.

- Então você terminou com ele, ou foi o contrário? - Com dedos longos e delicados, ele mergulhou o pão na tigelinha de azeite.

Ela nunca pensou realmente em quem tinha terminado com quem. Na verdade, nunca houve um rompimento oficial. Depois que pegou Dan se agarrando com aquela Mystery Craze no palco de um clube de poesia, ela se recusou a retomar as ligações dele. Se alguém tinha rompido com alguém, ela é que rompeu com ele. Mas será que isso significava que talvez ele não quisesse terminar com ela?

Pensar nessas coisas meio que confundia demais.

- E-eu acho que eu meio que terminei com ele sem querer - gaguejou ela. - Quer dizer, ele *estava mesmo* me traindo. - Era estranho falar com outro homem sobre

seu relacionamento com Dan. Era estranho falar com outra pessoa e ponto, uma vez que a única pessoa com quem ela realmente conversava era o próprio Dan. Mas a sinceridade arrogante de Jordy era exatamente isso: sincera. E era meio difícil tomar uma atitude diante de toda aquela sinceridade. Vanessa sentiu o lábio inferior começar a tremer enquanto as lágrimas jorravam dos grandes olhos castanhos. Ah, meu Deus. Ela odiava quando chorava, especialmente em público. O que havia de errado com ela?

Calma, tudo bem. Acontece nas melhores famílias.

Jordy baixou os óculos.

- Desculpe. Não temos de falar disso, se você não quiser. -As bochechas pálidas dele coraram. -Eu meio que só perguntei por motivos egoístas, é isso. - Ele tirou os óculos novamente e os depositou cuidadosamente na mesa, ao lado do azeite. Depois ergueu os olhos dourados, mirando diretamente os dela. - Eu gosto mesmo de você, Vanessa.

Miles Davis tocava e as velas tremelicavam. De repente Vanessa sentiu como se estivesse estrelando um daqueles filmes românticos malfeitos que fazem a maioria das mulheres chorar e que ela não conseguia suportar.

- Eu também gosto de você - chorou ela, mortificada. Se fosse com Dan, ela teria desatado a rir e diria a ele para ir se foder por fazê-la chorar. Mas Jordy não era Dan. Se dissesse a ele para ir se foder, ele provavelmente iria.

Bem, não literalmente. Mas nós entendemos o que ela quis dizer.

Vanessa enxugou o rosto molhado no guardanapo de linho branco, borrando-o com o batom de Ruby.

- Desculpe. Acho que meus pais estão me deixando estressada de verdade. - Ela baixou o guardanapo e tomou um gole de água. - Então me conta alguma coisa sobre a Columbia.

Tipo assim, qual é seu curso preferido?

Como se ela genuinamente se importasse. Era bem óbvio agora que Jordy só estava interessado nela porque os pais dela eram *alternativos,* e ela só estava interessada nele porque ele era do totalmente *não-alternativo.* Além disso, a

mente de Vanessa estava ocupada demais com a mais recente ficha que caiu para prestar atenção a uma palavra da resposta de Jordy. E a informação que sua mente processava era que ela ainda era apaixonada por Dan.

ela só quer alguém para amar

Depois de um dia inteiro de esqui, seguido de urna hora vendo a equipe olímpica de snowboarding da Holanda detonar o half-pipe, o grupo se retirou para o hotel na base da montanha para uns merecidos goles de cerveja na happy hour. O hotel tinha uma lareira que arfava, um pianista e uma garçonete que usava roupas azuis sem nada por baixo.

Serena se sentou ao lado de Jan, um dos sete membros da equipe de snowboarding. Toda a equipe era loura, atlética e linda, mas ela escolheu Jan porque, quando esquiava, ele esticava os polegares de um jeito peculiar e bonitinho, como se estivesse erguendo o polegar para toda a montanha.

- Todas as meninas de Nova York são lindas como você e suas amigas? - perguntou ele com um sotaque holandês charmoso.

Serena riu. Ela era uma esponja para charme.

- Vocês tem muita sorte... em poder fazer isso todo dia.

Jan riu e tornou um gole da cerveja escura.

- Nem sempre fazemos snowboarding. Eu vou à universidade em Minsk. Estou estudando odontologia.

- Ah. - Serena imaginara que toda a equipe morava junta em uma cabana no alto de uma montanha em algum lugar nos Alpes, praticando snowboarding o dia todo e se embebedando toda noite. Ela pensou que seria confortável ser a única garota no grupo.

Ela podia cortar o cabelo deles e fazer torradas no café da manha. À noite eles se enroscariam perto do fogo e contariam histórias de fantasmas. - E os outros? - perguntou ela, na dúvida se tinha escolhido o cara errado.

- Conrad é casado com uma italiana... eles moram em Bolonha. Franz e meu colega de quarto na universidade. Josef, Steven, Ulrich e Gan moram todos em

Amsterdã.

Amsterdã devia ser uma cidade bem legal. Serena olhou para os quatro rapazes na mesa.

Todos eram igualmente sensuais, louros e atléticos.

- Na casa do estudante gay - acrescentou Jan.

- Oh - respondeu Serena, obrigando-se a sorrir.

Da próxima vez ela teria mais sorte.

- Gostariam de mais alguma coisa?

- Só outra Coca para mim, por favor - disse Nate a garçonete bonitinha que usava Ugg depois que Chuck pediu outras três garrafas de cerveja Sun Valley para a mesa. Georgie já estava bêbada por ter tornado uma garrafa inteira sozinha. Ele provavelmente teria de carregá-la para casa.

- Nem acredito que fiz um diamante negro duplo sem cair - disse Blair entusiasmada pela quadragésima quinta vez. Ela bebeu a cerveja delicadamente e sorriu para Erik.-

Você é um professor muito melhor do que qualquer instrutor de esqui.

A verdade era que ela deslizou de lado por quase a pista toda, gritando em todo o caminho, mas pelo menos tinha conseguido manter o decote nu sem neve. Essa era a parte importante.

- Você foi se saindo cada vez melhor - respondeu Erik. Ela havia abotoado o cardigã de cashmere sobre o biquíni, mas o jeans tinha o cós baixo e, do jeito como estava sentada esticada e meio apoiada na mesa, ele podia ver o cofrinho de Blair.

- Aposto cem pratas que posso virar minha cerveja mais rápido do que você. - Georgie desafiou Serena.

Agora que não tinha mais ninguém para paquerar, Serena ficou feliz em ter o que fazer.

Ela puxou os longos cabelos louros batidos pelo vento para trás e o amarrou. Depois pegou o copo. O resto da mesa observava com expectativa e alegria.

Bem, a *maior parte* do resto da mesa.

Nate mastigava um cubo de gelo. Ele podia imaginar onde isso ia parar. As duas meninas iam ficar completamente de porre, atirando-se em todo mundo, e depois iam ficar arriadas de ressaca pelo resto dos dias. Os lábios sensuais dele caíram desanimados na borda do copo de Coca. Não ia esquiar mais. Não ia se divertir mais.

- Mostre a ela como se faz, Georgie! - espicaçou Chuck.

- Ah, é? - Serena levou o copo a boca. Depois percebeu que Nate sacudia a cabeça e afastou o copo novamente. - O que estou fazendo? Você foi, tipo assim, criada para isso.

Toda a sua família é cheia de alcoólatras famosos.

- Muito obrigada! - gritou Georgie. Ela cutucou Serena com o cotovelo ossudo. - Vamos lá, bebe!

Serena baixou o copo.

- Não vale a pena. Se eu virar tudo, vou vomitar na mesa. E você vai me derrotar total, de qualquer forma.

Georgie deu de ombros, depois atirou a cabeça para trás e secou todo o copo de cerveja numa virada só.

- Foda-se, eu ganhei - arrotou ela quando terminou.

- Que bom pra você - disse Nate num sussurro. Todos se viraram para olhá-lo.

- O Natie está puto porque ainda não tivemos oportunidade de transar - exultou Georgie. -

Eu sempre estou ferrada demais!

Houve um silêncio desagradável. Era difícil saber como reagir a isso.

Blair olhou o relógio.

- Talvez a gente deva voltar para o hotel e fazer uma sauna antes do jantar. - Ela não sabia se a sauna do hotel era mista, mas a idéia de ficar num ambiente quente e vaporoso com Erik, usando somente toalhas, era muito atraente. Ele podia massagear as costas dela com óleo de lavanda e...

- É, meus quadris estão em petição de miséria – concordou Nate, esfregando as coxas. Ele olhou infeliz para Georgie. - Eu podia mesmo entrar no ofurô.

Georgie bateu palmas, os olhos brilhando.

- Vamos *todos* voltar até minha casa e entrar no ofurô! - Ela estava tão ligada o tempo todo que Nate se perguntou se a clínica de reabilitação tinha lhe dado algum antidepressivo ou outra coisa que ele não soubesse. Só o que ele sabia era que a cerveja não parecia baixar a bola de Georgie.

Chuck já estava fechando o casaco, preparando-se para sair.

- Vou fazer pra todo mundo meu famoso coquetel de gim com pêra! - Ele ergueu a camisa e bateu as pestanas. - O Fuzzy Navel do Chuck.

Parecia delicioso.

Nate ainda não entendia por que Chuck estava hospedado na casa de Georgie quando tinha um quarto de hotel perfeitamente bom no Christiana, o hotel de luxo na cidade onde os pais dele estavam hospedados.

O pianista começou a tocar uma velha canção de Billy Joel e as luzes baixaram. A happy hour tinha acabado. Pela cara de Nate - e pelo comentário de Georgie -, Serena podia dizer que ele e a namorada precisavam ficar sozinhos. Ela empurrou a cadeira para trás e vestiu o suéter.

- Parece tentador, mas a gente tem mesmo de voltar. Eu disse a mamãe que encontraríamos com ela para jantar no hotel às sete e meia. Precisamos tomar um banho, essas coisas.

A cara de Georgie caiu.

- Ah, qual é. Não pode ligar para seus pais e dizer que está ocupada?

Para ela, era fácil falar. Ela basicamente não tinha pais.

Serena olhou para Erik e eles se comunicaram daquele jeito sem palavras que só os irmãos muito próximos conseguem fazer.

- Desculpe - disse ela com firmeza.

Nate não sabia como ia lidar com uma garota insensata como Georgie quando a ex-namorada e a melhor-amiga-que-por-acaso-era-uma-garota pareciam as meninas mais sensíveis do mundo.

Georgie se levantou e depois se sentou no colo de Nate, deixando que a cabeça caísse nos ombros dele. Seu cabelo escuro e sedoso cheirava a cerveja e cravo-da-índia.

- Vamos aprontar sem vocês, então.

Blair deu um sorriso afetado.

- Que péssimo. - Sua afetação se metamorfoseou em um sorriso de vitória. - Vamos, então? - perguntou ela a Erik. - Estou faminta!

Chuck se sentou pedantemente nos joelhos de Georgie, balançando a bunda de um lado a outro. Depois seis dos holandeses se levantaram e se amontoaram no colo de Chuck, esmagando Nate. Todos exceto Jan, que estava vendo Serena se preparar para ir com um olhar caído de cachorrinho abandonado na cara bonita.

- Bom jantar pra vocês - gritou Chuck. - Nós vamos fazer um sanduíche de gente!

Blair e Erik pegaram apressadamente as luvas e os óculos de sol e foram para a porta.

Serena colocou o gorro embaixo do braço, seguindo-os de perto. Depois ela ouviu Georgie soltar um guincho e se virou. Todo o grupo tinha caído da cadeira e desabado num amontoado de risadas no chão. Jan pulou em cima deles e ate Nate parecia sorrir, mesmo contra a vontade.

Serena olhou com anseio. Ela sempre esteve bem no centro de toda a diversão, mas agora estava presa a Blair e Erik, que estavam num transe tio grande um

pelo outro que mal davam pela existência dela. Ainda assim, os pais dela estariam esperando. Ela não podia dar um bolo neles e sabotar o resto de suas férias. Virou-se para a saída novamente.

Ainda havia mais cinco dias de férias e Serena estava decidida a ter a maior diversão possível, não importava o quê. Ela não era famosa justamente por isso?

Bem, é, entre outras coisas.

quando você acha que conhece uma pessoa...

Leo enxugou a última tigela e a colocou no escorredor de pratos para secar.

- Tenho de ir.

Jenny baixou o brownie que estava comendo. Eles assaram vinte e só restavam 12. Ela lambeu o farelo dos dedos e olhou para Leo com os olhos castanhos de pálpebras longas.

Estava cansada de conjeturar. Queria saber a verdade.

- Aonde?

Leo se apoiou na bancada rachada e amarela da cozinha e brincou com os botões do lava-louça. Marx, o gato gordo e preto dos Abrams, estava esparramado no chão grudento da cozinha, dormindo. Leo deu um pigarro e Marx bateu o rabo de irritação.

- Tenho umas coisas para fazer - disse ele vagamente.

- Bem, posso ir?

Ele girou o pé e soprou pela lateral da boca.

- Não é lá muito interessante.

Jenny não se convenceu.

- Você não estáa, tipo assim, escondendo alguma coisa de mim, está?

Ele riu.

- Tipo o quê? Que eu na verdade sou o Homem-aranha?

O rosto de Jenny ficou vermelho. Ela foi até a geladeira, abriu a porta e a deixou fechar novamente.

- Não sei. Só estava pensando que e estranho como você sempre esta ocupado fazendo coisas e nunca conversa sobre elas.

Leo pôs as mãos nos bolsos. O cabelo louro-claro parecia transparente sob a luz áspera da cozinha.

- Se quer mesmo vir, tudo bem.

Jenny tentou manter a expressão calma. Era isso. Ela ia descobrir todos os segredos que estavam por trás de Leo, o megazilionário misterioso.

- Tá legal.

Eles pegaram o ônibus da rua 96 e seguiram a pé na Park em direção ao prédio da rua 70.

A avenida estava deserta no escuro, visto que todos estavam de férias.

- Só mais algumas quadras - disse Leo. Todo o corpo de Jenny pinicava de expectativa.

Quando chegaram ao prédio com o toldo verde, o porteiro bateu no quepe ao ver Leo.

Depois eles pegaram o elevador direto para a cobertura.

- Uau - Jenny arfou quando as portas do elevador se abriram em uma sala de estar. A sala era em preto, branco e dourado. Uma mesa dourada e redonda estava no meio do piso de mármore preto e branco, com um vaso branco gigante na forma de um cisne, cheio de rosas negras. À esquerda havia uma espécie de grade pintada em dourado e escadas desciam a uma sala tão grande que só podia ser um salão de baile.

- Eu sei. É meio maluco - concordou Leo. - Vem, Daphne! - gritou ele.

Imediatamente Jenny ouviu o arranhar de garras no chão. O mastim branco gigante que tinha visto passeando com Leo trotou na sala, abanando o rabo com elegância. A cadela se curvou e lambeu a mão de Leo.

- Boa garota.

Jenny viu numa estupefação muda quando Leo abriu o armário de casacos e pegou o casaco Burberry de Daphne e a trela. A cadela esperou pacientemente enquanto ele a vestia. Depois ele se ajoelhou e fechou o velcro daquelas horríveis botinhas de couro rosa nas patas.

- Pronto. Podemos ir.

Jenny ainda não conseguia entender por que os pais de Leo não mandavam uma das empregadas passear com a cadela, mas ela não ia dizer nada, especialmente quando Leo obviamente adorava tanto Daphne.

- Só vamos levá-la para dar uma volta no bairro. Tenho de pegar um spray para cabelo para a Madame na drogaria. De repente você pode segurar a Daphne enquanto eu entro?

- Tudo bem. -Jenny não tirava os olhos das botas de Daphne. Ele chamou a mãe dele de *Madame?*

Pararam na frente da Zitomer, na Madison. Jenny pegou a trela de lona enquanto Leo ia comprar o spray para cabelo. Ela se curvou e Daphne lhe deu uma pata com bota cor-de-rosa.

- Aposto que ele deixa você dormir na cama dele – disse ela. - Aposto que você pode subir em toda a mobília.

Leo saiu da loja trazendo uma enorme sacola de compras com montes de frascos do mesmo tipo de spray para cabelo Redken. Ele riu.

- A Madame usa muito essas coisas. - Ele pegou a trela de Daphne e eles voltaram animadamente para o prédio de toldo verde. - Eu ainda tenho de alimentá-la e molhar as plantas, essa coisas. Não é lá muito empolgante. Quer pegar um táxi para casa, ou a gente pode andar até o ponto do seu ônibus?

Jenny não sabia o que dizer. Era quase como se ele não a quisesse na casa dele.

- Acho que vou pegar um táxi - respondeu ela toda rígida.

- Tudo bem. Walter vai ajudar - disse Leo, assentindo para o porteiro. Ele deu um beijo no rosto de Jenny. – Não coma mais nenhum brownie hoje, ou vai ficar doente. Te ligo mais tarde, tá legal?

Jenny sorriu carrancuda para ele e foi até o meio-fio pegar um táxi. Levou algum tempo para que Walter conseguisse parar um, e assim que ele fechou a porta e ela deu o endereço ao motorista, Jenny entrou em colapso no banco traseiro, chorando.

O táxi ficou parado no sinal da esquina perto do prédio de Leo e ela olhou para ele infeliz através das lagrimas. Assim que o sinal abriu e o motorista virou a esquina, Leo saiu do prédio e subiu a rua.

- Espera - ordenou Jenny ao motorista. - Mudei de idéia. Vou descer. - Ela pagou rapidamente e saltou, correndo pela Park Avenue atrás de Leo.

Ele continuou subindo até chegar a rua 81. Depois ele virou à direita, atravessando a Park e em seguida a Lexington. Ela pulou atrás de uma pilha de sacos de lixo enquanto Leo entrava num prédio marrom de três andares e descia os degraus para a entrada abaixo do nível da rua. Ele pegou as chaves do portão de metal preto. Quando o abriu, Jenny pôde ver uma bicicleta de corrida encostada em duas latas de lixo de metal. Depois ele fechou o portão e desapareceu dentro do prédio.

Ela continuou agachada atrás da lixeira por mais meia hora, meio que esperando que ele saísse novamente com outro cachorro. Mas ele ficou lá dentro e ela achou ter visto uma TV piscando atrás das grossas cortinas cinza das janelas. Por fim, ela desistiu e foi para casa.

Logo quando você acha que conhece uma pessoa, descobre que não sabe nada sobre ela.

d manda mais correspondência rio abaixo

No segundo dia de trabalho, Dan sequer tentou encontrar a agência dos correios. Em vez disso, ficou na ponta do píer e largou no rio Hudson, uma por uma, as seis cartas da caixa de saída de Sig Castle. Uma das cartas era endereçada a Mystery Craze, aos cuidados de Rusty Klein, o que deu a Dan uma sensação

presunçosa de satisfação. Pelo que ele sabia, Mystery estava tão internacionalmente famosa que podia não receber a carta, arrasada numa praia da Sardenha, onde faria um recital para um bando de pescadores bêbados.

Ele olhou para a água marrom espiralada, pensando em todas as garotas com quem teve alguma relação. Serena, Vanessa, Mystery e Elise. Não se saiu tão bem com todas, especialmente aquele ultimo episodiozinho com Elise. Mas no ano que vem ele iria para a Brown ou para a Universidade de Massachusetts ou alguma faculdade que o aceitasse, e teria quatro experiências muito diferentes com quatro garotas estranhamente diferentes para levar sempre com ele. Não era disso que se tratava ser um escritor - ter experiências e traduzi-las em significado com palavras? Algo parecido com isso, de qualquer forma.

Ele era um escritor publicado. Sabia o que queria fazer da vida. Isso era muito mais do que a maioria das pessoas de sua idade podia dizer. Então, por que ainda se sentia tão...

desarticulado? Era como se ele estivesse constantemente procurando alguma coisa, só procurando e procurando.

Sig Castle tinha pedido a ele para comprar um papel de arroz especial na loja em Chinatown depois que terminasse com a correspondência; então, depois que acabou o quinto Camel, Dan foi para a rua 4 Oeste e pegou o metrô para o centro.

Estava chovendo um pouco e os camelos no Canal vendiam guarda-chuvas Burberry falsos e aqueles ponchos de plástico descartáveis para chuva que só turistas desesperados usavam em chuvaradas repentinas. Dan perambulou pela rua larga e abarrotada, fazendo hora. O ar cheirava a jornal molhado e peixe das peixarias de Chinatown. Fazia Dan pensar em Vanessa. Ela era quintessencialmente perversa, uma amante de cheiros ruins e feiúra. Era o que ele mais gostava nela.

Gostava, lembrou Dan a si mesmo. Como se pode afirmar gostar de uma coisa em uma pessoa com quem você nem fala mais?

Ele parou e olhou um vendedor demonstrar um brinquedo de plástico rosa movido a pilha que parecia um OVNI com três garotinhas japonesas sentadas em cima, girando sem parar, com uma musica pop japonesa que lembrava um pouco o som da SugarDaddy - a banda da irmã de Vanessa. O brinquedo parecia com

mn dispositivo que Vanessa usaria para abrir um dos filmes dela. Ela daria um zoom no brinquedo e depois cortaria para uma garota dançando sozinha em um clube. Vanessa criava significado com imagens da mesma forma que Dan com as palavras.

Ele desceu a Broadway ate a Pearl River Mart, uma enorme loja que vendia quase tudo, de budas de plástico a botas de borracha. Ele encontrou a coisa mais próxima do papel de arroz ultrafino, ultramacio e impossível-de-conseguir de Siegfried Castle e voltou para o Canal até o vendedor de OVNIs cor-de-rosa.

- Quero um desses, por favor.

- Tem um novo aqui - disse o cara, mergulhando para pegar um OVNI verde-menta sob a mesa onde o rosa estava girando.

- Não. Aquele - insistiu Dan, apontando para o brinquedo rosa. Rosa era tão anti-Vanessa que não era possível que ela não visse o humor nisso, e pelo menos ele sabia que ia funcionar.

- Dois dólares - disse o homem, embora a placa de papelão colada na lateral da mesa dissesse: "3 dólares!!! Liquidação."

Dan pegou parte do troco do papel de arroz de Sig Castle. Seu chefe era um babaca tão grande que ele sentia uma certa satisfação em ferrar com ele em cada oportunidade que tinha.

- Tenha um bom dia. - O homem entregou-lhe um saco plástico azul brilhante contendo o brinquedo rosa. Dan tinha certeza de que havia uma agencia dos correios na Bowery Street, só a algumas quadras de distância.Ele podia mandar o pacote para Vanessa dali antes de pegar o metrô de volta para o trabalho.

Que engraçado, ele nunca pensou em mandar uma correspondência da *Red Letter* dali!

Sig Castle deu a entender que era crucial que ele conseguisse o papel de arroz antes do almoço, mas era ainda mais crucial que Vanessa recebesse o OVNI, concluiu Dan. Era imperativo.

- Expressa para o dia seguinte - disse ele ao funcionário dos correios no balcão depois de comprar uma caixa e fechar com fita adesiva. - É importante.

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas *Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.*

oi, gente!

AQUELAS PESSOAS QUE CONHECEMOS NAS FÉRIAS

Vamos combinar, você não seria pego nem morto com eles em casa. Os sapatos deles são feios, os jeans são terríveis, o cabelo precisa de ajuda e eles dizem "uau" demais, mas você toma o café da manhã com eles todo dia e os convida a sair com você à noite. Não se sinta culpada se o cenário acima parece estranhamente familiar. Até eu tenho culpa de andar com alguém durante as férias e depois me livrar dele no minuto em que volto para casa. Tem alguma coisa a ver com o instinto gregário, embora eu não tenha certeza do que. Talvez eu aprenda no ano que vem no curso de psicologia básica.

E AQUELES DOIS?

Minhas fontes dizem que definitivamente não é o primeiro encontro entre a infame herdeira de Greenwich e nossa modelo de perfume preferida. As duas tiveram uma amizade rápida na Hanover no primeiro ano, mas tiveram uma briga sobre um cara na França no verão antes de serem expulsas. Tenho certeza absoluta de que tem mais coisa aí, mas, em vez de imaginar um monte de besteira, vou esperar que os esqueletos saiam do armário. E é claro que eles vão sair.

Flagra

V andando de Manhattan para Williamsburg, pegando lixo com os pais e parecendo infeliz. ***D*** levando um saco de lixo com centenas de garrafinhas de **San Pellegrino** fechadas para fora de um prédio na rua 11. ***B*** tirando os esquis no meio de uma pista em **Sun Valley** só para ver se um certo cara subiria toda a encosta para ajudá-la a colocar de novo. ***S*** e ***G*** no banheiro na base da montanha em Sun Valley.Com toda a **equipe olímpica de snowboarding da Holanda**. Brincando de beijar? ***C*** e ***N*** no teleférico para o half-pipe de Sun Valley. Também brincando de beijar? ***S*** e a equipe olímpica de snowboarding holandesa posando para um anúncio da **ChapStick** no alto da montanha.

Ela não é a única ocupada nas férias! Curtam enquanto durar.

Pra você que me ama,

gossip girl

a galera do upper east side cai na farra ao estilo sun valley

- Tá legal, estou pronta - disse Serena depois de passar um pouco de hidratante no rosto e uma escova no cabelo ainda molhado uma ou duas vezes.

É claro que ela estava linda - não podia evitar -, mas podia ter dado aos moradores um prazer real e pelo menos colocar um pouco de brilho labial.

- Bem, eu não estou. - Blair se curvou na pia do banheiro para aplicar rímel. Uma toalha branca estava enrolada em sua cabeça e as unhas recém-feitas mal haviam secado. - Não vai nem secar o cabelo?

- Não. - Serena olhou o relógio. Erik estava esperando por elas no saguão e ela mal teve chance de conversar com ele sozinha desde que chegaram. - Eu te encontro lá embaixo, tá legal?

- Tá- respondeu Blair, distraída. Ela não sabia por que Serena estava com aquela pressa toda. Essa era a primeira noite das duas em Sun Valley e ela queria ficar bem. Erik tinha sido tão atencioso e era sempre tão totalmente adorável que

aquela podia ser a noite em que ela iria dizer, Sim, ah, sim! - por que a pressa, então?

Serena soltou a respiração.

- Que sentido tem em fazer esse esforço? Eu não vou azarar o irmão de ninguém a noite toda nem nada!

Blair fechou a tampa do rímel e olhou o reflexo da amiga no espelho do banheiro.

- Então você está puta comigo por causa do Erik? – Ela vasculhou a bolsa de cosméticos procurando o pó de bronzeamento.

Serena chutou o batente da porta com a bota felpuda de pele de ovelha.

- Não estou puta. Eu só estou...

Com ciúme?

Ela suspirou alto e se virou para puxar a parca azul do gancho na porta.

- Eu te vejo lá embaixo - murmurou ela, enquanto passava pela porta.

- Não se preocupe - gritou Blair. -Vou para a minha casa quando a gente voltar!

- Não está com frio? - Nate tirou o suéter azul-marinho bem-talhado da Brown e ofereceu a Georgie. Às vezes ele dormia com o suéter para dar sorte. Como se o escritório de admissão da Brown fosse deixar passar o fato de que ele fora pego pelos tiras por comprar maconha só porque ele gostava de dormir com o suéter da universidade.

Georgie estava andando de calcinha e sutiã La Perla laranja enquanto Chuck Bass, Josef, Sven, Ulrich e Gan jogavam Mah-jongg no Xbox. *Talvez todos eles sejam gays,* pensou Nate, cheio de esperança. Ainda assim, ele não gostava quando Georgie ficava zanzando só de calcinha e sutiã. Ela ficava tão... tão... *nua,* e a nudez dela devia ser reservada para si mesma e para *ele.* Afinal, ela era namorada dele. Bem... não era?

- Por que não subimos? - sussurrou ele sugestivamente no ouvido dela. Nate imaginou que ele e Georgie passariam a maior parte do tempo de Sun Valley na

cama fazendo muito sexo. Mas ele nem chegou a tirar a calça na presença dela. Nem uma vez. E não era que Georgie realmente fosse uma puritana seria debaixo de toda aquela exibição e nudez.

Ela só estava ocupada demais pirando e entornando estimulantes para deitar por um segundo e deixar que ele a beijasse.

- Subir o quê? - perguntou Georgie, acendendo um cigarro. O longo cabelo castanho e sedoso estava puxado sobre um ombro branco e as pernas compridas e brancas estavam cruzadas, *duas vezes*.

Só as garotas seriamente magras conseguem fazer isso.

Nate deu de ombros.

- Eu só pensei que a gente podia... sabe como é... namorar.

Qualquer garota normal teria olhado nos olhos verde-esmeralda dele e ficado toda pinicando e lânguida com um convite desses. Mas Georgie estava chapada demais até para perceber como ele era lindo e irresistível.

Em outras palavras, ela era uma idiota.

Georgie ergueu uma sobrancelha desconfiada para Nate.

Você não machucou nenhum bagulho sem me contar, não foi? - perguntou ela, esperançosa.

- Não. - Ele estendeu a mão e tocou o cabelo dela, alisando-o sobre o ombro ossudo. - Só achei que a gente podia ter privacidade - disse ele, o rosto ficando adoravelmente rosado com a sugestão de sua voz.

Georgie passou as pernas pelos braços da cadeira de madeira em que estava sentada.

Tinha sido entalhada por índios shoshone a partir de bétulas e depois pintada de laranja.

Muito feia, mas devia valer uma fortuna.

Ouviu-se uma buzina do lado de fora. Georgie pôs os pés no chão e pegou a camiseta da mão de Nate.

- Acho que devo vestir isso - sussurrou ela, enfiando a roupa pela cabeça enquanto ia para a porta da frente. As nádegas brancas apareciam debaixo do suéter azul-marinho, meio que fazendo com que ela parecesse mais nua do que antes.

- Graças a Deus você está aqui - disse ela ao entregador bestificado. Ela pegou uma garrafa de Stoli do carrinho dele e a abriu. Depois pegou o controle remoto do CD player de dez discos e ligou. Uma antiga musica de Blondie começou - The *Tide Is High.* - Pode colocar as caixas ao lado do ofurô. - Georgie apontou para Nate com a garrafa de Stoli. –

Ele vai te mostrar onde é.

No saguão do Sun Valley Lodge, Erik conversava com um bando de patrulheiros de esqui sobre o grande resgate do dia. Um cara estava mostrando a namorada como esquiar para trás e foi direto para uma árvore. Um galho o empalou bem na bunda.

- Bem nodoso. - Serena ouviu um dos patrulheiros dizendo.

- O que foi? - perguntou ela, subindo no colo de Erik.

Ele passou os braços compridos em volta da irmã, que encostou o rosto no peito dele, ansiosa por atenção. - Hmmm. Você está cheiroso e limpo.

Os patrulheiros de esqui beberam a cerveja e olharam cheios de inveja. Quem dera que cada um deles tivesse sua própria irmã loura e linda como uma modelo se aninhando neles.

- Ei, cadê a sua amiga? Aquela com o lindo... cabelinho? - perguntou um deles.

Serena se sentou e se empoleirou no joelho de Erik, os pés no Ugg azul-bebê só roçando o tapete. Ela puxou as pernas de seu jeans Habitual. Em geral as pessoas ficavam ocupadas demais olhando para *ela* para perguntar por Blair. Mas Blair se esforçava muito mais com a aparência do que ela, então talvez merecesse a atenção.

- Esta lá em cima, se arrumando. - Ela cutucou a barriga de Erik com o cotovelo. - Quer subir e dar uma olhada?

Erik meio que gostou que os patrulheiros de esqui tenham percebido Blair, uma vez que ele e Blair iam se tomar íntimos muito em breve. Ele retribuiu a cotovelada de Serena.

- Ai!

Os dois irmãos trocaram olhares ameaçadores.

- Eu não disse nada demais - insistiu Serena amuada. O olhar ameaçador de Erik se transformou num sorriso de diversão. - Que foi?

- Acho que tem alguém aqui que quer te ver – cochichou ele.

Serena olhou para cima e viu Jan, o futuro dentista e praticante louro do snowboarding olímpico da Holanda, encarando-a cheio de emoção.

- Pensei em acompanhá-la até a festa.

Os patrulheiros abriram espaço para ele. Serena desceu do joelho do irmão. Esse não era exatamente o tipo de atenção que ela esperava.

- Hmmm, estou esperando a Blair.

Erik deu um soquinho nas costas dela.

- Por que vocês dois não vão dar uma volta? - Ele gesticulou para os patrulheiros. -

Convidei esses caras para a festa. Blair e eu podemos pegar uma carona com eles.

Mas aí as portas do elevador se abriram num *bing*.

Senhoras e senhores... a Rainha da Montanha!

Blair tinha fixado um pregador com um coraçãozinho dourado no cabelo e estava usando os brincos de jade Les Best que Serena tinha ganho depois de desfilar na passarela. Ela também usava o pulôver de cashmere azul-claro de

Serena, o que era ótimo, porque Serena pretendia dar a ela, de qualquer forma. Ficava meio apertado no peito, o que também era legal. Blair gostou.

Os patrulheiros de Sun Valley também gostaram. Eles se cutucaram, trocaram de pés e murmuraram ruidosamente, como animais num terreiro.

- Oi. Você está incrível- disse Erik, gostando do jeito como os outros caras a estavam secando. Ele estendeu a mão possessivamente. - Pronta?

Blair ficou feliz por ter levado tanto tempo se arrumando. Ainda estava com a calcinha de algodão branca Hanro que Serena sempre sacaneava, chamando de "calçola". Mas a verdade era que Blair sempre ficava mais à vontade nas calcinhas maiores do que nas calcinhas de renda e tangas que tinha. E também ficava melhor nelas. Eram elas que ela se imaginava usando quando estava sendo despida.

E alguém certamente ia despi-la naquela noite.

natureza-morta com escova de dentes

Jenny estava tão confusa com o que tinha acontecido com Leo mais cedo que ficou acordada ate tarde, pintando uma natureza-morta e organizando os pensamentos. Como sempre, não havia frutas nem vegetais na geladeira, a não ser uma laranja mofada de cem anos, então ela pintou escovas de dentes e uma barra de sabonete Dove.

Parecia inteiramente possível que Leo não tivesse um cachorro e não morasse naquele apartamento sensacional na Park Avenue.

Talvez ele seja só uma pessoa normal e comum, pensou ela para si mesma enquanto retocava cuidadosamente as cerdas azuis da escova de dentes de Dan. *Como eu.* Na verdade, ela ainda não sabia o que ele era. Por que ele não deixava tudo claro em vez de ficar de joguinhos?

Olhou para a tela.

- Que coisa boba - resmungou, atirando a tela na lixeira debaixo da mesa. Tudo era bobo.

De repente ela se sentia tão... *boba.*

E gente boba precisa de companhia.

- Ah, então agora você tem tempo para falar comigo? - disse Elise quando atendeu ao telefone.

- Desculpe – respondeu Jenny. - Eu agi como uma idiota.

- Tudo bem. - A voz de Elise se suavizou. - Aliás, eu não sei por que você está fazendo tanto alarde com isso. Quer dizer, se ele é tão rico e a mãe dele é essa maluca que veste o cachorro com roupa de grife, provavelmente ele não seria um bom namorado. Não é?

Jenny pensou no assunto.

- Como você pode saber? - perguntou ela, desconfiada. - Quantos namorados você já teve?

Elise não respondeu de imediato. Jenny tinha tocado numa ferida.

- Na verdade, pensei que seu irmão ia ser meu namorado, mas acho que não.

Jenny bufou.

- Como se pudesse dar certo. Você não fuma e nem gosta de café.

Ela pôde sentir o sorriso de Elise do outro lado da linha, e foi bom que tivesse feito a amiga sorrir.

- De qualquer forma, acho que você deve parar de pensar no Leo como uma coisa que ele não é e ver se você gosta de quem ele realmente é.

Jenny se agachou e puxou a natureza-morta amassada e úmida do cesto de lixo. Talvez, se ela não pensasse na pintura da escova de dentes como uma natureza-morta, mas como uma pintura com escova de dentes, ficasse melhor. Ela podia até acrescentar algo não tão morto, como Marx, o gato. Ela se deitou de bruços e puxou o canto da colcha cor-de-rosa, olhando para ele.

- E aí... - disse Elise. - Vai ligar pra ele ou o quê?

Marx não estava ali. Jenny se levantou e foi até o computador.

- Não. Ele prefere e-mail. - Ela se sentou, uma idéia se formando na cabeça.

Ela ia se convidar para a casa de Leo - pelo menos, tinha certeza de que o apartamento no porão da rua 81 Leste era a casa dele. Este e-mail era seu sinal de alerta. Ela ia descobrir de uma vez por todas quem ele era e o que estava rolando - gostasse ele ou não.

Com o telefone ainda na orelha, ela entrou na Internet e começou a digitar.

- Então você realmente não acha que Dan e eu podemos dar certo? - insistiu Elise. - Ele estava escrevendo um poema sobre mim, eu acho.

Jenny podia ter dito a ela que Dan ainda estava apaixonado por Vanessa e que todos os poemas que ele escrevia eram sobre Vanessa e ele, mesmo quando ele fingia que eram sobre outra pessoa. Além disso, ela apostava qualquer coisa que Elise ficaria entediada com a besteirada "Sou uma alma torturada e infeliz" depois de uns dez minutos.

- De jeito nenhum - respondeu ela, distraída. - Desculpe, deixa eu terminar isso.

- Tá legal. Acho que vou mandar um e-mail pro seu irmão agora e dizer a ele como ele é um imbecil.

- Boa idéia - concordou Jenny.

Agora as duas estava digitando nos teclados enquanto respiravam ferozmente ao telefone.

Quando se tem uma mensagem dura para dar, e sempre bom ter apoio.

mandar e-mails é muito mais fácil do que conversar pessoalmente com os meninos

Querido Leo,

Sei que isso parece estranho de se dizer, mas eu realmente acho que você está escondendo alguma coisa de mim e eu não sei o que é. Eu gosto muito de você, e acho que você gosta de mim. Então, como é que você nunca me convidou para ir a sua casa? O caso é que agora eu sei onde você mora. Então vou aí amanha às

seis, quando você geralmente termina de passear com Daphne, eu acho. Tudo bem. Te vejo lá.

Jenny

Querido Daniel,

Antes de tudo, acho que você é um verdadeiro imbecil por me enganar, porque você sabe que eu sou mais nova do que você e menos experiente e você devia prestar atenção nos corações que você quebra, porque eles podem voltar e morder a sua bunda. Além disso, é tão óbvio que você ainda esta ligado na primeira e única garota que foi idiota o bastante para ser sua namorada. Sua irmã nem precisou me contar isso - você é transparente demais, e como se escrevesse em papel de decalque. Olha, posso ser poética também.

Escreva isso, babaca! Sua nada amiga e melhor critica, Elise

b tenta arrebanhar o prêmio

A porta da casa de Georgie ficou aberta. No Doubt berrava dos alto-falantes dentro e fora da casa, e havia roupas espalhadas em toda a escada da frente. Quatro rapazes de cabelos compridos andavam de cueca, comendo potstickers de cogumelo e exibindo os músculos do snowboarding. Quando Blair e Serena entraram com Erik, Jan e os patrulheiros de esqui, eles se viraram, ficaram boquiabertos e sorriram.

- Onde está a Georgie? - perguntou Serena, desesperada para encontrar o coração da festa antes que Jan-o-dentista tentasse ficar sozinho com ela.

- No *ofurô* - responderam os rapazes em uníssono.

Blair ficou na sala de estar enquanto Serena ia até as portas do pátio em busca da anfitriã, com Jan nos calcanhares. Erik foi para o bar e começou a preparar drinques. Tinha feito um curso de bartender no semestre anterior - a coisa mais útil que aprendeu na faculdade até agora.

Blair percebeu que Nate estava sentado sozinho num sofá de couro no canto da sala de estar, meio que mexendo nos dedos dos pés. Usava o suéter da Brown azul-marinho e o short de ginástica amarelo esfarrapado do St. Jude. Com os cachos castanho-dourados e os olhos verdes brilhantes, ele pare cia um

menininho triste. Blair queria se sentar ao lado dele e perguntar por que ele estava mexendo nos dedos dos pés e parecia do triste na festa da namorada, mas Erik apareceu e deu-lhe um copo cheio de alguma coisa num turbilhão rosa-alaranjado.

- Mai tai. Cuidado, não parece mas é *quase* todo alcoólico.

- Obrigada. - Blair pegou o copo. Normalmente ela preferia vodca com Tonica, mas ia beber qualquer coisa que Erik fizesse para ela.

- Vou me sentar no ofurô - disse Erik. - Quer vir?

Blair sacudiu a cabeça.

- Não, obrigada. - A idéia de entrar num ofurô com Georgie e os outros não era nada atraente. E ela não queria que Erik pensasse que ela não podia se defender sozinha numa festa. Além disso, havia toda uma mesa de comida a apenas três metros de distância. Se Erik fosse para fora, ela teria uma chance de encher a pan~a sem se preocupar que ele pensasse que ela era uma porca de gorda.

Uma garota precisa de combustível, especialmente quando tem uma longa noite pela frente."

Assim que Erik saiu, ela pegou um prato de rolinhos primavera e se jogou em um sofá de dois lugares ao lado de um cara com cabelo castanho nos ombros que fumava um baseado.

Ele olhou para ela e sorriu.

- Você desliza?

Blair não tinha a menor idéia do que ele estava falando.

Não. - Ela respirou fundo pelas narinas. Nunca ficava chapada, mas estava se sentindo meio nervosa de repente e todos os chapados que conhecia eram tão suaves. Talvez uns tapas no baseado do cara fossem exatamente o que ela precisava. - É maconha?

O cara sorriu novamente e olhou para o baseado na mão.

- *Era.* Desculpe, kaput. - Ele não estava de camisa nem de sapatos, e ainda estava com a calça de esqui. Era verde berrante com reforço nos joelhos.

- E aí, como você conheceu a Georgie? – perguntou Blair, ainda mastigando a comida.

- Quem?

Blair pôde sentir que Nate a olhava do outro lado da sala. Talvez ele pensasse que ela estava dividindo o baseado com o cara.

Ah, mas que ironia.

- Qual é a sua faculdade? - perguntou ela, imaginado que o cara devia ter uns vinte anos e estar na universidade.

- Não faço faculdade - disse ele. -Eu esquio de março a dezembro e depois surfo no North Shore o inverno todo.

Blair enfiou um potsticker na boca e mastigou.

- Como consegue fazer snowboarding o verão todo?

- Chile, Argentina.

- E o North Shore é do Havaí, né?

Não pergunte como Blair sabia disso. Era o tipo de coisa que uma garota que tem irmãos simplesmente *sabe.*

O cara assentiu.

- Você surfa?

Blair sacudiu a cabeça, intrigada com a idéia. Ela se imaginou com o novo biquíni rosa Eres e um cordão havaiano feito de orquídeas brancas e hibiscos vermelhos, equilibrada numa prancha de surfe, descendo uma onda enorme. Tinha um bronzeado sensacional e incríveis músculos na bunda – do tipo que realmente fica bem numa tanga. E, depois de um longo dia de surfe, Erik a massagearia com óleo de coco e a alimentaria com peixe fresco que ele pescara

no dia. Talvez ela não precisasse realmente ir a Yale nem a nenhuma faculdade - ela podia simplesmente... *surfar.*

Nate se levantou de repente e foi ate ela. Os olhos verde-esmeralda não estavam brilhando tanto. Ele parecia ter muita coisa em mente.

- Oi - disse ele.

- Oi - respondeu ela. - Por que é que não esta no ofurô?

Nate deu de ombros.

- É quente demais.

Blair se levantou e largou o prato de papel no lixo. Não ia gostar de bater um papinho com Nate sabendo que Erik estava lá fora com Georgie e Serena. Não fazia sentido nenhum.

- Vem - disse ela, levando-o para fora.

- A gente se vê depois - disse o cara chapado atrás deles.

Tinha nevado por algumas horas naquele dia e o quintal de Georgie brilhava a luz da lua com neve branca, fresca e seca. No Doubt tinha se transformado em Missy Elliott, e os patrulheiros dançavam com um grupo de meninas da escola local no deque que cercava o ofurô.

Serena sempre adorava mergulhar em ofurôs ao ar livre numa noite fria, especialmente quando estava nevando um pouco e todo mundo estava nu. Desta vez ela ficou particularmente grata por estar entre o irmão e Chuck Bass, enquanto Jan-o-dentista-holandês olhava para ela sonhadoramente do outro lado do ofurô.

Georgie tinha comido potstickers demais ou alguma coisa demais e plantava bananeira no meio do ofurô, sem deixar nenhuma parte de seu corpo nu para a imaginação.

- Ah - disse Blair, avaliando ansiosamente a cena. Tudo bem, então ela havia planejado ficar nua naquela noite, mas não na frente de Nate, Georgie e os

patrulheiros de esqui de Sun Valley,e toda a equipe olímpica de snowboarding holandesa. E ela certamente não ia plantar bananeira.

- Você vem? - chamou Erik de dentro da banheira.

Serena piscou com a água das longas pestanas escuras.

- É legal.

Blair puxou as mangas do suéter emprestado até os pulsos.

- Agora não.

Georgie saiu da água e enxugou o nariz. A pele dela era fantasmagórica à luz da lua.

- Deixem ela em paz. Talvez esteja menstruada.

Blair corou de raiva.

- Nate está menstruado também? - brincou Chuck.

Nate pegou um maço de cigarros no bolso do short, acendeu um e depois passou o maço a Blair. Depois caminhou pelo gramado escuro e cheio de neve atrás da casa, usando somente o suéter, short e tênis.

Blair pôs o cigarro na boca, desejando não ter tanta pena de Nate. Era estranho, esse troço de solidariedade-por-Nate. E provavelmente era totalmente imerecido.

- Vou voltar para dentro - disse ela, incisiva.

Serena cutucou Erik nos quadris.

- Acho que é a sua deixa.

Atrás dela, Blair ouviu alguém esparramar água no ofurô.

- Ah, caraça! - Ela ouviu Georgie guinchar e entendeu que ela estava olhando para Erik.

Desculpe, meu bem. Ele tem dona.

- Peraí, Blair.

Blair parou na cozinha e pegou um macaroon de chocolate da bandeja do bufê. Deu uma mordida e depois se virou para olhar Erik. Ele usava somente uma toalha branca, exatamente como Blair o vira pela primeira vez no hotel, no dia em que chegaram a Sun Valley e ela percebeu que ele era o homem que iria deflorá-la.

Agora era uma hora tão boa quanto qualquer outra.

Ela pegou uma garrafa de Veuve Clicquot gelada na bancada da cozinha, enfiou debaixo do braço e pegou o prato de macaroons.

- Vamos lá para cima.

exatamente igual a um trenó de papai Noel

- Não quero entrar. - Georgie fez beicinho enquanto as meninas secundaristas e os patrulheiros seguiam Conrad, Josef, Gan e Franz até a casa para comer alguma coisa. -

Quero fazer alguma coisa *doida.*

A pele de Serena formigou. *Eu também! Eu também!* Estava cansada de segurar vela do casinho de Erik e Blair. E mal podia esperar para escapar do olhar meloso de Jan. Era hora de um pouco de aventura.

- Viu só? Aqueles caras tem um daqueles tobogãs de esqui no alto do carro. Eu sempre quis descer num desses...

Georgie estava do lado de fora do ofurô antes de Serena terminar a frase.

- Vem! - gritou ela, calçando as botas de inverno, o resto dela nu como sempre. - Vamos dar uma olhada!

Deixando as roupas para trás, Chuck e Serena seguiram Georgie até a entrada cheia de carros na frente da casa. Rápida e silenciosamente, Chuck e Georgie desamarraram o tobogã da capota do Subaru dos patrulheiros e o baixaram na

neve. Georgie abriu a porta traseira de um dos SUVs Mercedes da equipe olímpica e entrou.

- Alguém quer um? - gritou ela.

- Eu! - respondeu Chuck, juntando-se a ela.

Serena não sabia o que Georgie estava oferecendo, mas no momenta não precisava de nada a não ser um casaco quente.

- Não vão ficar com frio? - arriscou-se ela. O tobogã era forrado com um cobertor de lã grosso, mas, a menos que todos ficassem embaixo dele, iam morrer todos de hipotermia.

- Não quer aparecer nos jornais de novo? – ofegou Chuck. Parecia que de estava cheirando alguma coisa.

Georgie botou a cabeça para fora do SUV e bateu a porta. Esfregou o nariz, os olhos castanhos arregalados.

- Só temos de ficar em movimento. - Ela apontou para Serena. -Você sobe no trenó e eu e Chuck te puxamos... tipo o trenó do Papai Noel!

Depois de chegar como uma pateta na festa de outra pessoa e eternamente grata por Jan-o-dentista ser banana demais para se juntar a eles, Serena desfez as amarras que prendiam o cobertor no tobogã, enrolou-se no cobertor e depois deitou no tobogã. Georgie se agachou ao lado dela e prendeu os braços de Serena no cobertor. Depois afivelou as amarras, puxando-as firmemente pelo corpo de Serena, como se seus ossos fossem se quebrar e precisassem ser reunidos. Serena percebeu pequenas gotas de suor no lábio superior e na testa de Georgie, embora estivesse somente dois graus e ela estivesse nua.

- Pronta? - gritou Georgie, as botas com neve até os tornozelos.

Parecia estranho e um pouco assustador ser amarrada deitada. Serena não podia se desamarrar, mesmo que quisesse. Debaixo do cobertor, ela pressionou a palma das mãos nas coxas para se estabilizar.

- Pronta.

Georgie e Chuck riram enquanto prendiam o arnês do tobogã, a bunda pelada retesada com o esforço enquanto arrastavam-no para a entrada de carros e a pista com neve da Wood River Drive.

- Peraí, aonde a gente vai? - gritou Serena inutilmente. Ela ergueu a cabeça para ver, mas só o que conseguiu vislumbrar foram dois corpos pelados brilhando ao luar enquanto desciam a estrada silenciosa. Chuck tinha uma marca de bronzeado remanescente do Natal em St. Barts, mas Georgie era branca como uma margarida.

Embora nem de longe tão pura.

O pescoço de Serena doía e ela estava prestes a deixar a cabeça tombar para trás quando Chuck e Georgie foram iluminados por faróis. Estava vindo um carro.

- *Socorro!* - gritou Serena, o rosto em chamas com o ridículo da situação.

Pouco importava que a visão parecesse estranha.

- *Uoooou!* Linda bunda! - gritou alguém da janela enquanto o carro passava derrapando.

O tobogã saltou e deslizou enquanto as luzes traseiras do carro desapareciam na estrada.

- Ei, gente! - gritou Serena, esticando o pescoço. – Dá pra parar?

Seus ditos amigos sequer se viraram. Talvez não a tivessem ouvido ou talvez estivessem só fingindo não ouvir.

- *Por favor!*

Mas eles ainda não pararam. A estrada se iluminou outra vez enquanto outro carro se aproximava. Dessa vez o carro reduziu. Depois uma sirene soou e luzes vermelhas e brancas giraram e agitaram a noite.

- Porra, é a polícia! - gritou Chuck.. - Corre!

- Não! - gritou Serena de volta. O tobogã saltou e deslizou enquanto o carro da polícia chegava mais perto.

- Vai! Vai! - Serena ouviu Georgie gritar.

De repente o tobogã fez um ziguezague perigoso, antes de tombar numa vala. Rolou uma vez e caiu de lado em uma poça de neve derretida. A água penetrou no cobertor e cobriu os joelhos dela. Estava tão fria que parecia quente.

- *Parem! Parem aí!* - ordenou a polícia ao perseguir o grupo, as luzes no alto do carro girando na distância.

Serena tremeu na vala. A polícia não a havia visto.

- Socorro! - choramingou ela. - Por favor, me ajudem.

fazer ou não fazer

- Agora estamos vestidos do mesmo jeito - disse Blair ao sair do banheiro da mãe de Georgie usando apenas uma toalha.

Erik baixou a revista de esqui que estava lendo enquanto esperava por ela na cama.

- Legal.

O quarto tinha um teto de madeira alto inclinado e janelas triangulares enormes e desencontradas dando para o monte Baldy. Os holofotes de Snowcats que limpavam as pistas para o dia seguinte piscavam na escuridão. Blair se perguntou rapidamente se Nate ainda estaria lá fora, vagando pela neve de tênis, ou se recuperou o juízo e voltou para dentro. Não que se importasse. Ela girou repetidamente o anel de rubi no dedo e voltou a olhar para a cama. *Estou prestes a me tornar mulher,* lembrou a si mesma.

Mesmo com farelos de biscoito espalhados em todo o queixo e o peito nu e o cabelo molhado e emaranhado de mergulhar no ofurô, Erik era irresistível. Ela foi até a mesa-de-cabeceira e tomou um gole do champanha direto da garrafa.

- Tudo bem. Estou pronta.

Erik pegou a mão dela e a puxou para cima dele. Seus lábios se encontraram numa mistura arrepiante de chocolate e champanha. Ele se apertou nos quadris dela. Ele também parecia estar pronto.

Blair fechou os olhos enquanto a musica da festa no primeiro andar entrava no quarto, um hip-hop que ela não reconheceu. Na noite em que pensava em que ia transar com Nate, ela preparou um CD e encheu o quarto de velas. Depois, nada aconteceu. Dessa vez ela estava numa casa estranha com uma música estranha. Mas talvez fosse melhor assim –

quanto mais solto o roteiro, mais espaço para a experimentação. Não que ela quisesse experimentar nenhuma esquisitice.

É claro que não.

- Abra os olhos - murmurou Erik, passando o nariz no pescoço dela. - Você tem olhos lindos.

Blair abriu os olhos e riu para si mesma. Estava beijando o irmão mais velho de Serena.

Fechou os olhos novamente, mergulhando outra vez na boca de Erik. Parecia mais fácil simplesmente fazer do que pensar no que estava fazendo ou com quem estava fazendo.

Erik puxou de volta o edredom de seda tingido de canela e se enfiou debaixo dele. Blair entrou depois dele e tirou a toalha, atirando-a no chão com mais floreio do que realmente pretendia.

Tchan-tchan!

- Você já fez isso, não é? - perguntou Erik enquanto tamborilava os dedos hábeis lentamente pela coluna dela.

Blair tremeu - em parte de prazer, em parte de medo - e apertou bem os olhos.

- Claro que sim.

Ela podia sentir Erik crescendo na perna dela. Talvez eles não tivessem de ir até o fim, só um pouquinho. Depois ela se lembrou do que ela e Serena sempre disseram as meninas do primeiro ano de seu grupo. *Não transem por transar. Transem com alguém que vocês amem e que se importem com o que vocês sentem. E não transem a não ser que saibam sem dúvida nenhuma que estão preparadas.*

Isso sempre foi fácil para Serena dizer. Ela perdera a virgindade no verão depois do segundo ano, com Nate, simplesmente. Era a *coisa* constante, invisível e muda entre Blair e ela. A pedra no sapato da amizade das duas.

Quando abordou o tema do sexo no grupo de discussão, Blair falou com tanta autoridade que quase acreditou que tinha transado algumas vezes. E certamente ela chegou bem perto – com Nate em várias ocasiões enquanto eles estavam juntos -, mas não *tão* perto.

Ela sempre o detinha, exatamente na hora H.

O que, considerando o fato de que ela e Erik estavam nus e deitados *muito* juntos, era tipo assim, *agorinha mesmo.*

- Está nervosa ou coisa assim? - perguntou Erik, afagando o cabelo dela e olhando nos olhos de Blair daquele jeito cordial e lindo dele.

- Não. Por quê? Pareço nervosa? - respondeu Blair um pouco áspera demais.

- É só que seus joelhos estio meio que me empurrando...

Blair nem tinha percebido o que estava fazendo com os joelhos. Embora ela quisesse desesperadamente transar e acabar com aquilo, seu corpo claramente tinha outras idéias.

Como é que ia perder a virgindade se o corpo nem mesmo colaborava?

o cavaleiro da armadura reluzente

Nate voltava para a casa de Georgie, as pernas dormentes de frio e os tênis ensopados de pisar na neve, pronto para desistir e entrar no ofurô. Ele achou que uma boa caminhada sozinho podia ajudar a clarear a mente, mas tinha tanto em que pensar - entrar na Brown, não ser o capitão de lacrosse, o comportamento errático de Georgie, o modo como Blair parecia olhar através dele - que só o que conseguiu pensar realmente foi em como seria ótimo fumar um baseado e esquecer de todos os problemas.

- Droga - xingou ele a meia voz enquanto corria pela pista da Wood River Drive.

- *Por favor, socorro.* - Ele ouviu uma vozinha choramingar da vala à esquerda dele.

Nate girou o corpo, os olhos saltando da cabeça quando reconheceu o cabelo louro-claro e o corpo familiar preso dentro de um tobogã de patrulheiro de esqui virado. Se não estivesse tão sóbrio, ia pensar que estava tendo uma espécie de reação alérgica mental a maconha ou coisa assim.

- Serena? - Ele se ajoelhou e começou a soltar as amarras. - Meu Deus, o que aconteceu?

Assim que os braços de Serena se libertaram, ela os estendeu para cima e abraçou Nate pelo pescoço, chorando sem dizer uma palavra. Ela não se importaria se Jan a tivesse resgatado, mas Nate era dez mil vezes melhor.

- Está tudo bem. Está tudo bem - murmurou Nate, afagando o cabelo dela com uma das mãos enquanto tirava as amarras do tobogã com a outra. Quando todas as amarras estavam desfeitas, ele puxou o pesado cobertor de lã, sem imaginar o que ia encontrar embaixo.

- Caraca. - Ele a abraçou e a ajudou a se levantar antes de enrolar o cobertor nela mais uma vez.

Serena pendeu para ele, vencida demais para ficar sem graça ou até explicar como foi parar nua numa vala, presa a um tobogã de patrulheiro de esqui.

Nate se curvou e a pegou como a um bebê gigante.

- Vamos voltar. Você só precisa de um banho e umas roupas quentes e vai ficar nova em folha.

Ele começou a descer a estrada para a casa, os braços e as pernas ardendo da energia do resgate másculo. Serena deixou que a cabeça tombasse no ombro dele e respirou um hálito doce e quente na orelha de Nate. Talvez fosse Nate - o Natie dela - o cara com quem queria ficar o tempo todo. Seu cavaleiro da armadura reluzente. O amor de sua vida.

Quando eles voltaram para casa, o sempre eficiente Nate levou Serena para o banheiro dos hóspedes no segundo andar e preparou um bom banho quente para ela. Enquanto ela relaxava nas bolhas, ele foi até o quarto da mãe de Georgie procurar um roupão quente e umas meias de cashmere aconchegantes. A porta estava fechada, mas os empregados mantinham-na fechada desde que ele chegou, então ele achou que não havia nada demais em entrar sem bater.

Epa.

Nate congelou na soleira da porta, piscando. As roupas de Blair estavam no chão e sua mão delicada com o anelzinho de rubi estava no pescoço de um louro. O louro virou a cabeça, provando que não era da equipe olímpica de snowboarding holandesa -

felizmente -, mas Erik van der Woodsen, o irmão mais velho de Serena. O que era muito melhor.

- Desculpe - murmurou Nate. - Eu só preciso pegar umas coisas no armário.

- Hmm, dá pra voltar depois? Estamos meio ocupados - disse Erik sem o menor constrangimento.

Nate só ficou parado ali, olhando-os com as mãos nos bolsos. Ele precisava de uma explicação ou reconhecimento da metade inferior do sanduíche Erik-Blair antes de poder dar as costas.

Mas Blair só ficou deitada ali de olhos fechados. Erik quase tinha conseguido fazer com que seu corpo entrasse na viagem que ela queria, mas, ao som da voz

de Nate, o vôo foi cancelado. Por fim ela ouviu a porta se fechar e os passos de Nate correndo pelo corredor.

Depois ela se apoiou nos cotovelos e se afastou um pouco de Erik, puxando o lençol para o peito a fim de se cobrir.

- Na verdade, essa ia ser a minha primeira vez – admitiu ela, corando de vergonha por ter mentido quando ele perguntou. - Mas acho que não estou pronta para isso. – Ela olhou para Erik com os olhos azuis redondos, esperando de todo coração que ele não ficasse irritado demais.

Os lábios adoráveis de Erik se curvaram num meio sorriso.

- Não. Você está pronta. Eu é que não sou o cara certo, é só isso.

E não era segredo quem era esse cara.

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas *Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.*

oi, gente!

Eu sei, eu sei, parece que passou uma eternidade desde que a gente se falou. As férias de primavera estão quase acabando e, pelo visto, todo mundo andou muito ocupado para não pensar nas cartas de admissão da universidade que deverão estar em nossas caixas de correia daqui a duas semanas. Sim, estamos ocupados, ocupados, *ocupados.* Mas, antes de eu descer a *quem* se meteu em *que* encrenca e *onde,* deixa eu esclarecer umas coisinhas sem nenhuma ordem determinada.

a) Nem *todos* os membros da equipe olímpica de snowboarding holandesa são gays, casados ou chatos. Sei disso porque fiquei com um deles muito brevemente quando minha família estava esquiando em Banff. O nome dele era Jansen e ele era lindo demais.

b) Se você ainda for virgem quando estiver indo para a faculdade, não será a única. Sei disso... Bem, eu simplesmente sei.

c) Não é crime federal jogar correspondência no rio, a não ser que você trabalhe para os correios.

d) *É* crime federal não responder ao e-mail de uma garota quando só o que ela quer de você é que a perdoe, a beije e faça as pazes. Também é crime federal receber um presente e não agradecer. *E* é definitivamente um crime federal correr pelado por uma estrada pública, especialmente quando a policia está atrás de você - veja as notícias a seguir.

e) Por último, mas não menos importante, embora eu odeie dizer, todos nós nos sentimos melhor conosco quando não estamos brigando com os nossos pais.

Que bom que esclarecemos tudo. Agora, as últimas notícias...

HERDEIRA INFAME DE CONNECTICUT E GAROTÃO DO UPPER EAST

SIDE PRESOS POR ATENTADO AO PUDOR

Ela nos chocou ao vender o cavalo de exposição preferido para comprar drogas e ele nos chocou por aparecer, todo cheio de gel, num comercial de loção pós-barba europeu.

Agora eles estão na roda de novo. **G** e **C** foram presos ontem à noite por saracotear numa estrada publica, *nus* em *pêlo.* Mais tarde descobriu-se que os dois estavam sob influência de todo tipo de substâncias e que eles também tinham roubado um tobogã de patrulheiro de esqui, que foi devolvido pelas autoridades a sede dos patrulheiros de esqui. Os dois foram libertados da prisão esta manhã e pegaram jatos particulares para Greenwich e Nova York, respectivamente. Há boatos de que o Departamento de Policia de Wood River e os Patrulheiros de Esqui de Sun Valley já receberam substanciais doações

"anônimas" para guardar silêncio sobre o assunto. **G** já voltou para a Breakaway, onde ganhou uma carteirinha de sócia permanente. **C** está de castigo, o que significa que ele não pode mais usar o quarto da família no Tribeca Star Hotel nem o carro com motorista da mãe. Coitadinho. Correm boatos também de que uma estudante muito bonita, modelo do Upper East Side, estava envolvida no incidente, mas ela conseguiu evitar a polícia e escapar. Mais tarde, naquela noite, um lindo rapaz misterioso a acompanhou de volta ao hotel. Essa é a nossa garota!

Flagra

V olhando desejosamente para as câmeras de cinema na vitrine da **49th Street Photo** como uma criança numa vitrine de uma pet shop. A coitadinha está doida para que os pais vão para casa. ***B*** e ***E*** e um bando de caras dos Patrulheiros de Esqui de Sun Valley tomando cerveja num bar em **Ketchum, Idaho**, sem - acreditem - nenhuma tensão sexual aparente.

Ouvi dizer que isso pode acontecer com as meninas desde que elas... *sabe como é.* Eles perderam a necessidade de paquerar. ***J*** rastejando pelo Upper East Side de novo, escondendo-se atrás das arvores. Qual é a dela, afinal? ***S*** e o irmão, ***E,*** descendo as encostas sozinhos em **Sun Valley**.

Seu e-mail

P: Cara GG,

Conheci um certo garoto a vida toda e tenho certeza de que fui apaixonada por ele o tempo todo, só que nunca percebi. Ele ficou com minha melhor amiga e agora está com outra amiga minha, embora eu tenha certeza de que está quase terminando. Preciso descobrir se ele sente a mesma coisa por mim, mas não sei bem o que fazer.

- perdida

R: Cara perdida,

Você sabe o que eu faço quando não tenho certeza do que fazer? Agarre o cara! Beije-o e tudo vai se encaixar no devido lugar. Se ele sente a mesma coisa, você vai saber. E se não sente, você vai saber. Boa sorte, querida.

-GG

P: Cara Gossip Girl,

Eu adore seu site. Você é uma garota cool. Queria saber o seu nome, porque acho que você pode ser a mesma garota que conheci quando esquiava. Posso não ver

você nunca mais porque eu moro muito longe da América, mas eu sempre vou te amar de longe.

- Jan

R: Caro Jan,

Tenho a sensação de que a gente se conheceu há muito tempo. E, mesmo que eu não seja a garota de que você está falando, tem minha permissão para me amar de longe. Mas vamos parar por aí, tá bem?

-GG

Vejo vocês na escola na semana que vem. Na verdade, pode ser meio legal dormir na nossa cama de novo.

Pra você que me ama,

gossip girl

é o pensamento que importa

Quando a campainha lá embaixo tocou, Gabriela e Ruby estavam fazendo barras energéticas orgânicas sem levedura, sem açúcar e de grão integral e cereja silvestre na cozinha do pequeno apartamento de Ruby e Vanessa, enquanto Vanessa e Tordy ajudavam Arlo a amarrar os narcisos que ele tinha roubado do parque na rede de pesca que ele achou e arrastou para casa. Supostamente, os narcisos representavam a esperança, embora Vanessa não soubesse exatamente o que a própria rede de pesca devia representar. A rede estava áspera e cortava as mãos, e Jordy a estava irritando com todo aquele interesse repentino pelos pais dela e o trabalho deles. Ele até tinha tirado os sapatos quando entrou, como eles faziam, e usava um colar de contas com o símbolo da paz que provavelmente roubou de uma caixa de velharias da mãe dele. Não preciso dizer que o som da campainha era um sinal bem-vindo para Vanessa largar o que estava fazendo e *correr.*

- Eu atendo! - gritou ela, enfiando um narciso nas mãos úteis de Jordy. Ela correu para o interfone. - Alô?

- Encomenda postal, senhora.

Vanessa liberou a entrada do carteiro. Ele chegou ao alto das escadas e entregou uma caixa a ela. Estava endereçada a ela e o nome e endereço de Dan escritos a mão no canto superior esquerdo.

Ela fechou a porta e se sentou no chão, rasgando a embalagem com os dentes. Dentro dela, embrulhada num jornal, uma nave espacial rosa de plástico com três garotinhas cor-de-rosa de pe no alto. As garotinhas tinham rabos-de-cavalo pretos e vestidos verdes de plástico iguais. Ela virou o brinquedo de cabeça para baixo e ligou o interruptor, depois colocou o brinquedo no chão. Uma música japonesa maluca começou a tocar enquanto as meninas da espaçonave giravam e giravam, e as luzinhas de plástico piscavam aos pés delas. Era brega e horroroso - superfantasticamente.

- O que é isso, Mãe Terra? - exclamou Gabriela, vindo ver. - Quem mandaria uma coisa dessas para você?

Aquele rapaz maravilhoso que você achou que um dia se casaria comigo?

- Eu gostei - declarou Vanessa. - É tão ruim que chega a ser bom.

Jordy apareceu com uma grinalda de narcisos no pescoço. Ele franziu a testa para a coisa como se aquilo devesse fazer algum sentido.

- O que é?

- É só um treco - respondeu Vanessa, as idéias para o próxirno filme já se amontoando na cabeça. - Ei, dá pra vir aqui um minuto? - perguntou ela, pensando no nariz de Jordy. Ele se curvou ansiosamente e ela fechou um olho, cobrindo o outro com os dedos para formar a visão da lente da câmera daquele nariz estarrecedor, a navezinha rosa e doida girando e piscando no chão.

Já parecia uma ganhadora do Oscar.

- Fique bem aqui.

Vanessa correu para o quarto para pegar a câmera no armário. Se fosse rápida, os pais nem perceberiam o que ela estava fazendo.

- Agüenta aí - sussurrou ela, segurando a câmera no olho enquanto dava um zoom no nariz de Jordy, certificando-se de deixar de fora do enquadramento o

cordão com o símbolo da paz e os narcisos. - Tudo bem, peguei. – Ela desligou a câmera e a atirou na bolsa preta perto da porta. Do outro lado da sala, o pai assistia a tudo com curiosidade, as luzes piscantes do brinquedo atingindo seus olhos brilhantes. Ela foi para o quarto pegar mais suprimentos. A partir de agora, tinha de levar a espaçonave e a câmera com ela aonde quer que fosse, capturando qualquer coisa maluca que imaginasse, sendo a espaçonave a única constante, sempre ao fundo.

- Posso me levantar agora? - perguntou Jordy quando ela voltou. Ele ainda estava ajoelhado de um jeito estranho diante da espaçonave, os olhos confusos de ouvir repetidamente a musiquinha insana.

Vanessa pegou o brinquedo e o desligou, colocando-o na bolsa com as pilhas extras e a lente.

- Pode, já pode ir - disse ela, distraída.

O que significava que não havia mais utilidade para ele.

- Ei, aonde *você* vai? - gritou Ruby para ela da cozinha.

Vanessa já podia ouvir, pelo tom de voz de Ruby, que a irmã sabia exatamente o que ela estava aprontando. Ela amarrou os Doc Martens e enfiou na cabeça o boné preto que tinha comprado na loja do exército.

- Vou sair - gritou ela enquanto disparava pela porta, os olhos do pai ardendo de curiosidade enquanto ela partia.

a resposta pode estar escrita na parede do banheiro

Petite mignonette, doce coquete

Provei seus biscoitos, seu pão

Você preenche meu prato

No último dia de trabalho antes de recomeçarem as aulas, Dan estava de pé diante do sanitário do banheiro dos homens da *Red Letter* lendo e relendo as palavras que tinha escrito na folha de papel que desaparecera de sua mesa uma semana antes. Ele encontrou o outro poema que tinha escrito usando esse mesmo

último verso – *você preenche meu prato -,* e pretendia reescrever o verso no novo poema. Mas foi o vislumbre de Elise segurando uma baguete que tinha inspirado o poema, e tanto o interesse nela como o interesse em terminar o poema tinham diminuído completamente.

Não teria alguma coisa a ver com um certo e-mail que ele pode ter recebido recentemente?

O verso redundante não era o motivo principal para ele não conseguir parar de ler as palavras na parede do banheiro. As palavras que ele estava lendo nem eram dele. Quem quer que tenha copiado este fragmento de poema na parede tinha escrito embaixo: *Observação: Ver acima como* não *escrever.*

Tudo bem, então o que ele tinha escrito era infantil, de mulherzinha, e não fazia muito sentido. Ele era o primeiro a admitir isso. Mas insultar a escrita de alguém de forma tão deliberada era simplesmente... cruel e imaturo. Era como criticar sua mãe: só *você* podia fazer isso.

- Cretinos - murmurou Dan enquanto puxava a descarga. Ele pegou uma Sharpie preta do bolso e começou a rabiscar ao lado de seu poema.

Observações sobre como não ser um babaca:

1. Não roube coisas da mesa das pessoas, especialmente quando elas não conhecem você suficiente para achar engraçado.

2. Nunca presuma que um poema esta concluído. Na verdade, nunca presuma nada para não parecer um completo babaca.

3. Vá se foder, porque ninguém vai fazer isso por você.

Ele devolveu a caneta ao bolso, lavou as mãos e abriu a porta, quase esbarrando em Siegfried Castle.

- Garroto. - O Sr. Castle se dirigiu a ele com seu sotaque alemão desagradável. - Estou recebendo umas jamadas zobre uns jeques que não jegarom. Mas vozê mandou pelo correio na zemana pazada. Rrusty acaba de ligarr parra dizer que Mysterry Crraze esta presa em Helsinque porque Rrusty não mandou parra ela o dinheirro da viagem.

Dan foi até sua mesa e pegou a bolsa preta de carteiro. Ficou tentado a dizer a Sig Castle que o cheque de Mystery estava a caminho de Helsinque pelo rio Hudson, mas não queria ser demitido - ele queria se demitir.

O Sr. Castle o seguiu ate a mesa dele e o estava olhando de cima a baixo com seus olhos cruéis e alemães.

- Por que não procura outra pessoa para escravo? – sibilou Dan. Ele subiu na cadeira para ler as palavras escritas na linha horizontal vermelha pintada em toda a sala. *Red Letter, Red Letter, Red Letter,* era só o que dizia, repetidamente.
- Muito criativo - acrescentou, saltando da cadeira. E depois saiu.

Trinta segundos depois de sair seu celular tocou insistentemente no bolso de trás da calça.

Dan sabia, sem precisar olhar, quem estava telefonando.

- Porra, garoto. NINGUÉM, eu quero dizer NINGUÉM, larga um emprego na *Red Letter!*

- gritou Rusty Klein para ele. -Você devia estar ABSORVENDO a aura de gênios da literatura. Devia FAZER COMO EU TE DISSE. Você é só um APRENDIZ, pelo amor de Deus. Não pode SE DEMITIR!

Dan subiu a Sétima Avenida com o telefone grudado na orelha, decidido a não deixar que Rusty estragasse a sensação de triunfo que formigava por seu corpo.

- Desculpe, mas eu realmente não vejo o que mandar correspondência para pessoas, comprar caviar ou fazer fotocópias tem a ver com escrever bons poemas.

Rusty ficou em silêncio - pelo menos por um momento.

- Suba num táxi, boneco. Vou te encontrar no Plaza em dez minutos. Acho que sei como lidar com isso.

Dan estava parado no alto da escada do metro da rua 14. Pensou em como Rusty tinha tentado convencê-lo a dar um tempo dos estudos para escrever um livro de memórias, o que ele absolutamente não queria fazer. Ele queria ir para a

faculdade para ter novas experiências e aprender a escrever melhor, e não precisava de uma agente para fazer isso.

- Está tudo bem, acho que posso lidar com isso sozinho. Na verdade, acho que posso lidar *comigo* sozinho. Pelo menos por algum tempo, de qualquer forma.

Rusty não respondeu de imediato. Ele podia ouvir os telefones tocando e a assistente dela, Buckley, atendendo freneticamente. Dan esperou que ela gritasse alguma coisa sobre como ele não sabia o que era bom para ele, mas em vez disso ela simplesmente disse:

- Tem certeza?

- Tenho - retrucou Dan com firmeza. - Obrigado.

- Tudo bem, porra. Então, passe bem.

- Você também - disse Dan com sinceridade antes de desligar. Rusty Klein era maluca, intimidadora e meio tirânica, mas ele ia sentir falta dela mesmo assim.

Ele entrou na loja de donuts atrás dele e pediu um café preto extragrande e um donut de geléia, discando o número de Vanessa enquanto esperava. Suas mãos tremiam ao levar o enorme copo de café para fora. Ele o colocou no chão, acendeu um cigarro e esperou enquanto o telefone não parava de tocar.

- Oi - disse ele quando a secretária eletrônica atendeu. - Eu te mandei uma coisa. Estava me perguntando se você recebeu. - Ele deu um longo trago no cigarro, tentando pensar em mais alguma coisa para dizer. - É o Dan, a propósito. Espero que você esteja bem.

Hmmm... Tchau – acrescentou ele e desligou.

Bem, não foi exatamente "Desculpe e vamos voltar", mas pelo menos quebrou o gelo.

às vezes a verdade machuca

Leo estava parado diante do portão de metal, esperando por ela.

- Oi - disse Jenny, o rosto corado com a idéia de ter se convidado.

Leo remexeu na tranca do portão e assentiu para a bicicleta apoiada nas lixeiras de metal na entrada.

- O papai pedala pelo parque as vezes de manha. Ele está muito bem para a idade.

Jenny nunca tinha ouvido Leo falar no pai. Ela sempre imaginou que ele não tivesse pai e fosse solitário no enorme apartamento rosa e branco da mãe na Park Avenue, vendo TV e escovando o cachorro mimado dela com uma escova de ouro enquanto a mãe gastava os milhões que tinha recebido no divórcio com casacos de grife e jantares com homens mais novos.

- Oi, gente, cheguei - disse Leo para o apartamento quando abriu a porta. Pegou a parca preta de Jenny e pendurou-a em cima do casaco dele. - Vem.

Jenny seguiu-o pelo corredor escuro e estreito. a apartamento cheirava a pipoca rançosa e Pinho-Sol. A tinta branca das paredes estava rachada e descascava, e o tapete vinho estava gasto e esfiapado. Fazia-a lembrar da própria casa, só que pior.

- Mãe, pai, está é Jennifer, a garota de que eu falei com vocês.

O queixo de Jenny quase caiu nos tênis novos de camurça Steve Madden vermelhos e retrô quando ela viu o Sr. e a Sra. Berensen. Usavam conjuntos de moletom cinza e comiam pipoca de microondas, os pés em cima da mesa de centro de rattan com tampo de vidro enquanto viam TV na minúscula e escura sala de estar. A Sra. Berensen era baixinha, com cabelo branco curto e olhos azuis brilhantes cercados de ruguinhas. O Sr.

Berensen tinha pelo menos oitenta anos, com o cabelo branco, membros longos e ossudos e um rosto bronzeado, feito couro. Os dois eram tão magros que pareciam viver de uma dieta de pipoca e água.

- E realmente um prazer... conhecer vocês – gaguejou Jenny. Ela deu um passo à frente para apertar a mão deles.

- Oh, ela não é uma bonequinha? - declarou a Sra. Berensen.

- Estávamos vendo um filme antigo de James Bond - disse o Sr. Berensen. - Sente-se e assista, se quiser - resmungou ele enquanto se mexia no sofá de

veludo vinho para abrir espaço para ela. Jenny não sabia como ele podia andar de bicicleta no parque. Parecia que ia emborcar e morrer bem ali.

- Está tudo bem. - Leo tocou o cotovelo de Jenny. - Vem, vou te mostrar meu quarto .

. Jenny mordeu o lábio inferior enquanto o seguia ao cômodo ao lado. Ela se odiou por ficar decepcionada. Por que devia ligar se Leo não era um príncipe que morava num prédio exclusivo com porteiro na Park Avenue?

Porque um cara tem de ter algo mais do que um temperamento doce e dentes tortos bonitinhos!

O quarto de Leo era ainda mais deprimente do que o resto do apartamento. Só uma cama de solteiro encostada numa parede, com uma espécie de colcha sintética amarela e verde que parecia ter pertencido a um hotel de 1979, paredes brancas nuas, um tapete marrom esfiapado e uma mesa de madeira arranhada com um Mac gigante. O computador era definitivamente a coisa mais nova e mais cara que os Berensen possuíam.

Jenny se empoleirou na beira da cama e deu um espirro violento. Estava tendo uma reação alérgica a toda aquela situação.

Quem não teria?

Leo se sentou na cadeira dura de madeira e mexeu o mouse até que o computador acordasse.

- É isso que eu faço na maior parte do tempo, quando não estou na escola ou com você.

- Oh? -Jenny se perguntou se ele ia mostrar alguma chat room esquisita que ele freqüentava para fingir que era outra pessoa.

- Vem cá, eu te mostro.

Relutantemente ela se levantou e foi dar uma olhada, esperando ter de ler um monte de e-mails irritantes. Em vez disso, era uma imagem, uma réplica exata de *Aniversário,* de Marc Chagall, com alguns floreios que eram de Leo.

- Você fez isso? - perguntou Jenny quando conseguiu recuperar a voz. *Era mesmo* muito bom.

Fiz, mas ainda não terminei. Tenho de fazer alguma coisa com a vidraça. Está meio clara demais. - Ele começou a abrir menus de paletas de cores e técnicas de sombreamento. -

Eu podia contornar em ouro... -Ele olhou para Jenny. – O que você acha?

Jenny voltou para a cama porque não havia outro lugar para se sentar. Ela se balançou por alguns minutos numa tentativa de limpar a mente.

- Eu achei que você morava naquele apartamento elegante na Park. Achei que Daphne era sua cadela. - Ela parou de se balançar, olhou para o tapete e engoliu em seco.

- Acho que eu meio que queria que você pensasse isso. Foi por isso que eu te levei lá.

Jenny olhou para cima. Leo parecia muito menos arrojado e bonito sentado na cadeira de seu quarto medonho.

- Mas Elise disse que soube que você foi à festa beneficente do Frick. E você tem aquele casaco de couro bonito. - Ela enfiou as mãos embaixo das coxas. - Achei que era onde você morava - repetiu ela.

Leo sacudiu a cabeça.

- Eu passeio com Daphne para a Madame T depois da aula. Ela me convida para festas como a do Frick e me dá carteiras de sócio de museus porque sabe que gosto de arte e os filhos dela já são adultos. Na verdade, é muito legal da parte dela.

Jenny assentiu. Por que era tão difícil aceitar o que ela já sabia? Leo era só um garoto normal que passeava com cães depois da aula.

E tinha pais bem velhos e morava num apartamento realmente sombrio e deprimente.

Claro que a praia dele era a arte e a dela também, mas tinha de haver mais... *alguma coisa.*

De repente ela desceu da cama e investiu para o telefone.

- Vamos fazer uma coisa doida e romântica! Vamos roubar uma garrafa de vinho dos seus pais e levar para o parque e sentar debaixo das arvores e tomar um porre!

Leo ficou atordoado.

- Talvez a misteriosa seja *você* - observou ele com um sorriso confuso. - Meus pais não têm vinho nenhum, e além disso e noite da escola. Tenho de fazer o jantar e o dever de casa. Você pode ficar e jantar com a gente.

Jantar com os pais emaciados de cem anos de Leo que nem mesmo bebiam vinho? Não havia nada mais doido e romântico do que *isso!*

Jenny não sabia o que havia de errado com ela, mas, se ela não disparasse para fora do quartinho de Leo logo, ia explodir.

- Acho que agora eu tenho de ir - murmurou ela, praticamente correndo para a porta. O

rosto estava quente e provavelmente ela não ia conseguir parar para se despedir dos pais dele. Ela pegou rapidamente o casaco, já prevendo o ar frio no rosto e a viagem tranqüila de ônibus pela cidade.

- Espera! - Ela ouviu Leo gritar atrás dela, mas ela já havia ido.

Elise disse a ela para imaginar se o verdadeiro Leo era alguém de quem Jenny podia gostar. Agora Jenny tinha a resposta.

E não era boa.

b sente o primeiro jorro de fraternidade

- É tão maravilhoso ver você em casa! - disse a mãe com entusiasmo quando Balir saiu do elevador, rodando as malas Louis Vuitton. Mookie, o cachorro de Aaron, foi até ela e esfregou o focinho nos joelhos de Blair.

- Vai se foder - sibilou Blair, embora estivesse meio feliz de estar em casa. Ela tirou o casaco e o atirou numa cadeira antiga no canto do vestíbulo. - Oi, mãe. Onde está a Kitty Minky?

Eleanor se aproximou e beijou Blair ruidosamente. Depois passou o telefone para ela.

- É o seu pai, querida. Estávamos tendo a mais maravilhosa das conversas.

Pelo que Blair sabia, os pais dela não se falavam – civilizadamente - há mais de um ano.

- Pai? - disse ela, pegando o telefone.

- Blair, minha ursinha. – A voz alegre e cheia de vinho do pai vinha do château dele na França. – *Ça va bien?*

- Mais ou menos - respondeu Blair.

- Já teve resposta de Yale?

- Não. - Blair não tinha dado ao pai nenhuma dica de que suas chances em Yale, a *alma mater* dele, estavam quase completamente arruinadas. Ela andou pelo corredor até seu antigo quarto e parou na soleira da porta. - Ainda não.

- Tudo bem. Bem, seja boazinha com a sua mãe. Ela está absolutamente resplandecente, não é?

- Acho que sim. - Blair entrou no quarto e se sentou no chão. - Estou com saudade, pai.

- Eu também, ursinha - disse o pai antes de desligar.

- O que é que você acha? - A mãe entrou no quarto atrás dela, a respiração pesada. A barriga parecia ter se expandido uns trinta centímetros enquanto Blair esteve fora, mas o rosto estava lindamente bronzeado da viagem ao Havaí e ela estava bem no vestido de gestante verde-escuro e preto Diane von Furstenberg. Até a tiara de veludo preto não parecia tão ruim.

Blair tentou um meio sorriso de onde estava sentada, as pernas cruzadas, no chão no meio do quarto.

- Você está bem.

- Não, quero dizer o quarto.

Blair deu de ombros e recuou para estudar o quarto. As familiares paredes brancas peroladas tinham sido repintadas de um verde-amarelado mais claro, com arremate verde-aipo e borda de margarida em estêncil. Em vez de seu tapete oriental rosa, um tapete felpudo amarelo-cremoso cobria o chão. Um berço estava num canto, coberto com renda branca, e dentro dele um lençol amarelo dobrado, bordado intricadamente com margaridas brancas. Na parede mais distante havia um trocador e um armário, os dois pintados de amarelo-claro. À direita de Blair, uma cadeira de balanço de madeira com margaridas em estêncil no encosto. Kitty Minky, a gata, deitava-se enroscada em uma almofada no assento da cadeira, dormindo.

Sua mãe foi para o armário e passou a mão nas gavetas.

- Queríamos o monograma em todos os móveis, mas ainda não decidimos o nome. - Ela deu um sorriso brilhante para Blair. - Seu pai sugeriu que você desse o nome. Você sempre foi tão criativa, querida. Acho que é uma idéia maravilhosa!

- É? - empalideceu Blair. Esse bebe nada tinha a ver com ela. Por que diabos eles queriam que ela desse o nome?

- Não se preocupe em ser um nome judaico ou coisa assim. Cyrus não se importa. Só precisamos de um bom nome. - A mãe dela sorriu, estimulando-a. - E não tenha pressa.

Pense por algum tempo. - Ela foi até o berço, sacudiu o lençol amarelo e o dobrou novamente. - Cyrus e eu vamos ao Club 21 agora para uma degustação de vinhos. Diga a Myrtle o que quer para o jantar, e ela vai preparar para você. - Ela se curvou para beijar a filha no alto da cabeça. - Só um bom nome - repetiu ela antes de sair do quarto.

Blair ficou onde estava, contemplando o esquema de cores e seu novo papel de Irmã Mais Velha Nomeadora de Bebês. Seu quarto nem tinha o mesmo cheiro de antes. O cheiro era novo, novo e cheio de promessas.

- Eu pensei em Margarida - disse Aaron, entrando no quarto com uma cueca samba-canção de flanela marrom de Harvard e mais nada. As trancinhas tinham passado das orelhas de novo e o peito nu estava bronzeado da semana que passou no Havaí. Ele ficaria melhor se não fosse tão irritante.

- Como foi no Havaí? - perguntou Blair, embora não ligasse nem um pouco.

Os olhos escuros de Aaron se arregalaram de empolgação.

- Melhor do que eu pensava. Conheci uma garota que é, tipo assim, ainda mais vegetariana do que eu. Os pais dela são refugiados do Haiti. De Berkeley. Ela me ensinou a surfar. Demos umas voltas juntos.

Blair ergueu as sobrancelhas, sem se impressionar.

- Mas agora você voltou - assinalou ela.

Ele assentiu.

- E aí, o que acha de Margarida... para o nome do bebê?

Ela torceu o nariz.

- Não, Garotão de Harvard, é óbvio demais. - Ela girou o anel de rubi várias vezes no dedo. - E aí, qual é o nome da garota havaiana, afinal?

Aaron franziu a testa.

- Yael. Ela contou que um monte de gente diz que parece "Yai-elle"ou coisa parecida, mas ela pronunciou exatamente como a universidade: Yale.

- Yale. - Blair parou de girar o anel, os cantos da boca se curvando num sorriso. - Yale.

É claro.

s e n fogem dos planos

Como Blair tinha saído do apartamento, não havia motivo para não convidar Nate de novo.

- Oi - disse ele na porta. Era meio estranho ver Serena de novo no velho ambiente dela.

Mas também era meio legal.

- Oi. - Ela deu um beijo no rosto dele e o ajudou a tirar o casaco ensopado de chuva, pendurando-o arrumadinho no armário de casacos. A camiseta cinza Abercrombie dele parecia surrada e macia, e ela estava doida para por as mãos nela.

- Desculpe se as coisas ficaram estranhas na festa. - Agora que pensava no assunto, Serena não sabia por que não tinha beijado Nate também em Sun Valley, depois de ele tê-

la resgatado da vala e ela já estar pelada e tudo.

Bem, ela só precisava ficar pelada de novo, não é?

- Tudo bem. - Nate parecia estar esperando por alguma coisa, como uma explicação para o motivo de ela tê-lo convidado.

Serena deu um passo na direção dele, os pés descalços frios no chão de madeira. Vestia só uma camiseta de algodão branco e uma minissaia de brim, e tremia, em parte de frio, mas principalmente de expectativa nervosa. Nate estendeu a mão e afagou os braços nus dela.

- Nate? - perguntou Serena, desabando em cima dele. Ela podia sentir o hálito dele em seu *rosto. Ah, Natie.* – Você sabe que sempre fomos bons amigos e nos entendemos perfeitamente e sempre nos ajudamos, mesmo quando as coisas ficam meio esquisitas.

- Arrã - fez Nate com a voz rouca, ainda passando as mãos nos braços dela.

- Bem, por que a gente simplesmente não *fica junto?*

Nate parou de afagar. Era impossível até pensar em dizer não a garota mais linda do universo quando ela já era uma das melhores amigas e praticamente estava se atirando pra cima dele. Talvez,se ele desse um beijinho nela e dissesse delicadamente que isso não queria dizer... ele se inclinou e a beijou, muito timidamente, na boca. Um beijo doce e inocente.

Mas Serena não estava procurando por doçura e inocência, ela queria o verdadeiro amor, e retribuiu o beijo com fome, como alguém que estava esperando por isso há muito tempo. Ela pegou a mão dele e o levou para a cama.

- Peraí - disse Nate, parando na soleira da porta. - Blair ainda está morando aqui?

- Ei. - Serena largou a mão dele. Como podia haver o verdadeiro amor se Nate ainda estava apaixonado por outra pessoa? Ela suspirou e se deitou de costas na cama, sorrindo com tristeza para o teto. - Blair voltou para a casa dela.

- Ah. - Nate entrou e se sentou na cama ao lado dela, tocando o ombro de Serena. - Você está bem?

Serena sorriu. Mesmo que não fosse seu verdadeiro amor, Nate ainda era seu docinho.

- Blair e Erik não estão mais juntos - disse Serena, porque sabia que ele queria saber.

- Como você sabe disso? - perguntou Nate, desconfiado. Não passou despercebido a ele o fato de que Serena e Blair estavam brigadas.

Serena rolou sobre a barriga e enterrou o rosto nos braços como uma garotinha.

- Eu perguntei a ele - a voz dela estava abafada. – Ele é o meu irmão, sabe disso.

Nate não disse nada. Estava aliviado, mas não ia dizer isso a ela.

Ela se apoiou nos cotovelos.

- Sabia que eu te amo, Natie? Mas acho que nos dois sabemos quem você realmente quer beijar.

Nate assentiu e virou a cabeça para olhar a janela respingada de chuva. Um grande pássaro estava empoleirado no telhado do Metropolitan Museum of Art. Ele se perguntou se era um daqueles falcões-peregrinos que sempre estavam voando pelo Central Park, surpreendendo as pessoas porque não eram pombos. Os falcões eram elegantes e bonitos, e vê-los a toda hora era meio tranqüilizador.

Ele se deitou ao lado de Serena e a abraçou como um irmão.

- Eu te amo também - sussurrou ele no ouvido dela.

Serena sorriu e fechou os olhos. Ela podia se imaginar com Nate, deitados desse jeito, no alojamento na universidade, aonde quer que ela fosse. Eles nunca formariam um casal, mas de vez em quando podiam ficar juntos e se abraçar e beijar, só isso. Sempre seria totalmente inócuo e Blair não precisava saber. E de repente eles parariam de se ver, quando Serena *finalmente* encontrasse o verdadeiro amor.

Se isso acontecer um dia.

v tem mais talento do que uma comunidade cheia de hippies

Quando Vanessa chegou em casa, Ruby, Gabriela e Arlo estavam em volta da televisão, comendo soja crua e bebendo saque morno.

- O que está pegando? Achei que vocês iam hoje. - Vanessa baixou a bolsa pesada com o equipamento de filmagem e tirou o casaco. Ela foi pega numa tempestade repentina e estava completamente ensopada.

- Eles vão sair *logo.* - Ruby desligou a TV e os três sorriram como Vanessa jamais tinha visto. - Como foi o seu dia, querida?

Vanessa desamarrou os Doc Martens e os tirou. Do canto da sala de estar, o periquito de Ruby, Tofu, guinchou dentro da gaiola como se avisasse a ela: *Tá rolando alguma coisa!*

Tá rolando alguma coisa!

Gabriela se levantou e espanou as rugas do quimono japonês elaboradamente rosa e roxo que estava vestindo. As tranças grisalhas estavam presas no alto da cabeça, no estilo Heidi.

- O que vocês ainda estão fazendo aqui, afinal?- perguntou Vanessa. - Achei que iam para casa hoje.

O pai bufou ruidosamente pelo nariz como resposta. Ele vestia um suéter de lã vermelha que muito obviamente tinha sido feito para uma mulher, porque as

mangas três-quartos eram franzidas nos ombros.

Vanessa foi na direção dele, olhando de esguelha. O rosto dele estava todo manchado e os olhos vermelhos.

- Pai, você está doente?

Arlo Abrams sacudiu a cabeça e bufou pelo nariz mais uma vez. Lágrimas novas caíram em seu rosto.

- Silêncio, meu amor - sussurrou Gabriela, embora não ficasse claro para quem.

- São os seus filmes - revelou por fim Ruby. Ela nunca foi capaz de guardar nada em segredo. - Eu mostrei seus filmes a eles.

Como é que é?

Vanessa olhou para a irmã mais velha, furiosa demais para dizer alguma coisa. Depois Arlo bufou pelo nariz novamente, o peito pesando dos soluços. Vanessa ficou meio preocupada que ele pudesse estar sofrendo de um ataque ou coisa parecida.

- Pai?

- Nós simplesmente não tínhamos idéia de que você era tão... *artística* - disse Gabriela, a voz falhando. – Nenhuma idéia.

Não era exatamente um elogio, mas Vanessa não se deixava enganar por elogios. Seus filmes eram tão sombrios e estranhos que dificilmente alguém realmente gostava deles.

Arlo pegou o controle remoto e ligou a TV de novo. Eles estavam assistindo à reinterpretação que ela dera a uma cena de *Guerra e paz,* estrelada por ninguém menos do que Dan. A câmera seguiu um pedaço de papel sujo soprado pelo vento pelo Madison Square Park ao pôr-do-sol e depois fixou-se em Dan, deitado desmaiado no banco do parque. Deu um zoom no rosto dele e o coração de Vanessa caiu nos joelhos.

- Dá pra desligar agora? - pediu ela. Mas ninguém deu atenção.

- Não é só que você consegue contar uma história - disse Arlo, em transe. - Mas o modo como você faz, como uma pintora. - Ele virou os olhos injetados e lacrimosos para Vanessa. - Você deixa a gente pequenininho.

- Ela entrou pra NYU mais cedo também, porque ela é boa pra caramba - disse Ruby orgulhosa.

O rosto de Vanessa ardeu.

- Cala a boca.

Gabriela passou um braço tímido pelo ombro dela.

- Temos tanto orgulho de você, Berinjela – sussurrou ela, usando o apelido que Vanessa não ouvia desde que era um bebê.

Depois Arlo se aproximou e abra~ou as duas, o rosto molhado de lágrimas. Ruby estendeu o braço para afagar as costas dele, e logo os quatro estavam presos num abraço coletivo que até o mais hippie dos hippies não podia superar. Era totalmente anti-Vanessa, mas ninguém estava filmando nem nada.

- Jordy vai ficar com a gente por um tempo nesse verão. Tudo bem? - murmurou Gabriela enquanto eles ainda estavam abraçados.

Ruby bufou.

- Não acho que ela ligue para o que vocês vão fazer com o Jordy.

- Ah, pensei que você gostasse dele - disse a mãe.

- Eu gosto - disse Vanessa. E Jordy foi bom enquanto durou. - Eu só...

- Ela gosta muito mais daquele amigo dela, o Dan, do filme - interrompeu Arlo, como se lesse sua mente. – Ele realmente tem alguma coisa.

Ruby riu e Vanessa chutou a calça de couro da irmã.

É, Dan definitivamente tinha alguma coisa e Vanessa sabia muito bem o que era.

Ela.

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas *Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.*

oi, gente!

Não é ótimo voltar? Não é ótimo voltar e *ainda assim* não saber para que universidade vamos no ano que vem? Não é ótimo voltar quando parece que a nossa vida esta na balança e todos vamos ficar totalmente doidos? Bem, aqui esta uma coisinha para pensar: **CHAMANDO TODOS OS MENINOS**

Você sabe que quer me conhecer, e aqui está a sua chance. Amanhã é nosso primeiro dia de volta a escola e o clima deve ser incomumente quente e lindo. Assim que a escola liberar, vocês vão me encontrar deitada numa toalha vermelha, tomando sol no gramado do Sheep Meadow. Todos são bem-vindos para se juntar a mim, e todos também são bem-vindos para me trazer lanchinhos e bebidas. Nada de pretzels e Gatorade, por favor.

Desculpe, meninas, mas este e um convite só para os rapazes. Os meninos nunca foram muito bons em esperar, como nós, e vocês sabem o que dizem – as melhores coisas chegam para as pessoas que sabem esperar.

Seu e-mail

P: CaraGG,

Sabe aquela garota maluca que ***N*** conheceu na reabilitação? Bem, eu moro na rua dela e a gente foi para o Greenwich Saints juntas até que ela foi expulsa. De qualquer forma, ouvi meus pais falando que ela ficou na prisão em Sun Valley por atentado ao pudor, e é tão doido, porque a mãe dela estava na América do Sul e não tinha idéia de que ela estava ali, então os pais daquele cara, o ***C***, tiveram de tirar ela da cadeia também, embora eles nem a conhecessem.

- Conngurl

R: Cara Conngurl,

Acho que isso explicaria muita coisa. E vou te dizer, os pais de ***C*** merecem uma medalha pela generosidade. Pessoalmente, acho que ela podia ter se beneficiado de umas noites a mais na cadeia. Mas o que eu realmente quero saber é - o que deram a ela para vestir na cela da prisão?

-GG

P: cara GossipGurl,

tá legal, então eu não sou uma pervertida que fica assediando as pessoas, mas eu meio que segui esse cara por quem eu era tarada até o prédio de ***S*** e depois sentei na escada do met na chuva, esperando que ele saísse, o que ele só fez depois de escurecer, e agora eu estou com uma gripe danada. me sinto tão idiota.

- atchim

R: Cara atchim,

Isso é meio triste. Embora eu saiba de que cara você está falando, e eu o tenha visto na rua, provavelmente eu faria a mesma coisa. O que ***S*** tem que eu não tenho? Não responda

- somos muito ciumentas dele desse jeito. Além disso, eu também estou gripada!

- GG

P: CaraGG,

Eu soube que as cartas de admissão das universidades vão chegar tarde este ano porque as faculdades não conseguem decidir se aumentam o tamanho das turmas ou rejeitam as pessoas. Eles estão fazendo um fórum secreto sobre isso esta semana.

- ino

R: Caro ino,

Não falo com pessoas que divulgam boatos idiotas sobre as cartas de admissão das universidades. Já somos bem paranóicos com isso.

-GG

Flagra

B na **Wicker Garden** comprando um adorável coelhinho de cashmere amarelo -

provavelmente o primeiro objeto de cashmere que ela não a) compra para si mesma; b) rouba. ***N*** olhando para o prédio de ***B*** na rua 72 como se o prédio tivesse todas as respostas. Não conte com isso, docinho. ***J*** e a amiga grandalhona perseguindo o coitado do garoto a partir da **Smale School** de novo. O que há com essas duas? ***D*** no trem L para **Williamsburg**. ***D*** não saiu do trem L em Williamsburg. ***V*** filmando grama nova crescendo no **Central Park** - não estou brincando. Ela leva o trabalho dela a sério.

P.S.

Não vou estragar tudo por causa de vocês, mas alguém viu ***C*** ultimamente? Ele tem um novo amigo, e estou morrendo de vontade de saber de onde é. É tão exótico!

Vejo vocês no parque, meninos!

Pra você que me ama,

gossip girl

por que s e b ainda são amigas

- Peguei um chá para a gente. - Serena apontou as xícaras brancas e os pires na bandeja de plástico laranja. Ela fungou e enxugou o nariz na manga da blusa Calypso verde-clara.

- Com mel.

Blair permitiu que Serena se sentasse diante dela na mesa de madeira clara do refeitório e aceitou o chá. Estava com uma gripe terrível. Chá com mel seria ótimo mesmo. Ela e Serena sempre se sentavam juntas na hora do almoço, especialmente quando tinham grupo de discussão, do qual as duas eram líderes.

Além disso, tinha uma coisa que Blair queria perguntar a ela.

O refeitório estava apinhado de meninas despejando ketchup nas batatas fritas e trocando fofocas sobre as ferias de primavera.

- Eu soube que Serena e Nate Archibald foram presos por transar no teleférico -

cochichou Rain Hoffstetter para Laura Salmon.

- Eu ouvi dizer que ela vai se mudar para Amsterdã depois da formatura. Ela conheceu aquele cara da equipe olímpica de snowboarding da Holanda. Eles vão se casar – disse Kati Farkas a elas.

- E o pai de Blair agora esta tentando colocar ela na Brown - piou Isabel Coates.
- Porque ela e Erik van der Woodsen escio totalmente apaixonados.

- Não aconteceu nada, sabia, entre mim e Nate – declarou Serena depois que se sentou.

Ela tomou um gole do chá. Na verdade, alguma coisa *tinha* acontecido entre os dois, mas isso foi há muito tempo. - Quer dizer, depois da festa da Georgie.

Blair mexeu o chá. Ela e Serena estavam se ignorando desde a festa em Sun Valley, principalmente porque era mais fácil e mais excitante deixar que a outra imaginasse o que tinha acontecido do que admitir a verdade constrangedora.

Ela empurrou o chá de lado e pousou os cotovelos na mesa, olhando intensamente para Serena.

- Como é que foi?

Serena baixou o chá e assoou o nariz no guardanapo de papel.

- O quê?

- O sexo. Com o Nate.

Serena amassou o guardanapo e o enfiou debaixo da bandeja para que as duas não tivessem de olhar para ele. Essa pergunta era uma armadilha? Será que Blair estava esperando que ela desse a resposta errada para poder cair em cima dela com as garras de fora e rasgar a cabeça de Serena com os dentes?

- Na verdade foi... - Ela se interrompeu, esperando que a expressão de Blair enfeasse, mas Blair só ficou sentada ali olhando, genuinamente interessada. *Ela quer mesmo saber,* percebeu Serena.

- Foi maravilhoso. Nós dois estávamos assustados, mas, como foi com o Nate, foi divertido. - Ela sorriu, lembrando-se. - E a gente nem ficou sem graça depois.

Blair assentiu e olhou para a mesa. Tudo isso era muito bom, mas e ela? Como Nate e ela iam transar se eles nem...?

Por sobre o ombro de Serena, Blair pode ver as meninas do grupo de discussão do primeiro ano indo em direção à mesa. Era hora de mudar de assunto.

- Deixa pra lá - murmurou ela, pegando a bolsa no chão e tirando o material para o grupo de discussão.

- Oi, gente, como foram as férias? - perguntaram em uníssono Mary Goldberg, Vicky Reinerson e Cassie Inwirth as duas veteranas. As três calouras convencidas vestiam suéteres pretos com gola em V. Elas puseram as bandejas do almoço na mesa e se sentaram praticamente uma em cima da outra. - As nossas foram totalmente doidas.

- Que bom - disse Blair sem muito entusiasmo. Ela deu um papel a cada uma. - Se puderem, leiam isso antes de começarmos.

As meninas olharam para o papel e riram como se dissessem: *Como se a gente realmente fosse falar* disso.

- E aí, Serena, trabalhou de modelo nas férias? Eu soube que você fez umas fotos com a equipe olímpica de snowboarding da Holanda, tipo para um creme labial ou coisa assim –

disse Mary Goldberg.

Serena lampejou um sorriso torto para elas. As pessoas imaginavam que ela era tão maluca que ela quase queria que fosse verdade.

- É, foi sensacional!

As outras duas componentes do grupo, Jenny Humphrey e Elise Wells, chegaram trazendo o almoço em sacos de papel pardo. Em vez da salada de sempre do refeitório ou do almoço quente de tiras de peixe com batata frita, elas iam comer rolinhos primavera do restaurante chinês da Lex, que elas pediram que fossem entregues na porta da escola.

Sempre era surpreendente descobrir como as duas meninas podiam ser habilidosas -

exceto para o peito gigante de Jenny – quando elas eram a imagem da inocência e da bondade.

- Jenny está deprimida - anunciou Elise enquanto se sentavam. Ela puxou um pedaço de camarão para fora do rolinho e o enfiou na boca. - Precisa de conselhos. Péssima.

Jenny cutucou a amiga com irritação.

- Eu estou bem. - Ela começou a comer o rolinho, que estava mergulhado, intocado, num banho profundo de molho agridoce. Depois do que ela fez com ele, era basicamente incomível.

- Olha só, o Leo acabou sendo totalmente normal em vez de um duque francês ou coisa assim - explicou Elise, como se todas soubessem exatamente que Leo era esse, ou ligassem para isso. - E o único motivo para ele saber de coisas sobre peles e botas de cachorro e porque ele passeia com o cachorro da Madame T, e todas nós sabemos que ela tem toneladas de peles.

Blair bocejou rudemente e enfiou um pacote de Equal no chá só para ter alguma coisa para fazer. Esperava que Serena cuidasse disso.

De repente Serena pegou o pacote vazio de Equal da mão de Blair e escreveu uma coisa nele. Depois devolveu a ela.

Ele ainda está apaixonado por você, leu Blair.

As meninas do primeiro ano olharam de uma veterana para outra.

- O que vocês *estão fazendo?* - reclamou Mary Goldberg e Vicky Reinerson com irritação por serem deixadas de fora.

Blair dobrou o pacote de Equal e o colocou na bolsa.

- E então, quem sabe fazer tricô?

Jenny não tinha certeza do que diabos estava rolando.

- Eu sei. Aprendi no acampamento de artes no verão passado.

Blair bufou pelo nariz.

- Todo mundo aprende a tricotar no internato? – Ela fungou na direção de Serena.

Serena deu de ombros.

- Eu não aprendi, mas todas as modelos fazem isso. É o que elas fazem nos bastidores dos desfiles.

- A gente sempre quis aprender! - piaram Cassie, Mary e Vicky.

- Tricô? - perguntou Elise, completamente perdida.

Blair puxou o zíper da bolsa Coach e se levantou.

- Vamos - disse ela. - Vamos comprar linha. E, depois da aula, vamos todas tricotar sapatinhos na minha casa. Do outro lado do refeitório, aquela esquisita de cabeça raspada do terceiro ano, Vanessa Abrams, estava filmando a reunião delas com uma nave de plástico rosa que girava e piscava na mesa ao fundo.

Serena se levantou e juntou suas coisas.

- Quer dizer, meias - rebateu ela.

- Não. *Sapatinhos* - corrigiu Blair com um sorriso.

Pelo menos era uma coisa que elas podiam fazer com as mãos além de fumar. E depois da aula seria uma ótima hora para começar, especialmente com os meninos ocupados.

As alunas do primeiro ano seguiram Serena e Blair pelas grandes portas azuis da escola, emocionadas com a idéia de estar numa excursão de campo lideradas pelas duas garotas mais cool de toda a escola.

Depois de tantos meses frios, o calor do sol era do intenso que chegava a ser chocante. . .

- Desculpe por termos brigado - disse Serena a Blair enquanto o grupo de meninas andava para leste, em direção a Terceira Avenida. - Nem vale a pena, se a gente sempre faz as pazes depois.

- Está tudo bem. - Blair piscou os olhos lentamente como um gato ao sol. Talvez fosse o clima, mas de repente ela se sentia estranhamente otimista. Todo dia nasciam bebês e recebiam nomes legais como Yale; meninos e meninas que

estavam rompidos voltam a ficar juntos; grandes amigas brigam e fazem as pazes; e pessoas vão para a faculdade –

em particular a uma universidade chamada Yale. - Está um dia lindo. Acho que é melhor a gente ir para o parque depois da aula, em vez de ir para a minha casa.

- Posso correr lá em casa e pegar uma toalha – ofereceu Serena. - A gente pode se encontrar na campina.

Opa.

eles não conseguem ficar de fora

- Cinqüenta pratas como ela não vai aparecer – desafiou Anthony Avuldse. Os amigos Nate, Anthony, Charlie e Jeremy tinham ido para o Sheep Meadow depois da aula só para ver se uma certa personalidade popular da Internet realmente ia mostrar a cara.

O clima estava ótimo e um bando de garotos já estava jogando Frisbee. Nate reconheceu Jason Pressman, um primeiranista do time de lacrosse do St.Jude, e foi ate lá cumprimentá-lo.

- Tá sabendo do Holmes? - perguntou Jason, com um grande saco de maconha no colo.

Ele estava ocupado apertando baseados pequenininhos e alinhando-os ao lado de uma lata velha de Altoids.

- Eu soube que ele estava sumido. - Nate lambeu os lábios enquanto via Jason colocar maconha dentro de um papel elegantemente dobrado.

- *Preso* - disse Jason. - O cara foi pego no aeroporto de Miami com, tipo assim, um pacote de haxixe. - Ele selou a junção e largou o baseado na lata. -Ele foi expulso. O

treinador disse que você agora *vai* ser o capitão.

Anthony, Charlie e Jeremy estavam apertando os próprios baseados a pouca distância.

Nate se virou e sorriu para eles. Era uma história ainda melhor, que ele tinha desistido de ser capitão só para conseguir no fim. Além disso, ele ganhou o posto.

Jason cumprimentou Nate com um tapa na mão, passando um baseado a ele ao mesmo tempo.

- Bom trabalho, cara. Meus parabéns.

- Ei, obrigado. - Nate segurou o baseado no pulso. – Que dia - observou ele, atirando a cabeça para trás para pegar sol.

Ainda bem que havia mais garotos do que meninas por perto, caso contrario a grama estaria molhada de baba.

A campina estava se enchendo de meninos de escolas particulares que fingiam que só por acaso estavam ali no parque na mesma hora por motivo nenhum. Chuck Bass estava sentado de pernas cruzadas numa toalha vermelha, usando um boné de beisebol com a estampa *Sun Valley Ski Patrol*. Empoleirado em seu ombro, havia um macaquinho branco.

Sim, é isso mesmo. Um macaquinho vivo.

Chuck era um babaca, mas nunca deixava de se divertir. Nate ficou intrigado demais para não verificar. Ele acendeu o baseado que Jason lhe dera e foi até lá.

- O que é isso? - perguntou ele, puxando o baseado.

- Um macaco da neve. Da América do Sul. – Chuck coçou embaixo do queixo do macaco enquanto o animal olhava para Nate com os olhos dourados e confiantes. - Sweetie, esse é Nate. Nate, Sweetie.

- Onde a conseguiu?

Chuck fungou e assoou o nariz num lenço de seda rosa.

- É *ele*. A mãe da Georgie mandou para meus pais como presente de agradecimento...

sabe como é, por tirá-la daquele fiasco de atentado ao pudor. - Ele afagou a longa cauda branca de Sweetie, onde ela se enrolava no ombro esquerdo dele,

como se ele estivesse usando uma estola de pele cara, só que viva. - Na verdade, tem macaco da neve no zoológico aqui do Central Park, mas eles raramente dão bichos de estimação. A mamãe acha que o Sweetie fede, mas agora eu tenho meu pr6ório apartamento no Sutton Place.

Então posso ficar com ele.

Bem, ele não é sortudo?

- Legal. - Nate já estava de saco cheio do macaco e pronto para passar para outra coisa.

- Aí, Nate! - gritou Jeremy para ele. - Esse cara tá saindo com sua ex-namorada. Aquela do primeiro ano com os peitões!

A seis metros de distância, Jeremy, Charlie e Anthony conversavam com um garoto louro platinado que Nate achou que conhecia, mas não tinha certeza. Ele foi ate lá e trocou um aperto de mão com o garoto, mantendo o baseado entre os lábios, como Humphrey Bogart ou coisa assim.

- A gente não esta *saindo* - insistiu Leo nervosamente. - A gente meio que se conheceu pela Internet e depois ficamos amigos e depois... - Ele parou e franziu a testa para Nate.

- Olha, eu não sabia que ela tinha ficado com *você*. – Ele enfiou as maos nos bolsos do jeans e chutou a grama. – E depois, agora não estamos nem nos falando.

Nesse momento Serena van der Woodsen e Blair Waldorf chegaram a campina, seguidas por cinco garotas mais novas, inclusive Jenny Humphrey, a notória "garota do primeiro ano com os peitões". As meninas ajudaram Serena a estender uma enorme toalha vermelha. Depois todas se sentaram de pernas cruzadas na toalha, formando um círculo fechado. Blair passou a cada uma delas uma bola de linha amarelo-clara e um jogo de agulhas de tricô de metal rosa.

- Primeiro temos de prender a linha numa agulha instruiu Jenny. Ela deu um laço na linha, enfiou na ponta de sua agulha e começou a prender. As outras meninas se curvaram, observando de perto.

A menos de 15 metros Nate continuava a fumar o baseado.

- Mas você *gosta* dela. Quer dizer, admita isso. É difícil não gostar dela.

Leo corou.

- É.

- E aí, o que está fazendo? Por que não vai lá... – Nate apontou para a roda de meninas na toalha vermelha - e dá um beijo nela? É o que eu faria. - Assim que disse isso ele percebeu que era o que ele precisava fazer com a Blair. Só ir até lá e dar um beijo nela.

Ele ficou excitado o tempo todo em que não fumou bagulho, mas quando estava chapado ele era *romântico.* Era uma das coisas que Blair adorava nele.

- Sei lá - disse Leo baixinho. - Talvez uma outra hora.

- É - concordou Nate. Agora não era mesmo uma boa hora.

Os cinco rapazes ainda estavam vendo o grupo de meninas tricotando quando Dan chegou, parecendo esfarrapado e supercafeinado como sempre, um Camel pendurado nos dedos brancos e trêmulos.

- Ei, você e minha irmã terminaram? – perguntou ele a Leo.

Leo olhou para ele, desamparado.

- Não tenho certeza.

Dan girou a cabeça desgrenhada para ver a cena. Seu colega de turma e Babaca Extraordinário, Chuck Bass, estava sentado no chão com um macaco branco no ombro.

Chuck tinha até levado o macaco para a escola naquela manha, mas os professores obrigaram-no a levá-lo para casa. Depois Dan viu uma coisa que fez com que deixasse o cigarro ainda aceso cair na grama molhada.

Vanessa estava ajoelhada numa toalha vermelha três metros atrás de Chuck, o rosto obscurecido pela câmera. Diante dela estava o OVNI de plástico rosa que ele mandou para ela, girando e piscando loucamente em cima de um banquinho dobrável. Dan podia ouvir a musiquinha pop japonesa que saía do brinquedo, e isso o fez querer dançar uma jiga animadinha.

Não que ele fosse em frente e *dançasse* mesmo.

Nate puxou o baseado e assentiu para Vanessa.

- Acha que é ela?

- De jeito nenhum - disse Dan. Embora ele secretamente se perguntasse se Vanessa podia ser a dona sensual do site que todos vieram ver. Seria como se ela fizesse alguma coisa totalmente inadequada e pirasse todo mundo. – Talvez ela não tenha vindo.

Nate apontou o baseado apagado para Chuck.

- A não ser que ela já esteja aqui.

Os seis meninos olharam Chuck por um momento, rindo para si mesmos. Apesar do fato de isso ter parecido um evento frustrante só de meninos, havia muitas garotas por perto.

Kati Farkas e Isabel Coates estavam afagando o macaco de Chuck e espionando o grupinho de tricô de Blair e Serena.

- O que elas estão fazendo? - gemeu Kati. Ela coçou atrás das orelhas de Sweetie e o macaco mostrou os dentes.

- As orelhas dele são sensíveis! - alertou Chuck.

- Talvez elas estejam tricotando coisas para esconder drogas. Ouvi dizer que os traficantes usam bebes para atravessar drogas para outros países - sugeriu Isabel, desejando desesperadamente poder se juntar à roda.

- Você não adora o jeito como todo mundo olha para a gente como se a gente fosse...

bruxa, tipo assim? - cochichou Serena.

As outras meninas riram numa conspiração.

Blair enxugou o nariz e reaplicou brilho labial. Não passou despercebido o fato de que Nate estava entre os que olhavam para elas.

- Eles não sabem de nada - concordou ela, embora ela e o resto das meninas do grupo estivessem absolutamente ansiosas por atenção.

O meio-irmão dela, Aaron Rose, chegou com o violão e se sentou no canto da toalha das meninas.

- O que devo tocar? - perguntou ele.

- *Nada.* - Todas estavam só tricotando, mas a música do brinquedinho maluco de Vanessa as estava deixando malucas.

- *"Stir ir up, little darling, stir it up..."* - começou ele, cantando sua música de reggae preferida. Aaron tinha acabado de aparecer para ver se Blair era a garota de que todos falavam tanto. Pelo que ele sabia, podia ser qualquer uma delas.

- Não dá pra saber - observaram vários meninos na campina.

É verdade. Não dá pra saber.

Gossipgirl.net

---

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas *Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.*

oi, gente!

SOBRE ONTEM À NOITE

Desculpe, meninos, mas vocês foram podres! Sei que foi totalmente cruel de minha parte não me revelar, mas admitam, vocês gostaram, e não foi divertido? Era só o que vocês precisavam, né? O melhor de tudo, vocês conheceram aquele macaquinho doce. E, embora odeiem ter de admitir, vocês meio que gostaram de não saber ainda quem eu sou, porque vocês *adoram* imaginar como eu sou. Sou a garota dos seus sonhos.

O QUE NÃO SABEMOS E ESTAMOS MORRENDO DE VONTADE DE

DESCOBRIR

Será que ***N*** e ***B*** vão voltar?

S vai encontrar alguém para amar?

V e ***D*** vão se perdoar e viver infelizes para sempre?

Será que vamos saber mais de ***G***? Será que queremos?

J e ***L*** vão se entender? Ela vai querer?

C vai assumir?

E eu?

Vocês sabem que estou louca para responder a todas as perguntas acima. Mas primeiro estou construindo um altar para o Santo da Admissão nas Universidades. Todo dia eu vou comprar um novo presente para o santo, tipo aquele par de sandálias de contas que vi no departamento de calçados da Barney's, ou aquela bolsa rosa que todo mundo está comentando e nenhuma loja parece ter. Assim, se eu não entrar para a universidade que prefiro, terei montes de prêmios de consolação. E,se eu entrar, terei uma desculpa para me parabenizar com mais presentes ainda. De qualquer forma, não vou perder. Nenhum de nós vai!

Pra você que me ama,

gossip girl

FIM